



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

Ana Caroline de Lima Parreira

**Investigação diacrônica de construções complexas formadas por  
[[*achar*] + [predicação não-verbal]]**

São José do Rio Preto  
2018

Ana Caroline de Lima Parreira

**Investigação diacrônica de construções complexas formadas por  
[[*achar*] + [predicação não-verbal]]**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto  
2018

Parreira, Ana Caroline de Lima.

Investigação diacrônica de construções complexas formadas por  
[[*achar*] + [predicação não-verbal]] /Ana Caroline de Lima Parreira.

-- São José do Rio Preto, 2018

194 f. : il.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Verbos. 3. Gramática  
comparada e geral - Verbo. 4. Diacronia. I. Universidade Estadual  
Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e  
Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 469.0-541.45

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Ana Caroline de Lima Parreira

**Investigação diacrônica de construções complexas formadas por  
[[*achar*] + [predicação não-verbal]]**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

**Comissão Examinadora**

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador  
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Sousa  
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos  
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale  
(UFSCar – São Carlos)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira  
(UFMS – Três Lagoas)

São José do Rio Preto  
25 de maio de 2018

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua onipresença em minha vida e infinita misericórdia.

Aos meus pais, Léa e Lupércio, grandes incentivadores para que eu continue trilhando os caminhos acadêmicos, pelo amor sempre dedicado a nossa família e, principalmente, por terem me ensinado que, mesmo diante das dificuldades impostas pela vida, é preciso lutar para poder vencer.

Ao meu irmão, Luiz Gustavo, que, com seu modo despreocupado e travesso de ser, ensinou-me que, muitas vezes, é preciso levar a vida de um jeito leve.

Aos meus avós, Aparecida e Luis (*in memoriam*), que SEMPRE fizeram tudo por mim. Minha eterna gratidão por serem anjos na terra e iluminarem a vida de todos que cruzam seus caminhos.

Ao meu amado, Ricardo, pelo amor e carinho sempre demonstrados por mim, por ser amigo, companheiro, namorado, marido e por ter me ajudado a enfrentar todos os momentos bons e ruins por que passei.

Aos meus amigos, em especial a Juliane Camila Chatagnier e Vivian de Assis Lemos, por terem compartilhado comigo as angústias e alegrias durante todo o processo da pesquisa. Sou grata, especialmente, a Juliane pelas revisões das traduções presentes neste trabalho e pelo incentivo que foi fundamental nos momentos finais desse processo.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela oportunidade que me concedeu quando todas as portas se fecharam para mim, pelo cuidado, atenção e afeto sempre demonstrados, principalmente, nos momentos de dúvida e desânimo. Não posso deixar de registrar minha admiração e respeito por tudo que me ensinou e por sua perspicácia em esclarecer questões consideradas insolúveis para mim.

À Profa. Dra. Gisele de Cássia Sousa e ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Sousa, pela avaliação atenta que fizeram de meu trabalho no exame de qualificação.

Aos professores que compuseram a banca da defesa, Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Sousa, Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos, Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale e Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, pela disponibilidade em ler o meu trabalho, pela forma respeitosa com que conduziram suas avaliações e por transformarem esse momento em mais uma oportunidade de grande aprendizagem.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos de doutorado.

## RESUMO

Este trabalho investiga dois tipos de predicacões não-verbais encaixadas no verbo *achar* e estruturadas por recurso a predicador de natureza adjetival, o primeiro designado *predicacão não-verbal encaixada simples* (*acho (que) a pesquisa (é) interessante*) e o segundo, *predicacão não-verbal encaixada complexa* (*acho (que é) bom (que) você ir /vá embora*). O principal objetivo do trabalho consiste em traçar o percurso de desenvolvimento diacrônico dessas construções na história do português, adotando-se como aparato teórico-metodológico os *Modelos Baseados no Uso* (KEMMER; BERLOW, 2000; BYBEE, 2010), perspectiva que procura conjugar pressupostos da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo, estes representados, especialmente, pelos estudos sobre gramaticalização de orações (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; LEHMANN, 1988). A fim de atestar a trajetória de mudançã das construções em análise, investigaram-se dois diferentes *corpora*: um primeiro, composto por amostras do português histórico dos séculos XIII a XX; e um segundo, que inclui amostras de fala representativas do século XXI. A análise dos resultados comprovou que as predicacões não-verbais, ao longo da história do português, não resultam de um processo de integraçã de orações, como propõe Lehmann (1988) para as predicacões verbais. Constatou-se que essas construções sã resultantes de um processo de gramaticalizaçã que leva à expansã da estrutura e do significado dos argumentos que as constituem, motivada por analogizaçã. As mudançãs observadas nas predicacões não-verbais encaixadas envolvem três fatores: o primeiro de ordem formal, diz respeito ao tipo morfossintático do argumento sujeito da construçã, que, de nominal passa a oracional; o segundo, de ordem funcional, relaciona-se ao tipo semântico da entidade representada pelo argumento sujeito, que de indivíduo passa a permitir a codificaçã também de estado-de-coisas, episódio e proposiçã (LYONS, 1977; DIK, 1989; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); o terceiro, também de ordem funcional, refere-se à classe semântica do predicado não-verbal, que se expande da classe dos qualificativos para a classe dos avaliativos e dos modais. Essas mudançãs em conjunto, associadas à abstratizaçã do verbo *achar*, permitiram comprovar a hipótese de que predicacões não-verbais simples, mais integradas à construçã matriz, submetem-se a um processo histórico de expansã semântica e estrutural, rumo a um complexo oracional menos integrado, e não a processo contrário. Conclui-se, portanto, que essa nova forma de organizaçã do complexo oracional reflete o modo como a língua permite aos falantes avaliar experiências mais abstratas, a partir de experiências mais concretas, utilizando-se, para isso, de estruturas pré-existentes na língua.

Palavras-chave: Verbo *achar*. Predicacão não-verbal. Subordinaçã. Diacronia.

## ABSTRACT

*This study investigates two kinds of non-verbal constructions embedded in the verb *achar* and structured using a predicate of adjectival nature, the first one designated as *predicação não-verbal encaixada simples* (simple non-verbal embedded construction) (*acho (que) a pesquisa (é) interessante*) and the second, *predicação não-verbal encaixada complexa* (complex non-verbal embedded construction) (*acho (que é) bom (que) você ir /vá embora*). The aim of this work is to trace the course of development of these constructions in the history of Portuguese language, adopting as theoretical-methodological approach *Usage Based Models of Language* (Kemmer; Berlow, 2000; Bybee, 2010), perspective that seeks to combine *Cognitive Linguistics and Functionalism* assumptions, especially represented by studies on *clauses grammaticalization* (Hopper; Traugott, 2003; Lehmann, 1988). In order to attest the path of changing of the constructions in analysis, we investigated two different corpora: the first composed of Portuguese historical samples from 13<sup>th</sup> to 20<sup>th</sup> centuries and the second, which includes representative speech samples of the 21<sup>st</sup> century. The analysis of the results proved that the non-verbal constructions, throughout the history of Portuguese, do not result from a clause integration process, as proposed by Lehmann (1988) for the verbal predications. It was noted that these constructions are result of a grammaticalization process that leads to the expansion of the structure and the meaning of the arguments which compose them motivated by analogy. The observed changes in non-verbal embedded constructions involve three factors: the first, from formal order, concerned to the morphosyntactic type of the construction subject argument, which changes from nominal to clausal; the second, from functional order, relates to the semantic type of the entity represented by the subject argument that from individuals allow the coding also of state of affairs, episode and proposition (LYONS, 1977; DIK, 1989; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); the third, also from functional order, refers to the semantic class of non-verbal predicate, which expands from qualificatives class to evaluation and modal class. These changes together, associated with the abstractization process of the verb *achar*, allowed to prove the hypothesis that simple non-verbal constructions, more integrated with the matrix construction, undergo a historic process of semantic and structural expansion, towards to a less integrated sentence complex, and not to the opposite process. It is therefore concluded that this new form of organization of complex sentence reflects the way language allows speakers to evaluate more abstract experiences, based on more concrete experiences, using for this, pre-existing structures in language.*

**Keywords:** *Verb *achar*. Non-verbal predication. Subordination. Diachrony.*



## LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICOS E ABREVIATURAS

### QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Primeira hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> .....	22
<b>Quadro 2</b>	Segunda hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> .....	23
<b>Quadro 3</b>	<i>Continua</i> de articulação de orações.....	50
<b>Quadro 4</b>	Composição do <i>corpus</i> diacrônico.....	88
<b>Quadro 5</b>	Composição do corpus sincrônico do PB contemporâneo.....	90
<b>Quadro 6</b>	Predicados adjetivais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XXI).....	120
<b>Quadro 7</b>	Predicados adjetivais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIII).....	126
<b>Quadro 8</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIV).....	134
<b>Quadro 9</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XV).....	138
<b>Quadro 10</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVI).....	145
<b>Quadro 11</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVII).....	150
<b>Quadro 12</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVIII).....	157
<b>Quadro 13</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIX).....	165
<b>Quadro 14</b>	Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XX).....	170
<b>Quadro 15</b>	Síntese dos padrões construcionais apurados nas diferentes sincronias do português.....	173
<b>Quadro 16</b>	Segunda hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> .....	184

### TABELAS

<b>Tabela X</b>	Frequência <i>token</i> e <i>type</i> de padrões de predicção não-verbal encaixada no verbo <i>achar</i> (século xxxx).....	93
<b>Tabela 1</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XXI).....	113
<b>Tabela 2</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIII).....	121
<b>Tabela 3</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIV).....	127
<b>Tabela 4</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XV).....	135
<b>Tabela 5</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVI).....	138
<b>Tabela 6</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVII).....	146
<b>Tabela 7</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XVIII).....	151
<b>Tabela 8</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XIX).....	158
<b>Tabela 9</b>	Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> (século XX).....	167

## GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Comparativo dos padrões de <i>achar</i> encontrados do século XIII ao XXI.....	175
<b>Gráfico 2</b>	Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo].....	176
<b>Gráfico 3</b>	Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [avaliativo].....	176
<b>Gráfico 4</b>	Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [estativo].....	176
<b>Gráfico 5</b>	Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/avaliativo].....	176
<b>Gráfico 6</b>	Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/estativo].....	176
<b>Gráfico 7</b>	Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo].....	177
<b>Gráfico 8</b>	Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [avaliativo].....	177
<b>Gráfico 9</b>	Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [estativo].....	178
<b>Gráfico 10</b>	Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/avaliativo].....	178
<b>Gráfico 11</b>	Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/estativo].....	178
<b>Gráfico 12</b>	Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo].....	179
<b>Gráfico 13</b>	Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [avaliativo].....	179
<b>Gráfico 14</b>	Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [estativo].....	180
<b>Gráfico 15</b>	Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/avaliativo].....	180
<b>Gráfico 16</b>	Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em <i>achar</i> [processo/estativo].....	181

## ABREVIATURAS

<b>ADJ</b>	Adjetivo
<b>ARG</b>	Argumento
<b>CONST.</b>	Construção
<b>ENCX.</b>	Encaixada (predicação)
<b>EsCo</b>	Estado-de-coisas
<b>EP</b>	Episódio
<b>FIN.</b>	Finita
<b>FREQ.</b>	Frequência
<b>INDV</b>	Indivíduo
<b>INF</b>	Infinitiva
<b>MORF.</b>	Morfológica
<b>No.</b>	Número
<b>PB</b>	Português brasileiro
<b>PRED</b>	Predicado(r)
<b>PROP</b>	Proposição
<b>RED.</b>	Reduzida
<b>SA</b>	Sintagma adjetival
<b>SN</b>	Sintagma nominal
<b>V.</b>	Verbo
<b>-V</b>	Não-verbal

## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I – MODELOS BASEADOS NO USO</b> .....	<b>27</b>
1.1. Pressupostos teóricos básicos das abordagens centradas no uso .....	27
1.2. Definição clássica de Gramaticalização.....	43
1.3. Gramaticalização de orações complexas .....	44
1.4. A abordagem recente da gramaticalização: do léxico à construção .....	52
1.5. Predicações não-verbais em uma abordagem funcionalista.....	56
1.6. O tratamento das predicações não-verbais no português falado no interior paulista.....	60
1.7. Questionamentos às propostas de Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (2003).....	62
<b>CAPÍTULO II – O TRATAMENTO DO VERBO ACHAR NA LITERATURA</b> .....	<b>69</b>
2.1. A origem latina do verbo <i>achar</i> e seus significados assumidos no PB .....	69
2.2. O verbo <i>achar</i> como modal epistêmico .....	72
2.3. Caracterização dos significados do verbo <i>achar</i> .....	84
<b>CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>87</b>
3.1. <i>Corpora</i> de análise .....	87
3.2. Apuração de frequência de uso .....	91
3.3. Parâmetros de análise.....	94
3.3.1. Parâmetros formais .....	94
3.3.2. Parâmetros semântico-pragmáticos .....	98
<b>CAPÍTULO IV – PREDICAÇÕES NÃO-VERBAIS ENCAIXADAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS</b> .....	<b>110</b>
4.1. Retomando as hipóteses de trabalho .....	110
4.2. Predicações não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> no PB contemporâneo .....	112

4.3. Predicações não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> em diferentes sincronias do português.....	121
4.3.1. Século XIII.....	121
4.3.2. Século XIV.....	127
4.3.3. Século XV.....	134
4.3.4. Século XVI.....	138
4.3.5. Século XVII.....	146
4.3.6. Século XVIII.....	151
4.3.7. Século XIX.....	158
4.3.8. Século XX.....	166
<b>CAPÍTULO V – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS PREDICAÇÕES NÃO-VERBAIS ENCAIXADAS NO VERBO ACHAR.....</b>	<b>170</b>
5.1. A evolução diacrônica das predicações não-verbais encaixadas no verbo <i>achar</i> .....	172
5.2. Rumo à verificação das hipóteses.....	182
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>189</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha de estudos sobre mudança linguística e filia-se à corrente funcionalista de estudos da linguagem, a qual tem como um de seus pressupostos a concepção de que a língua é um instrumento de comunicação e de interação social cujas expressões linguísticas se adaptam às funções que elas exercem no contexto comunicativo. Essa concepção de língua impõe ao estudioso uma investigação dos fenômenos linguísticos que esteja pautada no uso real da linguagem, o que significa não admitir separações entre sistema e uso.

Conforme assinala Neves (1997), qualquer abordagem funcionalista deve ter como questão básica de interesse a verificação de como a comunicação é obtida com a língua, ou seja, de como os usuários da língua estabelecem uma comunicação eficaz. Essa consideração, segundo a autora, implica compreender as expressões linguísticas enquanto configurações de funções, à medida que cada uma das funções exerce um modo de significação distinto dentro da frase. Assim, para além da concepção de linguagem como um instrumento de comunicação, é necessário um tratamento funcional da própria organização interna à língua.

Sob esse paradigma teórico, o estudo da mudança linguística tem se voltado à investigação das diferentes funções desenvolvidas pelas expressões linguísticas de uma perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica ou mesmo na conjugação dessas duas perspectivas.

Com base nesses postulados gerais iniciais, o objetivo geral deste trabalho é investigar um tipo de complexo oracional formado pelo predicado avaliativo *achar*, no qual se encaixa ou uma predicação não-verbal simples (*tipo 1*) ou uma predicação não-verbal complexa (*tipo*

2),<sup>1</sup> ambas estruturadas por recurso a um predicador não-verbal, de natureza adjetival, antecedido ou não de cópula, conforme exemplificado em (1) e (2), a seguir.

(1) **Tipo-1: predicação não-verbal simples encaixada, de dois tipos:**

**a. Tipo 1-a:** estruturada sem recurso a complementizador e à cópula (reduzida), como em:

*Eu acho [∅[[seu cabelo]<sub>SN</sub> [∅[**lindo**]<sub>ADJ</sub>]]] ENCAIXADA REDUZIDA SIMPLES*

**b. Tipo 1-b:** estruturada por recurso a complementizador e à cópula (finita), como em:

*Eu acho [**que** [[seu cabelo]<sub>SN</sub> [**é** [**lindo**]<sub>ADJ</sub>]]] ENCAIXADA FINITA SIMPLES*

(2) **Tipo-2: predicação não-verbal complexa encaixada, também de dois tipos:**

**a. Tipo 2-a:** estruturada por recurso a complementizador e à cópula (finita), como em:

*Eu acho [**que** [**é** [**bom**]<sub>ADJ</sub>] [**que** [você vá embora]]] ENCAIXADA FINITA ENCAIXADA FINITA COMPLEXA*

*Eu acho [**que** [**é** [**bom**]<sub>ADJ</sub>] [∅ [você ir embora]]] ENCAIXADA NÃO-FINITA ENCAIXADA FINITA COMPLEXA*

**b. Tipo 2-b:** estruturada sem recurso a complementizador e à cópula (reduzida), como em:

*Eu acho [∅ [∅[**bom**]<sub>ADJ</sub>] [**que** [você vá embora]]] ENCAIXADA FINITA ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA*

*Eu acho [∅ [∅[**bom**]<sub>ADJ</sub>] [∅ [você ir embora]]] ENCAIXADA NÃO-FINITA ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA*

A partir do cotejo dos subtipos de construções exemplificados acima ((1a-1b) x (2a-2b)), é possível propor o esquema abstrato, em (3) abaixo, por meio do qual se instanciam quaisquer dos tipos de construções aqui considerados.<sup>2</sup>

(3) **Esquema abstrato de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar***

([ARGUMENTO]) ACHAR [[ARGUMENTO]<sub>NOMINAL/ORACIONAL</sub> [PREDICADO]<sub>ADJ</sub>] CONST.NÃO-VERBAL ENCX  
 → (...) constituinte opcional; .../... tipos mutuamente exclusivos

<sup>1</sup> O conceito de *construção* é entendido neste trabalho nos termos de Bybee (2010), para quem a construção consiste em um pareamento entre forma e significado que apresenta uma estrutura sequencial e pode incluir posições tanto fixas como abertas.

<sup>2</sup> Representam-se, neste esquema, as partes internas da construção não-verbal encaixada em sua ordem canônica, não-marcada, [[ARGUMENTO] [PREDICADO]]. Ocorrências com constituintes na ordem marcada, [[PREDICADO] [ARGUMENTO]], se instanciam no mesmo esquema proposto, obedecendo-se, no entanto, a fatores de ordem pragmática e estrutural, como sugere Goldberg (1995), ao tratar do princípio psicológico da não-sinonímia, interveniente na organização de padrões construcionais em rede.

A construção encaixada no verbo *achar*, como se constata nos exemplos acima, por não se estruturar em torno de um verbo, caracteriza o que Hengeveld (1992) e Dik (1997) denominam de *predicações não-verbais*. Segundo esses autores, predicações não-verbais são construções cujo predicado, de natureza categorial diferente da de verbo (nome, adjetivo, advérbio, por exemplo), impõe restrições valenciais na seleção dos argumentos sobre os quais predica. Na estruturação de uma predicação não-verbal, a cópula tem por função apenas servir de suporte à expressão de noções gramaticais (Tempo, Modo/Modalidade e Aspecto) não afeitas à categoria dos predicados não-verbais e, desse modo, não é parte do centro da predicação. Em (1), a predicação não-verbal simples encaixada no verbo *achar*, *[[seu cabelo] (é) [lindo]]*, tem como núcleo da predicação o adjetivo *lindo*, que predica sobre o argumento nominal *seu cabelo*, do mesmo modo que, em (2), a predicação não-verbal complexa encaixada no verbo *achar*, *[(é) [bom] [(que) [você vá/ir embora]]]*, tem como núcleo da predicação o adjetivo *bom*, que predica sobre o argumento oracional *[(que) [você vá/ir embora]]*. Importante a se observar, por ora, é que a presença ou a ausência de cópula na estruturação da predicação não-verbal encaixada no verbo *achar*, seja ela simples (como em (1)) ou complexa (como em (2)), é fator que, respectivamente, leva à realização da construção como finita, introduzida por complementizador (como em (1b) e (2a)), ou como infinitiva, sem complementizador (como (1a) e (2b)).

Na distinção dos complexos oracionais dos Tipos-1 e -2 mostrados acima, é necessário ainda que se reconheçam operações distintas de encaixamento, as quais dependem da natureza morfossintática do argumento da predicação não-verbal encaixada, se nominal ou se oracional, como mostra o esquema abstrato em (3).

Para complexos oracionais do Tipo-1, ocorre o **encaixamento simples** de uma predicação não-verbal no predicado da construção de nível mais alto, o verbo *achar*, operação que leva, então, ao reconhecimento de duas relações de predicação:

- (i) uma envolvendo o predicado *achar* e a construção oracional simples sobre a qual ele predica ([*seu cabelo*] (*é*) [*lindo*]);
- (ii) e outra, que, interna à construção encaixada, envolve o predicado não-verbal ([*lindo*]) e o argumento nominal sobre o qual ele predica ([*seu cabelo*]).

Para complexos oracionais do Tipo-2, ocorre **encaixamento complexo** de uma predicação não-verbal complexa no predicado da construção de nível mais alto, o verbo *achar*, operação que leva ao reconhecimento de três relações de predicação:

- (i) a primeira envolvendo o predicado *achar* e a construção oracional complexa sobre a qual ele predica ([(*é*) [*bom*] [(*que*) [*você vá/ir embora*]]]);
- (ii) a segunda, que, interna à construção encaixada complexa, envolve o predicado não-verbal ([*bom*]) e o argumento oracional sobre o qual ele predica ([(*que*) [*você vá/ir embora*]]);
- (iii) a terceira que, também interna à construção encaixada complexa, envolve o predicado verbal ([*ir embora*]) e o argumento sobre o qual ele predica ([*você*]); essa terceira predicação ([*você vá/ir embora*]), por constituir argumento sobre o qual incide um predicado não-verbal ([*bom*]), não afeta a natureza categorial da construção complexa encaixada, que continua sendo uma construção de natureza não-verbal.

A escolha em investigar esses tipos de construção deve-se ao fato de eles estarem sendo aqui considerados como um processo distinto de encaixamento oracional, em razão de o predicado da construção encaixada, seja esta simples ou complexa, ser de natureza categorial diferente da de verbo. Diga-se, a esse respeito, que, no âmbito do Funcionalismo, sobretudo dos estudos acerca da subordinação sentencial, pouca (ou nenhuma!) atenção é dispensada à necessária distinção entre processos de combinação resultantes de encaixamento de construções verbais daqueles envolvendo predicacões não-verbais, principalmente quando a proposta de investigação se volta para a abordagem (sincrônica ou diacrônica) da gramaticalização de orações, sob a qual se procura verificar o grau de vinculação entre oração matriz e oração encaixada, considerando-se, dentre outros fatores, os tipos sintático-semânticos de predicados que as formam (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; NOONAM, 2007; GONÇALVES; SOUSA, 2013; GONÇALVES et al., 2008; FORTILLI, 2013; GONÇALVES, 2011, 2012; BRAGA, 1999, dentre outros). Mais especificamente, os



estudos acerca da gramaticalização do verbo *achar*, além de também não fazerem essa distinção, não consideram predicções não-verbais simples reduzidas (como em (1a)) como complementos oracionais encaixados (GALVÃO, 1999; GONÇALVES, 2003).

Em pesquisa anterior, Parreira (2014) investigou o comportamento sintático, semântico e pragmático apenas de construções do Tipo-1, em amostras de fala do PB contemporâneo do século XXI. Foi possível estabelecer para esse tipo de construção um percurso de gramaticalização paralelo ao proposto por Lehmann (1988), para as predicções verbais, segundo o qual orações finitas podem se dessentenciar e passarem a não-finita, até atingirem grau máximo de dessentenciarização, tornando-se uma nominalização encaixada. A trajetória de gramaticalização proposta para essas construções, em bases puramente sincrônicas, é a ilustrada no esquema apresentado em (4).

(4) *Continuum* de gramaticalização de predicções não-verbais simples encaixadas no verbo *achar*<sup>3</sup>

Predicação não-verbal finita	>	Predicação não-verbal finita (SN identificador)	>	Predicação não-verbal reduzida (avaliativo posposto)	>	Predicação não-verbal reduzida (avaliativo anteposto)
[que + [entidade avaliada] + cópula + [avaliativo]]	>	[que + [entidade avaliada] + cópula + [entidade identificadora] + [avaliativo]]	>	[[entidade avaliada] + [avaliativo]]	>	[[avaliativo] + [entidade avaliada]]
<i>acho que a juventude é importante</i>		<i>acho que a juventude é um período importante</i>		<i>acho a juventude importante</i>		<i>acho importante a juventude</i>

(PARREIRA, 2014, p. 126)

Como pode ser visto, as predicções não-verbais encaixadas simples finitas ocupam a posição inicial nesse *continuum*, uma vez que ainda se observa a presença do complementizador e da cópula, característicos de uma integração fraca entre o predicado matriz e a predicção encaixada. A perda do complementizador e da cópula, por meio do processo de dessentenciarização, leva a uma construção mais integrada, que mantém em seu

<sup>3</sup> O arranjo entre as orações apresentado neste *continuum* levou em consideração o grau de integração sintático-semântico entre a oração matriz e a encaixada.

domínio um SN e um predicador avaliativo, estabelecendo uma relação de predicação. O último ponto focal desse *continuum* compreende as predicções simples reduzidas, dentre as quais as orações com avaliativo anteposto à entidade avaliada podem ser consideradas mais integradas do que aquelas em que o avaliativo está posposto, dada a proximidade desse elemento ao predicado matriz. Assim, as predicções reduzidas cujo elemento avaliativo está posposto à entidade avaliada, apesar de serem menos integradas em relação às anteriores, ainda são mais integradas do que as finitas. Ainda acerca do *continuum* proposto, os contextos com SNs identificadores e elemento avaliativo posposto poderiam constituir casos menos integrados da predicação reduzida e, assim, corresponder a estágios intermediários entre a forma desenvolvida e a completamente reduzida.

Na busca de comprovação diacrônica para o *continuum* mostrado em (4), em razão do paralelo semântico e estrutural às construções do Tipo-1, passou-se a considerar também, na presente investigação, tipos de construções mais complexas encaixadas no verbo *achar*, como as do Tipo-2, visando verificar possíveis desenvolvimentos contextuais entre esses dois tipos. Assim, a hipótese mais geral que passou a guiar o presente trabalho é de que predicções não-verbais encaixadas simples (Tipo-1) constituem um complexo oracional mais integrado, do ponto de vista sintático, semântico e pragmático, do que suas respectivas contrapartes mais complexas (Tipo-2), ambos os tipos com emergência em períodos diferenciados da história do português, inclusive no que diz respeito às suas estruturas internas (tipos 1a e 1b *versus* tipos 2a e 2b). Constitui, portanto, objetivo principal desta pesquisa traçar o percurso histórico de gramaticalização dessas construções na história do português, avaliando em que medida uma trajetória de gramaticalização proposta apenas para predicções verbais encaixadas, como é o caso da proposta de Lehmann (1988), se aplicaria às predicções não-verbais encaixadas em exame.

A comprovação de um percurso de gramaticalização proposto para esses tipos de construções encaixadas só pode ser viabilizada por meio do desenvolvimento de uma pesquisa que considere dados diacrônicos do português. Desse modo, a relevância do presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender o processo de gramaticalização, ao longo da história da língua portuguesa, de predicções não-verbais (simples e complexas) encaixadas em uma predicção de nível mais alto em que figura o verbo *achar*.

Já Parreira (2014), inspirada na proposta de Lehmann (1988), aventara a necessidade de elaboração de uma escala própria de gramaticalização para predicções não-verbais encaixadas, por reconhecer que esse tipo de construção se distinguiria das construções verbais encaixadas na medida em que a natureza do verbo *achar* não permitiria que uma proposição nele encaixada se reduziria a uma entidade nominalizada, como ocorre com certas construções verbais encaixadas, conforme se verifica no contraste entre as construções encaixadas em (5) e (6) e as encaixadas em (7).<sup>4,5</sup>

- |     |   |  |
|-----|---|--|
| (5) | a. Eu acho [ <b>que o seu cabelo é lindo</b> ].<br>b. Eu acho [ <b>seu cabelo lindo</b> ] / [ <b>lindo seu cabelo</b> ].<br>c. *Eu acho [a lindeza do seu cabelo].      | → encaixada não-verbal finita simples<br>→ encaixada não-verbal reduzida simples<br>→ encaixada nominalizada   |
| (6) | a. Eu acho [ <b>que é bom</b> [ <b>que</b> você vá]/[você ir]]<br>b. Eu acho [ <b>bom</b> [ <b>que</b> você vá]/[você ir]]<br>c. *Eu acho [ <b>uma bondade</b> sua ida] | → encaixada não-verbal finita complexa<br>→ encaixada não-verbal reduzida complexa<br>→ encaixada nominalizada |
| (7) | a. Eu vi que [Maria saiu].<br>b. Eu vi [ <b>Maria sair</b> ] / [ <b>Maria saindo</b> ].<br>c. Eu vi [ <b>a saída de Maria</b> ].  | → encaixada verbal finita<br>→ encaixada verbal não-finita<br>→ encaixada nominalizada                         |

<sup>4</sup> Aponte-se, por ora, apenas que o formato da construção encaixada pode levar à interpretação diferente de seu estatuto semântico, como apontam Neves (2000) e Gonçalves et al. (2008).

<sup>5</sup> As construções encaixadas em (5c) e (6c) não constituem versões nominalizadas de suas respectivas construções encaixadas finitas ou não-finitas.

Portanto, outro ponto que justifica a execução desta pesquisa está na necessidade de elaboração de uma escala de gramaticalização que considere as particularidades das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, o que só será possível mediante a investigação do desenvolvimento dessa construção em diferentes sincronias do português.

Ao se tentar estabelecer uma trajetória de gramaticalização para as construções em análise inspirada na proposta por Lehmann (1988), outro questionamento que se coloca está relacionado ao argumento interno à predicção não-verbal encaixada, como se observa no esquema abstrato mostrado em (3), repetido abaixo por conveniência.

(8) **Esquema abstrato de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar***

([ARGUMENTO]) *ACHAR* [[ARGUMENTO]<sub>NOMINAL/ORACIONAL</sub> [PREDICADO]<sub>ADJ</sub>] CONST NÃO-VERBAL ENCX  
 → (...) constituinte opcional; .../... tipos mutuamente exclusivos

A análise do estatuto sintático-semântico do [ARGUMENTO] interno à predicção não-verbal encaixada pode levar a reinterpretações da hipótese inicial de que construções encaixadas do Tipo-1, menos complexas e mais integradas, sejam desenvolvimentos das do Tipo-2, mais complexas e menos compactadas. Decorre dessa expectativa de mudança a avaliação do estatuto sintático-semântico do [ARGUMENTO] da predicção não-verbal por meio das seguintes hipóteses:

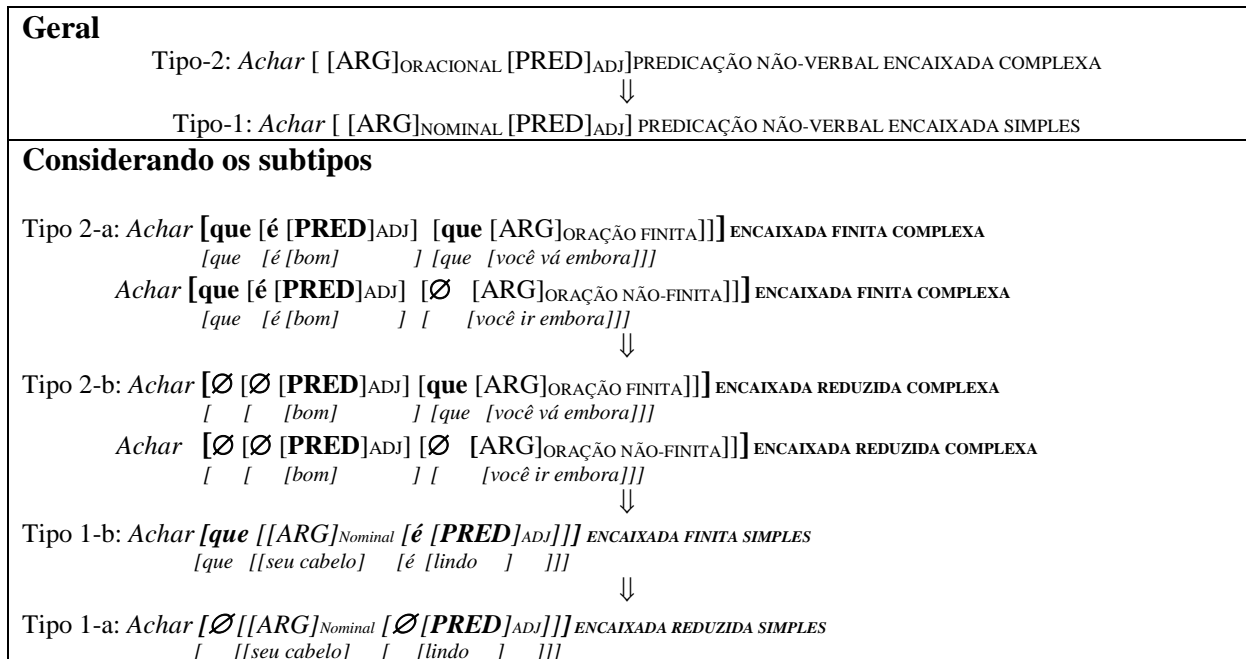
- (i) em termos sintáticos, o [ARGUMENTO] interno à construção encaixada, de complexo (oração), cederia lugar a um simples (nominal), tornando o complexo oracional mais integrado, assim como prevê a proposta de Lehmann, segundo a qual a oração subordinada pode ser reduzida a um núcleo nominal no processo de gramaticalização, seguindo a trajetória *finita* > *não-finita* > *nominalização*. Essa proposta é apenas inspirada na de Lehmann, porque a trajetória por ele proposta se aplica somente a casos de construções subordinadas cujo predicado é um **verbo**, ponto essencial de divergência das construções analisadas no presente trabalho;
- (ii) em termos semântico-pragmáticos, ainda sob inspiração da proposta de Lehmann, nas construções encaixadas em análise, o [ARGUMENTO] interno à construção encaixada seria construído inicialmente ou como *estado-de-coisas* (EsCo, daqui em diante) ou como *proposição*, ambos codificados morfossintaticamente como oração e, no processo de mudança, passaria a permitir a realização como *indivíduo*, codificado morfossintaticamente por meio de SN referencial.

Verifica-se nas hipóteses apresentadas, portanto, uma reinterpretação da proposta de Lehmann (1988) aplicada às construções em análise. Sob um viés sincrônico, conforme Parreira (2014) demonstrou, à proposta do autor podem ser feitas as seguintes problematizações:

- (i) no caso das predicções não-verbais encaixadas, não há como seu núcleo (um predicado não-verbal) percorrer a escala de dessentencialização (*finita* > *não-finita* > *nominalização*) proposta para núcleos verbais, uma vez que predicados não-verbais não apresentam traços de finitude, em virtude da classe categorial a que pertencem; logo a necessidade de inserção de cópula na construção encaixada, para expressão de tempo-modo, aspecto, concordância, força ilocucionária;
- (ii) nas predicções não-verbais encaixadas, o máximo que a cópula poderia alcançar na escala de dessentencialização seria a perda do traço de finitude (p. ex., *é* > *ser*), sem nunca chegar ao ponto de se transformar em nominalização; porém, quando encaixadas no verbo *achar*, a predicção não-verbal estruturada por recurso à cópula não permite, no PB, perder finitude (*\*eu acho [ser lindo seu cabelo]/ [seu cabelo ser lindo]*), o que explica a redução da predicção não-verbal se dar pela completa perda da cópula (*eu acho [lindo seu cabelo]/[seu cabelo lindo]*).

Diante das hipóteses (i) e (ii) e das problematizações em (i) e (ii), é possível delinear duas hipóteses de um percurso de gramaticalização das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, formuladas nos seguintes termos:

**Hipótese geral 1:** em termos estruturais, na proposição mais geral, construções do Tipo-1 seriam mais gramaticalizadas do que construções do Tipo-2. No detalhamento interno a cada tipo de construção encaixada, o percurso de gramaticalização experimentalizaria a seguinte trajetória de mudança: Tipo-2 (a > b) > Tipo-1 (b > a), conforme quadro dado abaixo.



**Quadro 1** - Primeira hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*.

**Hipótese geral 2:** a escala proposta na hipótese 1 dificilmente seria mapeada diacronicamente, na desconsideração dos aspectos semântico-pragmáticos envolvidos nos complexos oracionais em análise. Desse modo, ao levar em conta fatores de ordem semântica e pragmática, prevê-se um percurso contrário, visto que a expansão de escopo semântico das entidades codificadas como [ARGUMENTO] do predicado não-verbal acompanha uma possível abstratização de sentido do predicado *achar*, pois, em seu sentido mais concreto (*encontrar*), esse predicado requer uma predicção não-verbal encaixada que, primeiramente, localiza uma entidade indivíduo, codificada nominalmente, no espaço (*Eu achei [a porta][aberta]*), a qual passa, então, a expressar uma avaliação acerca de uma entidade indivíduo (*Eu achei [Maria] [cansada]* (caso ambíguo) ou *Eu achei [Maria] [linda]* (avaliação estrita)) para permitir, posteriormente, a avaliação de EsCo e proposições na posição de argumento (*Eu acho [melhor] [você não ir]*). Portanto, se se considera que o sentido mais concreto do verbo *achar* é a fonte para o desenvolvimento do sentido mais abstrato (epistêmico), o tipo de entidade representada pelo [ARGUMENTO] da predicção não-verbal encaixada acompanha o processo de abstratização do verbo: indivíduo > EsCo > proposição, revertendo, assim, a escala de gramaticalização proposta na hipótese geral 1 em bases somente estruturais:

<b>Geral</b>	
Tipo-1: <i>Achar</i> [ [ARG] <sub>NOMINAL</sub> [PRED] <sub>ADJ</sub> ] ] PREDICAÇÃO NÃO-VERBAL ENCAIXADA SIMPLES	↓
Tipo-2: <i>Achar</i> [ [ARG] <sub>ORACIONAL</sub> [PRED] <sub>ADJ</sub> ] ] PREDICAÇÃO NÃO-VERBAL ENCAIXADA COMPLEXA	
<b>Considerando os subtipos</b>	
Tipo 1-a: <i>Achar</i> [ ∅ [ [ARG] <sub>Nominal</sub> [ ∅ [PRED] <sub>ADJ</sub> ] ] ] ENCAIXADA REDUZIDA SIMPLES [ [a porta] [ aberta ] ] ] ]	↓
Tipo 1-b: <i>Achar</i> [ <b>que</b> [ [ARG] <sub>Nominal</sub> [ <b>é</b> [PRED] <sub>ADJ</sub> ] ] ] ENCAIXADA FINITA SIMPLES [ <b>que</b> [a porta] [ estava [ aberta ] ] ] ] ]	↓
Tipo 2-b: <i>Achar</i> [ ∅ [ ∅ [PRED] <sub>ADJ</sub> ] [ <b>que</b> [ARG] <sub>ORAÇÃO FINITA</sub> ] ] ] ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA [ [ [ bom] ] [ <b>que</b> [você vá embora]] ] ] ] ]	
<i>Achar</i> [ ∅ [ ∅ [PRED] <sub>ADJ</sub> ] [ ∅ [ARG] <sub>ORAÇÃO NÃO-FINITA</sub> ] ] ] ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA [ [ [ bom] ] [ [ <b>você ir embora</b> ]] ] ] ] ]	↓
Tipo 2-a: <i>Achar</i> [ <b>que</b> [ <b>é</b> [PRED] <sub>ADJ</sub> ] [ <b>que</b> [ARG] <sub>ORAÇÃO FINITA</sub> ] ] ] ENCAIXADA FINITA COMPLEXA [ <b>que</b> [ <b>é</b> [ bom] ] [ <b>que</b> [você vá embora]] ] ] ] ]	
<i>Achar</i> [ <b>que</b> [ <b>é</b> [PRED] <sub>ADJ</sub> ] [ ∅ [ARG] <sub>ORAÇÃO NÃO-FINITA</sub> ] ] ] ENCAIXADA FINITA COMPLEXA [ <b>que</b> [ <b>é</b> [ bom] ] [ [ <b>você ir embora</b> ]] ] ] ] ]	

**Quadro 2** - Segunda hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*.

Desse modo, são objetivos específicos deste trabalho (i) descrever o comportamento sintático, semântico e pragmático das predicções não-verbais (simples e complexas) encaixadas no verbo *achar* ao longo da história do português; (ii) analisar as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas que se estabelecem no complexo oracional envolvendo construção matriz e encaixada e que convergem para suas dessentencializações; (iii) analisar os resultados alcançados à luz de uma teoria de mudança linguística, especialmente a que trata da gramaticalização e da dessentencialização de orações; e (iv) comparar os resultados alcançados com outros que tratem de temática semelhante.

Em vista desses objetivos, desenvolve-se esta pesquisa a fim de responder às seguintes questões:

- (i) Considerando o *continuum* de Lehmann (1988) acerca da gramaticalização de orações subordinadas compostas de construções verbais (*finita* > *não-finita* > *nominalização*), as predicções não-verbais reduzidas seriam resultantes de processo diacrônico de dessentencialização?

(ii) Em caso de resposta afirmativa à pergunta anterior, esse processo seria apreensível diacronicamente?

(iii) As predicções não-verbais encaixadas simples reduzidas constituiriam um estágio mais avançado de gramaticalização em relação aos outros tipos de predicções não-verbais investigados como prevê a hipótese geral 1? Em caso contrário, a hipótese geral 2 pode ser sustentada na trajetória dessas construções?

(iv) Independentemente do percurso constatado, quais fatores formais e semânticos são predominantes para a explicação da trajetória de mudança das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*? E quais desses fatores permitem distinguir o processo de combinação observado nas predicções não-verbais de modo a caracterizá-lo como um processo distinto (ou não) do que ocorre com as predicções verbais?

Como proposta metodológica, a análise das construções consideradas neste estudo toma por base dados sincrônicos e diacrônicos do português. Para tanto, serão considerados dois diferentes *corpora*: um primeiro, composto por amostras do português histórico dos séculos XIII a XX, extraídas de textos de gêneros discursivos variados, provenientes do Banco de dados Informatizados de Textos do “Projeto Para História do Português” (BIT-PROHPOR), sediado na UFBA, e do projeto “Cópus Diacrônico do Português” (CDP);<sup>6</sup> e um segundo, que inclui amostras de fala do Banco de dados Iboruna, de responsabilidade do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), representativas do século XXI.<sup>7</sup>

A tese está dividida em cinco capítulos. No capítulo I, apresentam-se os postulados teóricos gerais dos modelos baseados no uso (seção 1.1), a abordagem clássica da gramaticalização (seção 1.2.) e os princípios nos quais se assentam o entendimento da gramaticalização de orações complexas (seção 1.3.). A este capítulo destinou-se também uma

---

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.cdp.ibilce.unesp.br/>>

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>>



seção (seção 1.4.) em que se trata da abordagem mais recente da gramaticalização com base nos postulados de Bybee (2010); e outra (seção 1.5.) em que se aborda o conceito de predicação não-verbal e como esse tipo de construção é entendido como uma estrutura encaixada. Ao final deste capítulo, apresenta-se o tratamento das predicções não-verbais no português falado no interior paulista (seção 1.6); e problematizam-se as propostas de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (2003) para a gramaticalização de complexos oracionais (seção 1.7), uma vez que o modo como esses autores desenvolvem tal tema contempla mormente a verificação de aspectos morfossintáticos envolvidos na mudança de processos de combinação de orações, com nenhuma ou pouca atenção dispensada a aspectos semânticos e pragmáticos. Constitui foco do capítulo II a discussão da origem latina do verbo *achar* e os significados assumidos por esse verbo no PB (seção 2.1.); e a revisão teórica dos principais trabalhos realizados na língua portuguesa sobre a gramaticalização do verbo *achar* (seção 2.2.) a fim de mostrar em que sentido o presente trabalho consiste em um desdobramento importante para a investigação do estudo dos tipos de construções encaixadas nesse verbo, aspecto pouco focalizado por esses trabalhos em virtude, obviamente, de seus objetivos e decisões teórico-metodológicas. A partir dessa revisão, a última seção desse capítulo traz uma caracterização dos significados do verbo *achar* com base nos sentidos presentes nos dados investigados. O capítulo III está reservado ao detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem a descrição dos *corpora* que serviram para as investigações empíricas (seção 3.1.), os critérios para apuração de frequência de uso (seção 3.2.) e o descritivo dos parâmetros de análise considerados para a investigação das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (seção 3.3.). A esse capítulo, segue o capítulo IV, no qual se retomam as hipóteses norteadoras da pesquisa (seção 4.1.), para, na sequência (seção 4.2.), se apresentar, a partir do referencial teórico e da metodologia adotados, a análise dos resultados alcançados para cada

sincronia da história do português (seções 4.2. e 4.3.). No quinto capítulo, encontra-se a discussão da evolução histórica das predicções não-verbais segundo os parâmetros que se mostraram mais relevantes para a explicação da trajetória dessas construções (seção 5.1.) e uma seção dedicada à verificação da hipótese que os resultados permitiram comprovar. Por fim, diante dos resultados exibidos nos dois capítulos anteriores, seguem as conclusões da pesquisa e as referências bibliográficas utilizadas.

## CAPÍTULO I

### MODELOS BASEADOS NO USO

Neste capítulo são apresentados os pressupostos básicos que fundamentam as abordagens baseadas no uso. A inclusão desse referencial teórico se justifica pelo fato de que, em virtude dos avanços observados no campo dos estudos funcionalistas, sobretudo os que abordam a mudança linguística, a compreensão de fenômenos linguísticos não pode estar pautada apenas na investigação da variação entre formas existentes na língua, mas envolve especialmente aspectos interacionais que estão associados ao uso da língua em situações concretas de comunicação. Esse novo modo de compreensão da variação e mudança linguística está na pauta das abordagens baseadas no uso que buscam, na experiência dos falantes com a língua, explicação para os fenômenos linguísticos a partir da análise do modo como os eventos de uso configuram o sistema.

#### 1.1. Pressupostos teóricos básicos das abordagens centradas no uso

De acordo com Martelotta (2011), o termo *usage-based model* foi empregado inicialmente no trabalho de Langacker (1987) em referência aos modelos teóricos que focalizam o uso da língua. Atualmente, esse termo é utilizado para designar os trabalhos que, em suas análises, apresentam uma união da tradição funcionalista, que tem Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee, como representantes, aos estudos desenvolvidos por George Lakoff e Ronald W. Langacker no âmbito da Linguística Cognitiva.

Barlow e Kemmer (2000) afirmam que esse modelo está associado a tradições que focalizam o uso da língua, mas destacam que a interação desempenha um papel mais importante do que os estudos aliados a essa concepção costumam enfatizar, pois, dentro desse modelo, estabelece-se uma relação direta entre a representação abstrata da gramática do

falante e os eventos de uso como instâncias derivadas das experiências com a língua. Os autores apontam que esses eventos são fundamentais para a estruturação e funcionamento do sistema linguístico porque as unidades linguísticas emergem de padrões de uso já armazenados na mente do falante como formas de representações abstratas, as quais podem ser reformuladas e ampliadas continuamente. Desse modo, os eventos de uso exercem um duplo papel no sistema na medida em que resultam e formam o sistema linguístico.

Segundo Barlow e Kemmer (2000), um modelo baseado no uso pode ser caracterizado como: maximalista, não-redutivo e ascendente. As duas primeiras propriedades, maximalista e não-redutivo, relacionam-se à compreensão da gramática como sólida e altamente redundante, pois é capaz de incluir itens específicos e padrões mais gerais, visto que a mente tem o potencial criativo de representar a mesma estrutura de diferentes formas. A gramática é entendida de uma perspectiva ascendente (*bottom up*) de modo que os elementos específicos dão origem a padrões mais gerais.

Além dessas características, os autores destacam outras oito propriedades centrais do modelo baseado no uso. A primeira delas consiste na importância da **frequência de uso**, uma vez que a rotinização afeta o modo de processamento e pode levar à consolidação de unidades no sistema linguístico.

Outro aspecto característico dessa abordagem compreende o **desempenho como parte da competência**, pois não há separação entre a estruturação do sistema linguístico e os atos do processamento mental no uso da língua. Dessa forma, “erros de desempenho” não são vistos apenas como desvios de processamento, mas como enunciados não licenciados pela competência.

Dentro dessa abordagem, o aprendizado é de grande importância na aquisição da linguagem; portanto, **postular estruturas inatas é desnecessário**, tendo em vista que a

aquisição da linguagem pelas crianças se inicia com poucas estruturas gramaticais que são ampliadas a partir de padrões mais gerais de uso.

Os autores explicitam também que as **representações linguísticas são sempre emergentes**, e não fixas, já que constituem rotinas cognitivas de padrões recorrentes da atividade mental e, por isso, não podem ser estocadas porque participam da atividade de processamento do sistema.

Outra propriedade essencial para o modelo baseado no uso é a **investigação de dados de uso real da língua** e, nesse sentido, dados extraídos de *corpora* fornecem uma amostra que pode refletir padrões gerais de modo consistente.

Barlow e Kemmer (2000) assinalam também que, nessa perspectiva, **o uso linguístico é o lócus da mudança**, porque os falantes são responsáveis pelas mudanças diacrônicas que operam em seu próprio sistema linguístico e no de outros com os quais interagem. A cada estágio da mudança, prevalecem as mesmas motivações que afetam tanto a percepção quanto a produção. Os efeitos dessas motivações são cumulativos no tempo e, por isso, há uma estreita relação entre padrões de uso sincrônico e de mudança diacrônica.

Defende-se também, no cerne dessa abordagem, que existe **relação entre processos de abstração ocorridos em outros domínios cognitivos e processos ocorridos na língua**. Nesse sentido, a estrutura linguística é vista como parte de estruturas conceituais mais gerais, pois os modelos cognitivos e culturais consistem em quadros de referência para a compreensão das expressões linguísticas.

Por fim, a última propriedade discutida pelos autores trata do **papel crucial do contexto para o funcionamento do sistema linguístico**. Dessa forma, a língua não contém o significado isoladamente, mas fornece sinais para que esse significado seja construído no contexto. Todos os aspectos da língua estão, por esse motivo, abertos à influência do contexto

linguístico e não-linguístico, o que implica uma convencionalização de aspectos regulares que passam, assim, a compor o sistema linguístico.

O estudo de Bybee (2010) é bem ilustrativo sobre como pesquisas podem ser desenvolvidas sob o aparato dos *Modelos Baseados no Uso* e fornecer contribuições produtivas para as investigações linguísticas. Em seu livro “Language, usage and cognition”, a autora apresenta discussões importantes para a ampliação da compreensão dos processos gramaticais subjacentes à língua sob uma perspectiva que, ao focalizar a interação de fatores formais e semântico-discursivos, ultrapassa o nível puramente linguístico, uma vez que considera que o modo de organização das experiências do homem com o mundo reflete-se na estrutura gramatical das línguas.

No início de seu livro, recorrendo à metáfora de dunas de areia, a autora ressalta que, como sistema adaptativo e complexo, a língua, embora apresente relativa regularidade, exhibe, assim como dunas de areia, variação e gradiência, à medida que está em constante mudança. A autora chama a atenção do leitor para a necessidade de olhar além da superfície mutável da língua e investigar as forças que produzem os padrões observados. Seu objetivo é propor uma teoria capaz de explicar os processos dinâmicos que criam as línguas, determinando sua estrutura e variação, conforme se pode comprovar na seguinte passagem:

Um foco no processo dinâmico que cria a linguagem também permite que nos distanciemos de um foco exclusivo nas estruturas linguísticas e formulemos um objetivo mais abrangente: derivar a estrutura linguística a partir da aplicação de processos de domínio geral. (BYBEE, 2010, p.1).<sup>8</sup>

Depreende-se dessa citação que a autora está interessada em identificar os processos de domínio geral operantes nas diferentes áreas da cognição humana, o que inclui a própria linguagem. Nesse ponto da apresentação de sua proposta, Bybee (2010) lança críticas aos

---

<sup>8</sup> Cf. original: “A focus on the dynamic processes that create language also allows us to move away from an exclusive focus on linguistic structures and formulate a broader goal: to derive linguistic structure from the application of domain general processes.”

trabalhos que investigam os processos de variação linguística, pois, segundo argumenta, pouca atenção é dedicada nesses estudos ao processamento cognitivo subjacente à língua. Para ela, esses trabalhos preocupam-se em descrever os fenômenos e identificar regularidades sem, contudo, abordar como o uso afeta a língua e como a experiência influencia o sistema cognitivo. De acordo com Bybee (2010, p. 12), é preciso “derivar a língua da não língua”, visto que processos linguísticos podem ser compreendidos a partir de processos cognitivos de domínio geral.

[...] uma consequência de vermos a linguagem como um sistema adaptativo complexo e a estrutura linguística como emergente (Lindblom et al. 1984, Hopper 1987) é que isso direciona nossa atenção não muito para a estrutura linguística em si, mas para processos que a criam (Verhagen 2002). Por meio da investigação de processos de domínio-geral, nós não nos restringimos apenas à busca por processos específicos à língua, mas também situamos a língua dentro de um contexto mais amplo do comportamento humano. (BYBEE, 2010, p. 7)<sup>9</sup>

No âmbito dessa nova proposta, alguns conceitos são primordiais. A gramática é entendida como a organização cognitiva da experiência do homem com a linguagem. Dessa forma, a unidade de análise não são morfemas, palavras ou expressões, mas *construções*, definidas pela autora como pareamentos de *forma* e *significado*, pois a língua não apresenta módulos de sintaxe separados da semântica.

Os processos cognitivos de domínio geral abordados pela autora são os seguintes: *categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal*.

A *categorização* é um dos processos mais influentes, uma vez que interage com os demais. Do ponto de vista de sua atuação na cognição geral, esse processo consiste na criação de categoriais perceptuais de vários tipos, a partir das experiências humanas independentes da

---

<sup>9</sup> Cf. original: “[...] a consequence of viewing language as a complex adaptive system and linguistic structure as emergent (Lindblom et al. 1984, Hopper 1987) is that it focuses our attention not so much on linguistic structure itself, as on the processes that create it (Verhagen 2002). By searching for domain-general processes, we not only narrow the search for processes specific to language, but we also situate language within the larger context of human behaviour.”

língua. Sua influência na língua se dá por meio das similaridades e identidades observadas entre palavras e frases que são associadas a representações exemplares presentes no sistema linguístico. Um exemplo da atuação desse processo na língua pode ser identificado nos casos citados por Bybee (2010) acerca da construção do inglês norte-americano *drive someone + ADJETIVO/SINTAGMA PREPOSICIONAL* ('deixar alguém X'). Segundo a autora, a expressão "*drive someone crazy*" ('deixar alguém maluco'), cujo sentido é indicar que alguém ficou irritado ou perturbado, constitui o padrão mais utilizado e, portanto, mais frequente, o que a caracteriza como membro central da categoria a partir da qual novas expressões são formadas por meio da analogia com outros adjetivos, tais como *mad* ('louco'), *insane* ('insano'), *wild* ('furioso'), *nuts* ('doido'), *up the wall* ('subir as paredes') etc. A centralidade de "*drive someone crazy*" ('deixar alguém maluco') em seu uso hiperbólico/subjectivo aliada a sua alta frequência de uso faz com que a construção atraia outros modificadores e se torne, assim, mais esquemática.

*Chunking*,<sup>10</sup> como um processo de domínio geral, auxilia na explicação dos motivos que levam as pessoas a terem um desempenho melhor em tarefas cognitivas e neuromotoras desenvolvidas por meio da prática. Do ponto de vista de sua atuação na língua, esse processo refere-se a sequências complexas de palavras que, por meio de sequências de unidades repetidas, são acessadas como uma unidade simples. A formação de *chunks*, conforme ilustra a autora, pode ser observada no uso de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas, como *take a break* ('dar um tempo'), *break a habit* ('perder a mania'), *pick and choose* ('escolher a dedo') e *land a hand* ('dar uma mão'), que passam a ser acessadas pelos falantes como unidade de processamento simples. O fato de constituir uma expressão composta de várias palavras não significa que *chunks* não apresentam uma estrutura interna, como no caso de *land a hand* ('dar uma mão'), cuja estrutura pertence ao esquema V-SN (verbos e seus

---

<sup>10</sup> Não há, no Brasil, uma tradição em traduzir essa palavra nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso.



objetos diretos). Essa propriedade evidencia que o *chunking*, além do processo de categorização, está na base da formação das construções, pois estas envolvem sequências de unidades e também uma categoria esquemática.

O terceiro processo de domínio geral, *memória enriquecida*, sob a perspectiva de sua atuação na cognição geral, diz respeito ao impacto da memória não linguística sobre as representações cognitivas e as estruturas neurológicas. A partir de sua atuação na língua, esse processo constitui-se nas memórias linguísticas que são armazenadas como exemplares construídos por meio de representações derivadas da experiência com a língua. Esse processo explica por que frases como *What are you doing?* no inglês apresentam uma conotação negativa que indica não só que o falante quer uma explicação do destinatário acerca do que está sendo feito, mas também o motivo da ação. Segundo Bybee (2010), não há nada na forma que aponte para esse significado, que consiste, na verdade, em uma interpretação subjetiva decorrente do contexto. Essa implicação de desaprovação originou-se de vários usos dessa frase em contextos negativos que ficaram armazenados e se convencionalizaram. As construções, portanto, carregam as informações contextuais e as inferências derivadas desses contextos.

Por sua vez, *analogia*, como um processo de domínio geral, envolve o estudo de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores. Já como um processo atuante na língua, consiste na criação de novas expressões com base em experiências linguísticas anteriores. Exemplo desse processo é apresentado por Bybee (2010) em referência ao estudo da construção do espanhol *quedar(se) + ADJETIVO*. Na história dessa construção, as primeiras ocorrências envolvem o uso do adjetivo *solo* ('sozinho') em contextos nos quais uma pessoa fica sozinha em razão da partida de outras. Com o passar do tempo, outros adjetivos são atraídos para a construção, por analogia ao adjetivo *solo*, como se constata no uso de *quedar(se) biudo* ('fica viúvo'), no século XV. Nesse mesmo século, foram

identificados, na construção com *quedar*, emprego dos adjetivos *huérfano* (‘órfão’) e sintagmas preposicionados formados por *sin* (‘sem’), tais como *sin heredero* (‘sem herdeiro’), *sin armas* (‘sem armas’), *sin pluma* (‘sem caneta’), incluindo noções mais abstratas, como *sin dubda* (‘sem dúvida’) e *sin pena* (‘sem pena’). Esse estudo evidencia que a categoria adjetivo ou sintagma preposicionado que acompanha *quedar(se)* sofre uma expansão em virtude da analogia com a expressão mais antiga com *solo*, dando origem a expressões que denotam a perda de um membro da família, privações físicas e, até mesmo, expressões mais abstratas.

O último processo abordado pela autora, a *associação transmodal*, prevê, do ponto de vista da cognição geral, que experiências coocorrentes tendem a ser associadas cognitivamente. Sob a perspectiva da língua, esse processo atua na relação entre forma e significado por meio de um elo simbólico de associação. Por meio desse processo, inferências feitas em contextos específicos podem ser associadas a construções particulares o que pode resultar em mudanças no significado. Ilustra a atuação desse processo o desenvolvimento de *will* de verbo pleno a verbo auxiliar de futuro no inglês. Bybee (2010) explica que, no inglês médio, *will* era usado com muita frequência em contextos indicativos de intenção, como em *As soon as he gets a house she will leave home* (‘Assim que ele conseguir uma casa, ele sairá de casa.’). Esse uso instanciava-se por meio da primeira e terceira pessoas, mas, neste último caso, o emprego da terceira pessoa pressupõe uma previsão de que a ação será realizada, como pode ser visto em *And I think her husband will probably die before she will* (‘E eu acho que seu marido provavelmente morrerá antes dela’). Essa inferência decorrente de um contexto específico em que esse verbo é empregado junto à terceira pessoa foi registrada na memória dos falantes, levando à convencionalização do significado de futuro como parte do sentido do verbo auxiliar.

Essa proposta de Bybee (2010), além de aprofundar a compreensão dos processos cognitivos de domínio geral que podem operar na língua, contribui para a abordagem da

mudança via gramaticalização na medida em que há uma preocupação em investigar os processos cognitivos que impulsionam a emergência de novas construções.

Nesse trabalho, a autora reserva um capítulo para o tratamento da gramaticalização em acordo com a perspectiva adotada por ela. Assim, a gramaticalização é descrita como um processo cuja ocorrência se dá em situações reais de uso da língua em que um determinado emprego lexical de uma construção se torna independente de outras circunstâncias de uso dessa construção. Trata-se, segundo a autora, de um processo que implica perda da analisabilidade e composicionalidade, uma vez que o significado da construção não é mais inferido da soma dos significados de suas partes, mas da construção como um todo. Desse modo, esse tipo de mudança linguística envolve a formação de *chunks*, que passa por alterações fonéticas, semânticas e pragmáticas resultantes dos contextos em que a nova construção é utilizada e do aumento de sua frequência.

De acordo com a autora, os mecanismos básicos que atuam na gramaticalização de construções são os seguintes: *chunking*, redução fonética, aumento da autonomia, generalização das construções para novos contextos por meio da analogia, habituação e inferência pragmática. Em vista desses mecanismos, Bybee (2010) demonstra que a noção de construção é essencial no âmbito desse processo, porque ela é o *locus* de mudanças que atingem tanto a forma como o significado. Esse posicionamento apresentado pela autora é coerente com a abordagem assumida por ela, pautada na compreensão dos processos presentes na língua como decorrentes de processos gerais que operam na cognição humana. Dessa postura adotada pela autora advém sua preocupação em propor mecanismos que revelem efetivamente como a mudança atinge a construção em sua forma e em seu significado, o que fica patente no trecho a seguir:

Por meio da gramaticalização, nós observamos como a gramática de uma língua pode surgir assim como as estruturas surgem em um sistema adaptativo complexo. Os mecanismos que operam em tempo real enquanto

falantes e ouvintes usam a língua, repetidamente em múltiplos eventos de fala, conduzem à mudança gradual por meio da emergência de morfemas gramaticais e construções associados a eles. O material lexical que consiste tanto em forma quanto significado é moldado em construções que são convencionalizadas, repetidas e submetidas a outras mudanças tanto na forma como no significado. (BYBEE, 2010, p. 110)<sup>11</sup>

Dentre os vários exemplos fornecidos por Bybee (2010) para ilustrar sua discussão, o estudo do verbo *can* ('poder') permite compreender como se dá a análise de fenômenos linguísticos no âmbito da perspectiva defendida pela autora. O objetivo é investigar os diferentes usos de *can* ('poder') e seus complementos que se convencionalizaram para cumprir determinadas funções discursivas.

Dos resultados encontrados pela autora em relação ao uso de *can* ('poder') afirmativo e negativo, *can't* ('não poder') é mais utilizado com verbos cognitivos e epistêmicos, responsáveis por indicar avaliação subjetiva do falante sobre parte do discurso. Por constituir o que a autora denomina de *prefabs*, conexões sequenciais entre uma palavra e outra, o uso de *can't + determinados verbos* não constitui a negação de *can* ('poder'), mas consiste em partes de diferentes construções desse verbo. Um exemplo dessa constatação da autora está na diferença de emprego de *can seem* ('poder parecer') e *can't seem* ('não poder parecer'). Bybee (2010) argumenta que *can't seem* ('não poder parecer') é utilizado em contextos nos quais se observa um significado formulaico, ou seja, semelhante ao significado de *can't manage* ('não ser capaz de'), como se verifica nos exemplos dados pela autora: *I can't seem to find the middle* ('Eu posso não parecer (= ser capaz de) encontrar o meio.') e *They can't seem to read properly* ('Eles podem não parecer (= ser capaz de) ler adequadamente.'). Já *can seem* ('poder parecer') é utilizado em situações em que se verifica uma leitura mais composicional, mesmo quando se observa a presença da negação, como ocorre na frase A

---

<sup>11</sup> Cf. original: "Through grammaticalization we see how the grammar of a language can arise just as structure arises in a complex adaptive system. The mechanisms operating in real time as speakers and listeners use language, repeated over and over again in multiple speech events, lead to gradual change by which grammatical morphemes and their associated constructions emerge. The lexical material which consists of both form and meaning is molded into constructions which are conventionalized, repeated and undergo further change in both form and meaning."

*mess that nobody can seem to get out of* ('Uma confusão da qual ninguém pode parecer (= ser capaz de) se livrar.')

(BYBEE, 2010, p. 153). Esse comportamento diferente não se deve, segundo a autora, à presença da negação, mas sim ao fato de *can't seem* ('poder parecer') acessar um significado que está convencionalizado. Trata-se, portanto, de construções distintas.

Com relação ao emprego de *can't think* ('não poder achar, pensar'), Bybee constata que todos os exemplos desse verbo apresentam sujeito na primeira pessoa do singular, mesmo quando o sujeito é elíptico. A presença da preposição *of* ('de') seguida de um sintagma nominal foi outro padrão identificado pela autora tanto para os casos de *can* afirmativo quanto negativo. O contexto mais comum de ocorrência desse padrão com *can* afirmativo é em orações relativas encabeçadas por partículas indefinidas, como em *That's about all I can think of to talk about right now* ('Isso é tudo sobre o que eu posso pensar em falar agora.')

(BYBEE, 2010, p. 154).

Bybee (2010) também identifica contextos em que *can* ('poder') é usado com o verbo *believe* ('crer') e observa que *can't believe* ('não poder crer') exhibe um uso mais frequente do que sua contraparte afirmativa. Para esses casos, na maior parte dos dados encontrados, a primeira pessoa do singular constitui o sujeito mais utilizado com esses verbos. Destaca-se nesse padrão a presença de orações finitas, conforme demonstra o seguinte exemplo fornecido pela autora: *I can't believe the lady gave it to her* ('Eu não posso crer que a senhora deu-o a ela.')

(BYBEE, 2010, p. 155).

No que se refere ao uso de *can say* ('poder dizer') e *can't say* ('não poder dizer'), a autora notou que ambas as formas, afirmativa e negativa, são empregadas com mais frequência com a primeira pessoa do singular e em contextos epistêmicos nos quais se observa uma aproximação com o significado antigo de *can* ('poder'), relacionado ao nível de conhecimento do falante. Bybee (2010) explica que, no inglês antigo, *can say* ('poder dizer')

era utilizado a fim de afirmar que o falante tem o conhecimento para dizer algo verdadeiramente. Esse significado, de acordo com a autora, é identificado nos usos mais recentes desse verbo, como mostra a frase a seguir: *I can't say that I would vote for him* ('Eu não posso dizer que votaria nele.'). (BYBEE, 2010, p. 155).

As tendências constatadas pela pesquisadora acerca do uso de *can afford* ('poder pagar') e *can't afford* ('não poder pagar') revelam que ambos os usos são convencionalizados, pois *afford* (com o sentido mais antigo de 'controlar ou conseguir'), ao se unir a *can* ('poder'), deixa de ter o significado de "alcançar um objetivo" e passa a ter o sentido de "arcar", "ter recursos para fazer ou ter algo". Dessa forma, o significado é convencionalizado porque a apreensão do sentido dessa construção só é permitida por meio de uma paráfrase de *can* ('poder'), como se verifica em *I haven't been able to afford a TV ad since last Aug. 20, so help me God (Time Magazine 1968)* ('Eu não tenho sido capaz de pagar um anúncio de TV desde 20 de agosto, que Deus me ajude.'). (BYBEE, 2010, p. 157). Assim, não somente a forma deve ser convencionalizada, mas o significado também é importante para a incorporação de um novo padrão.

Por fim, a autora investiga os usos de *(don't) remember* ('(não) lembrar') e *can/can't remember* ('(não) poder lembrar'). Dos resultados encontrados, destaca-se o comportamento da construção *can remember* ('poder lembrar'). Bybee (2010) verifica que a presença do auxiliar *can* ('poder') influencia o tipo de complemento que o verbo principal pode selecionar. Dessa forma, a presença de orações temporais em construções com *can remember* ('poder lembrar') apresenta uma motivação pragmática, visto que a lembrança de um fato sempre estará ancorada em um determinado momento. Essa motivação não existe nos casos de *can't remember* ('não poder lembrar') justamente porque, se o falante não lembra de um fato específico, não é possível localizá-lo no tempo.

As conclusões alcançadas por Bybee (2010) têm relação com um estudo anterior desenvolvido por ela. Em Bybee (2003), a autora investiga a gramaticalização de *cunnan* ('saber') como modal na história do Inglês. No inglês antigo, esse verbo era utilizado com verbos de três classes semânticas: de estado ou atividade mental, de elocução e de habilidade. Com os verbos de atividade mental, ocorre um início de apagamento do significado de *cunnan* ('saber'), que deixa de ter o sentido de "conhecer", para assumir o significado dos verbos cognitivos, cuja função na construção é sustentar e adicionar informações semânticas ao verbo *cunnan* ('saber'). Os verbos de elocução ainda mantêm relação com o sentido original de *cunnan* ('saber'), uma vez que este tem o significado de "ter o conhecimento para dizer algo".

Da comparação dos resultados de ambas as investigações, Bybee (2010) argumenta que, embora *cunnan* ('saber') tenha desaparecido no Inglês Moderno, o uso de *can* ('poder') com verbos cognitivos e elocutivos continua a ser documentado. De acordo com a autora, essas construções podem ser consideradas altamente convencionalizadas e o significado veiculado por elas pode permanecer na língua durante um longo período, em virtude da frequência de uso e de inferências que levam, por meio da repetição, à incorporação desse significado na língua.

Esse estudo elaborado por Bybee (2010) possibilitou as seguintes constatações: (i) contrariando as expectativas da autora, a alta frequência de *can't* ('não poder') revela que o emprego desse modal em sua forma negativa com verbos cognitivos atende a funções discursivas específicas; (ii) o exame acurado de *(don't) remember* ('(não) lembrar') e *can/can't remember* ('(não) poder lembrar') indica que a repetição de estruturas leva à convencionalização de seus elementos componentes, uma vez que une termos que normalmente não dependem um do outro; e (iii) a descoberta de dois tipos de estruturas: as sequências pré-fabricadas, cujas funções pragmáticas e subjetivas são transmitidas por meio de uma forma fixa (são exemplo desse tipo de estrutura os usos de *can* ('poder') com verbos

cognitivos, como nos casos em que orações temporais só podem ocorrer com *can remember* ('poder lembrar') e não com *can't remember* ('não poder lembrar'), pois, se o falante não se lembra de uma situação, não é possível descrevê-la em uma oração temporal) e as construções cujos significados podem ser expressos por outras partes do discurso (a autora se refere ao emprego de *I remember* ('Eu lembro) e *I don't remember* ('Eu não lembro) como construções que podem expressar o mesmo significado que as expressões *can remember* ('poder lembrar') e *can't remember* ('não poder lembrar')).

A revisão desse trabalho desenvolvido pela autora é de suma importância porque sua investigação comprova como a convencionalização constitui um processo de domínio geral crucial para a emergência de novas formas e funções gramaticais. Conforme ressalta a autora, um dos resultados mais relevantes desse estudo consiste no fato de que não só a sequência de palavras é convencionalizada, mas também o significado. Essa constatação é de grande valia para o presente estudo, uma vez que não se pode deixar de considerar que a gramaticalização do verbo *achar* e a consequente abstratização de seu sentido exerce influência sobre o significado das predicções não-verbais nele encaixadas, como pretendemos mostrar mais adiante nesta tese.

Além do processo de convencionalização, as análises dos resultados desta pesquisa serão guiadas também pelo processo cognitivo de domínio geral *analogia*. A exposição feita anteriormente acerca da gramaticalização do auxiliar *can* ('poder') evidencia como a tendência de determinadas palavras ocorrerem próximas umas das outras acarreta uma coesão não só estrutural, mas também de significado.

Outro exemplo da atuação dos processos de convencionalização e analogia está na emergência de perguntas em inglês que apresentam inversão entre sujeito e verbo auxiliar (cf. (9b)), construção mais recente no inglês que, segundo a autora, se originou de uma construção do inglês antigo na qual o verbo principal invertia sua posição com o sujeito, posicionando-se



antes dele (cf. (9a)). Conforme Bybee (2003, 2010) explica, essa mudança de ordenação ocorreu em virtude da gramaticalização de alguns verbos principais em auxiliares.

(9) **Emergência da ordem em interrogativas do inglês por analogia**

- a. [(PALAVRA INTERROGATIVA) V. PRINCIPAL SUJEITO ]pergunta  
 b. [(PALAVRA INTERROGATIVA) V. AUXILIAR SUJEITO VERBO PRINCIPAL]pergunta

O aumento da frequência de uso de *will*, *shall* e outros modais, como *can*, *must*, *would* e *should*, em perguntas nas quais o auxiliar antecedia o sujeito revelou o surgimento de um novo padrão de estruturação de questões no inglês, mobilizado pelo processo cognitivo de *chunking*. Conforme observa Bybee (2010), a ordenação do auxiliar antes do sujeito decorre da atuação de outro processo, a analogia, visto que essa construção inovadora mantinha a ordem do verbo principal depois do sujeito em razão de uma similaridade com as orações declarativas em que o verbo principal também se ordenava após o sujeito. Assim, a consolidação dessa nova construção em relação à anterior é reforçada pela existência de uma rede de orações dentre as quais a semelhança de ordenação de declarativas reforça a ordem do verbo principal depois do sujeito nas perguntas com auxiliares.

A discussão anterior ilustra como exemplares de construções estabelecem-se em uma representação cognitiva e são reforçados pela língua. Pautado nos processos de convencionalização e analogia, este estudo investigará em que medida eles podem auxiliar na explicação do percurso de gramaticalização subjacente às predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*.

Por fim, a autora também trata dos mecanismos da metáfora e da metonímia, argumentando que a *metáfora* exerce um papel muito importante na gramaticalização, pois, por meio do processo de inferenciação, permite que um conceito mais concreto, cujas bases estão assentadas em uma experiência sensório-motora, seja empregado em um contexto mais abstrato. Assim, se esse uso for frequente e produtivo na comunicação cotidiana, ele pode

configurar-se em um novo arranjo formal e conceitual e resultar em uma nova construção gramatical. Exemplo de metáfora pode ser verificado na construção *um bocado de* que, em sincronias pretéritas do português tinha o sentido de algo que se pega com a boca, como se constata em (10).

(10) **Exemplo de base da metáfora na formação de construção gramatical de quantificação indefinida**

E nunca o rei come huu **bocado** seguramente, com temor de peçonha...

(MARTELOTTA, 2011, p. 87)

A expressão *bocado*, em (10), passa, com o tempo, a expressar noção de quantidade, como em um *bocado de terra*, um *bocado de paciência* etc. Fica claro nesse caso, a transferência de um significado atrelado a um domínio mais concreto, restrito à alimentação, para um domínio mais abstrato de quantificação de elementos que não se relacionam a alimento. Esse item, conforme argumenta Martelotta (2011), passa a instanciar uma nova construção mais genérica que inclui outros exemplares, tais como *um pouco de açúcar*, *um monte de gente*, *uma pitada de sal*, *uma pá de coisas* etc.

Já a *metonímia* caracteriza-se pela transferência semântica existente entre construções dentro de um mesmo domínio conceitual. As projeções metonímias pressupõem contiguidade na cadeia sintagmática e interdependência morfossintática entre as entidades envolvidas. A dupla negativa no português exemplifica esse mecanismo, como em (11).

(11) **Exemplo de metonímia em construções de dupla negação**

foi aí que eu fui ao... a um alergista... aí ele disse... “ah você tem que se mudar do ambiente que você tá... que passa muito ônibus... é muito... poluído... mude pra um ambiente mais limpo... porque **sua rinite num tá muito boa não**”... (*Corpus D&G/Natal*, p. 364)

(FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 74)

Com o uso frequente desse padrão, o *não pós-verbal* perde o sentido de reforço e torna-se regular, pois deixa de ser interpretado como uma estratégia discursiva e passa a ser

entendido como parte da estrutura. Assim, o segundo *não* se gramaticaliza e é incorporado à própria estrutura da negativa.

Aos processos de metáfora e metonímia subjazem fenômenos de mudança linguística, já que o primeiro compreende a analogia e o segundo, a reanálise. Nos exemplos expostos anteriormente, verifica-se a analogia quando a construção *um bocado de*, cuja estrutura geral envolve um Det N1 de N2,<sup>12</sup> serve de base para a formação de outras construções semelhantes que se organizam da mesma forma e também expressam quantidade. A reanálise, por sua vez, é observada no caso da dupla negativa em português quando o *não pós-verbal* torna-se um elemento regular em frases negativas e incorpora-se à estrutura dessas frases.

Os princípios e categorias analíticas discutidos e exemplificados nesta seção visam dar uma visão geral sobre como a LCFU conjuga fatores de ordem interna e externa ao sistema linguístico na investigação de um dado fenômeno. Dentre esses fatores, na presente pesquisa, a metáfora consiste em um processo de fundamental importância para a explicação da construção em análise, pois uma das hipóteses de pesquisa prevê que a forma e o significado assumidos pelas predicções não-verbais encaixadas ao longo da história do português sejam uma consequência da gramaticalização do verbo *achar*, a qual resulta de um processo metafórico de abstratização de sentido.

## 1.2. Definição clássica de Gramaticalização

A gramaticalização, dentre os diversos processos de mudança linguística, é um dos mais comumente atestados nas línguas e, como tal, constitui parte importante dos estudos gramaticais, uma vez que focaliza a mudança pela qual itens lexicais, ou menos gramaticais, são recrutados a servir a funções gramaticais ou mais gramaticais. Trata-se de um processo responsável pela constante renovação do sistema linguístico de uma língua, pois consiste no

---

<sup>12</sup> *Det* faz referência a um determinante e *N*, a um nome.

surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE et al., 1991; LEHMANN, 1988).

A esse respeito, Heine e seus colaboradores (1991, p. 150) assinalam que subjaz ao processo de gramaticalização o princípio cognitivo da exploração de velhas formas para novas funções, conforme proposto por Werner e Kaplan (1963 *apud* Heine et al., 1991). De acordo com essa proposta, por meio desse processo, fenômenos mais concretos são escolhidos para explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Assim, entidades claramente delineadas, como, por exemplo, palavras pertencentes a uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos), são selecionadas para conceituar entidades menos estruturadas, caracterizadas por palavras que pertencem às categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, como, por exemplo, tempo entendido em termos de espaço. Para Hopper e Traugott (2003, p. 1-2), a gramaticalização, como abordagem científica da mudança linguística, está preocupada em responder como itens lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a exercer funções gramaticais, ou como itens já gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais, procurando desvelar as correlações recorrentes através do tempo entre mudanças semântico-pragmáticas, morfossintáticas e fonológicas. O estudo da gramaticalização enfatiza, assim, a tensão existente entre estruturas fixas e menos fixas na língua, entre estruturas lexicais livres e estruturas sintáticas, morfossintáticas e morfofonológicas mais fixas. Fornece também parâmetros para uma explicação da relativa “indeterminância” da linguagem e da não-discretude das categorias.

### **1.3. Gramaticalização de orações complexas**

Os estudos de gramaticalização, além de focalizarem fenômenos morfológicos de nível lexical, também tratam de mudanças que afetam processos de combinação de orações.

Hopper e Traugott (2003) propõem que se considerem *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*, como processos diferenciados de articulação de orações. Tais processos, explicados com base no reconhecimento de diferentes graus de integração sintática entre as orações, revelam, segundo a proposta dos autores, um percurso unidirecional de gramaticalização de orações complexas. Os autores utilizam-se da combinação dos traços *[dependência]* e *[encaixamento]* para propor o *continuum*, reproduzido em (12), em que, de um lado, estão as relações táticas e, de outro, os casos de subordinação estrita.

(12) **Continuum da combinação de orações**

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

(HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 178)

Empregando ainda os critérios de *dependência*, *integração* e *tipo de ligação*, os autores explicitam propriedades que caracterizam o modo como as orações se articulam em um complexo oracional, como mostrado em (13).

(13) **Propriedades gradientes da combinação de orações**

<b>Parataxe</b>	>	<b>Hipotaxe</b>	>	<b>Subordinação</b>
(independência)		(interdependência)		(dependência)
núcleo		<----->		margem
integração mínima		<----->		integração máxima
ligação explícita máxima		<----->		ligação explícita mínima

(HOPPER E TRAUGOTT, 2003, p. 179)

Em (14), exemplificam-se, respectivamente, esses três processos de combinação de orações.

(14) **Exemplos de parataxe, hipotaxe e subordinação**

a. Maria não foi à aula. O professor perguntou por ela. [-enc, - dep]

a'. Maria não foi à aula e o professor perguntou por ela.

b. Quando chove, Maria não vai à aula. [-enc, +dep]

b'. Chovendo, Maria não vai à aula.

- c. Maria confessou que não estudou para a prova. [+ enc, +dep]  
 c'. Maria confessou não ter estudado para a prova.

Considerando as propriedades explicitadas acima, *parataxe* se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, que constituem núcleos independentes relacionados entre si apenas semanticamente. Orações justapostas e coordenadas, como mostrado em (14a) e (14a'), respectivamente, são exemplos da combinação paratática entre orações. A *hipotaxe* representa uma relação de interdependência entre as orações e um grau intermediário de integração, em que uma oração núcleo se liga a uma oração “margem”, sem que esta seja um constituinte daquela, como se verifica nas orações adverbiais em (14b) e (14b'). A *subordinação*, por sua vez, caracteriza-se pela total dependência e integração máxima entre orações, caso em que uma oração margem é inserida em uma oração núcleo como argumento, razão pela qual a noção de subordinação também pode ser referida como *encaixamento*, como exemplificam as orações substantivas em (14c) e (14c').

Observe-se ainda que, em (14a) e (14a'), as duas orações que compõem o complexo oracional são independentes e a significação de uma não é dependente da realização da outra. Já em (14b) e (14b'), a oração adverbial serve de moldura de referência temporal para a interpretação da oração nuclear, havendo, nesse caso, uma dependência semântica entre as orações, mas não dependência estrutural. Em (14c) e (14c'), há dependência semântica e estrutural entre as orações, pois o conteúdo da oração matriz só se completa pelo conteúdo da oração encaixada, tratando-se, pois, de caso de subordinação estrita, visto que as duas orações são totalmente dependentes pelo fato de a oração encaixada estar inserida como um constituinte da matriz. Sobre esse último ponto focal do *continuum* ainda, trataremos mais adiante.

Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 55), tendo em vista a trajetória *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação*, observa-se, com base nas postulações de Hopper e Traugott (2003), que:

- (i) o padrão oracional à direita é mais gramaticalizado do que o outro à sua esquerda;
- (ii) a mudança de um tipo de oração complexa para outro se dá de um ponto à esquerda para um ponto à direita, o que remete ao princípio de unidirecionalidade no processo de combinação de orações.

Proposta semelhante à de Hopper e Traugott é a de Lehmann (1988). Enfatizando o *continuum* existente entre coordenação e subordinação, o autor considera que o processo de gramaticalização de orações opera de dois modos: na gramaticalização do verbo da oração principal ou na dessentencialização da oração subordinada, e propõe seis parâmetros aferidores do grau de integração de orações, que são correlacionados, porém independentes:

- (i) rebaixamento da oração subordinada a constituinte da principal;
- (ii) nível sintático de integração da subordinada à principal;
- (iii) dessentencialização da subordinada, que passa a constituinte simples da principal (seu verbo torna-se não finito; seu sujeito é apagado ou torna-se oblíquo);
- (iv) gramaticalização do verbo matriz;
- (v) entrelaçamento das duas orações (partilha de elementos);
- (vi) grau de explicitude da integração (presença de conectores entre as orações).

Esses seis parâmetros são organizados pelo autor em três grupos — (i)-(ii), (iii)-(iv), (v)-(vi) — em virtude de aspectos da integração de sentenças que tais parâmetros podem sinalizar, como: autonomia ou integração da oração subordinada; expansão ou redução da sentença subordinada ou da principal; isolamento ou articulação das orações.

Com relação ao primeiro aspecto (autonomia vs integração), que envolve os dois primeiros parâmetros, Lehmann (1988, p. 184) assinala que a integração da oração

subordinada à oração principal implica duas condições: a sentença subordinada deve manter uma relação de dependência com a principal e deve estar subordinada a toda a oração principal ou a algum constituinte desta.

No que respeita ao segundo aspecto (expansão vs redução), que está relacionado ao terceiro e quarto parâmetros, Lehmann (1988, p. 191) explica que, no processo de redução, a oração subordinada perde propriedades que a identificam como oração e se dessentencializa em diferentes graus, podendo atingir o grau máximo que compreende a sua completa nominalização. Dentre as consequências da dessentencialização da oração subordinada apontadas pelo autor estão (i) a perda da força ilocucionária da oração subordinada, (ii) restrições modo-temporais, (iii) redução da ordenação livre de constituintes dentro da sentença subordinada e (iv) perda das categorias verbais de tempo e aspecto. Além dessas consequências, a dessentencialização afeta a polaridade da oração subordinada, de modo que ela não pode ser negada independentemente, e faz com que o sujeito da subordinada se torne oblíquo ou que seja completamente perdido.

Ainda acerca da gramaticalização e dessentencialização de orações, o autor observa que é possível haver orações mais gramaticalizadas (ou mais integradas) do que outras, propondo um *continuum* de sentencialidade. A depender do grau de sentencialidade da oração subordinada, ela pode apresentar-se forte ou fracamente integrada a um núcleo, que pode, inclusive, tomar como margem uma construção reduzida ao grau máximo de dessentencialização, representado por casos de nominalização, como mostra o esquema em (15).

(15) ***Continuum* de sentencialidade de orações subordinadas**

<b>Sentencialidade</b>	<----->	<b>Nominalidade</b>
oração finita >	oração não-finita	> nominalização
integração fraca	integração média	integração forte

(LEHMANN, 1988, p. 200)



Já em relação ao terceiro aspecto (isolamento *vs* articulação), ao qual o quinto e sexto parâmetros estão ligados, Lehmann (1988, p. 199) ressalta que as proposições integradas compartilham alguns elementos de seu significado, de modo que esses elementos não estão especificados na oração subordinada, mas sim na oração principal. O alçamento de constituintes, conforme destaca o autor, é um fenômeno que ilustra esse terceiro aspecto, demonstrando que, nesse caso, a sentença subordinada está fortemente integrada à principal.

Esse *continuum* de dessentencialização proposto por Lehmann (1988) pode ser atestado com frequência no processo de GR de orações. Especificamente para as orações completivas, a dessentencialização pode atingir uma oração finita quando o verbo dessa oração passa a ser expresso em sua forma não-finita, como mostra (16b) abaixo, o que pode resultar no grau máximo de dessentencialização, quando essa oração apresenta-se completamente nominalizada, como mostra (16c).

(16) **Exemplo de dessentencialização de oração subordinada**

- a. João viu [que Maria chegou].
- b. João viu [Maria chegar].<sup>13</sup>
- c. João viu [a chegada de Maria].

Observe-se que, em (16a), há a ligação entre duas orações que representam dois estado-de-coisas, *João ver* e *Maria chegar*, percebidos como menos integrados e, por isso, codificados na forma de oração finita e ligados entre si pela conjunção *que*. Já em (16b), os dois estado-de-coisas estão mais integrados, visto que o verbo da oração encaixada é expresso na forma não-finita e não há elemento de ligação entre as duas orações, caracterizando maior integração entre os conteúdos expressos pela oração matriz e encaixada. A sentença em (16c)

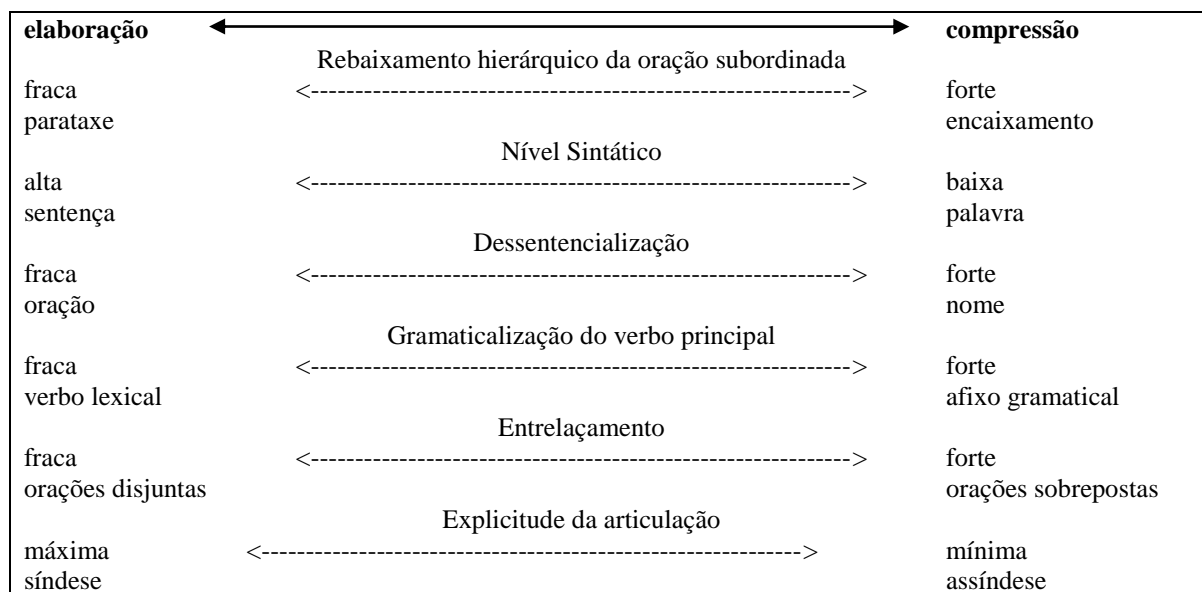
---

<sup>13</sup> O predicado *ver*, neste exemplo, configura um predicado de percepção mental e a oração encaixada *Maria chegou*, embora seja um EsCo, é construída como uma proposição decorrente do significado do predicado *ver*, já que a percepção desse EsCo decorre de uma inferência feita pelo contexto, como, por exemplo, o fato de João ter visto o carro de Maria na garagem e, com isso, inferiu que ela tenha chegado.

está completamente dessentencializada, dado que não é possível identificar duas orações, mas apenas um único núcleo verbal em virtude da nominalização da oração encaixada.

As construções apresentadas em (16) demonstram que uma consequência da dessentencialização de orações é a transformação de estruturas bioracionais em mono-oracionais. Ressalte-se que, conforme mostram (16b) e (16c), a integração semântica entre os EsCo *a chegada de Maria e João ver* reflete-se na codificação linguística desses eventos sob a forma de construções completamente dessentencializadas.

Cada um dos seis parâmetros apresentados é reunido por Lehmann (1988) em um único *continuum* que se estende em dois extremos: um polo de máxima *elaboração* e outro de máxima *compressão* (ou condensação) de informação lexical e gramatical, tal como ilustra o quadro 3, reproduzido do autor.



**Quadro 3** - *Continua* de articulação de orações (LEHMANN, 1988, p. 217)

Esses *continua*, de acordo com o autor, oferecem uma tipologia da integração de orações. Neles estão representados dois extremos que correspondem a diferentes tipos de combinação de sentenças. De um lado, tem-se a combinação em que há duas sentenças independentes e sintaticamente equivalentes ligadas por um conectivo explícito,

representando um grau de entrelaçamento mais frouxo. De outro lado, há uma combinação de sentenças que apresenta um dos predicados reduzidos, encaixamento na oração principal em um constituinte de nível sintático baixo, fortemente nominalizado e integrado ao predicado principal sem nenhum conectivo explícito.

Entre esses dois extremos, existe uma variedade de tipos intermediários, tais como orações correlatas, orações nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, orações adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal, dentre outros. De um modo geral, esses *continua* partem de um polo em que o nível de integração entre as orações é fraco para um polo em que essa integração é mais forte.

Ainda segundo Lehmann (1988, p. 214-215), embora os seis parâmetros mencionados atuem de modo isolado no processo de integração de orações, é possível estabelecer algumas correlações entre eles, que, conforme o autor adverte, devem ser vistas como tendências e não “leis”.

Considerem-se os exemplos em (17) e (18) e, na sequência, as correlações discutidas por Lehmann que interessam a este trabalho, pois focalizam a dessentencialização da oração encaixada de finita a não-finita, processo que norteia a presente pesquisa cujo objetivo é investigar se a existência de predicacões não-verbais (simples ou complexas) não-finitas no século XXI resulta desse processo de redução ao longo das sincronias pretéritas.

(17) Ela vai sair.

(18) a. Maria mandou que ele saísse.  
b. Maria mandou ele sair.  
c. Maria mandou-o sair.

(i) A forte GR do verbo principal pressupõe uma dessentencialização avançada ou um forte grau de entrelaçamento entre as orações. Isso ocorre porque essa GR pode transformar o verbo principal em um operador gramatical da sentença subordinada, reduzindo o escopo sintático desse verbo (cf. (17)); ou ainda causar a dessentencialização da sentença subordinada (cf. 18b) ou o entrelaçamento de sentenças (cf. 18c).

- (ii) O entrelaçamento de orações resultante da operação de alçamento de constituintes pressupõe rebaixamento hierárquico e, conseqüentemente, integração da oração subordinada. Isso se dá pelo fato de a operação de alçamento ser controlada pela oração principal, o que significa que a oração subordinada é governada pela principal (cf. (18c)), de modo que o sujeito da oração subordinada passa a ser analisado como objeto da oração principal, como é o caso do pronome oblíquo *o* em (18c). Além disso, as informações de tempo e modo da oração subordinada passam a ser depreendidas a partir do tempo e modo da oração principal.
- (iii) O entrelaçamento de orações ocasionado pelo controle do sujeito da sentença subordinada leva à dessentencialização da sentença subordinada, já que esse controle do sujeito favorece uma construção não-finita, o que pressupõe uma forte dessentencialização. Em (18b), o controle do sujeito da subordinada se justifica pelo fato de o verbo da oração matriz *mandar* constituir predicado que caracteriza forte manipulação, o que contribui para a redução da oração subordinada.
- (iv) A falta de explicitude de ligação está relacionada ao controle do sujeito da oração subordinada e ao entrelaçamento das duas orações (cf. (18b)), visto que a relação sintática entre oração matriz e subordinada é determinada por algumas propriedades de ambas as orações. O fato de a subordinada estar ligada à principal por um conectivo explícito determina a relação sintática entre elas. Contudo, se não há um conectivo explícito ligando a oração subordinada à principal, a relação sintática entre as orações passa a ser determinada apenas pelo verbo da oração principal.

#### 1.4. Abordagem recente da Gramaticalização: do léxico à construção

Em Bybee (2003), a autora já apresenta uma preocupação com o modo de entendimento do processo de gramaticalização a partir da noção de construção como evidência a seguinte passagem:

A literatura recente sobre gramaticalização parece concordar que não é suficiente definir a gramaticalização como um processo pelo qual itens lexicais tornam-se morfemas gramaticais, mas, em vez disso, é importante dizer que esse processo ocorre no contexto particular de uma construção (conferir Heine e Traugott, ambos neste volume). De fato, pode ser mais preciso dizer que uma construção constituída por itens lexicais particulares gramaticalizou-se em vez de dizer que o item lexical gramaticalizou-se. (BYBEE, 2003, p. 602)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Cf. original: “The recente literature on grammaticization seems to agree that it is not enough to define grammaticization as the process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is importante to say that this process occurs in the context of a particular construction (see Heine and Thaugott, both this volume). In fact, it may be more accurate to say that a construction with particular items in it becomes grammaticized, instead of saying that a lexical item becomes grammaticized.”

Nessa esteira, Bybee (2010) amplia a noção clássica de GR, segundo a qual itens ou sequências de itens lexicais se tornam um morfema gramatical, e acrescenta a essa definição o entendimento de que a GR de itens lexicais ocorre dentro de construções particulares, o que pode resultar na criação de novas construções.

A fim de ilustrar esse novo modo de compreensão do processo de GR, a autora menciona o bastante citado caso de *be going to* e argumenta que a GR dessa expressão não ocorre na construção apresentada na frase *I'm going to the gym* ('Eu estou indo para a academia.'). Mas se dá em construções específicas em que um verbo segue *to*, como em *I'm going to help you* ('Eu vou ajudar você.'). A autora explica também que essa construção de futuro com *going to* é resultante de uma construção mais geral de finalidade, como se observa em *They are going to Windsor to see the king* ('Eles estão indo a Windsor para ver o rei.').

Para a autora, a GR não implica apenas compreender que a mudança acontece dentro de uma construção, mas implica também reconhecer que esse processo se verifica no uso da língua, isto é, ocorre quando parte de uma construção se torna autônoma de outras partes que constituem essa construção. Por exemplo, a origem da construção de futuro com *be going to* a partir da construção de finalidade. Nesse sentido, esse processo, sob a perspectiva adotada por Bybee (2010), gera perda de analisabilidade e composicionalidade em virtude da criação de novos *chunks* resultantes de mudanças fonéticas desencadeadas pelo aumento da frequência de uso da construção. Além disso, mudanças semânticas e pragmáticas ocorrem gradualmente em razão da ampliação dos contextos de uso da construção, o que pode levar à perda de componentes de significado, como no caso de *gonna* que não tem mais o sentido de movimento. A autora afirma ainda que a mudança semântica envolve também a inferência na medida em que as interpretações do ouvinte para uma dada construção podem levar a convencionalização de novos sentidos para a construção.

De acordo a autora, os mecanismos básicos que atuam no processo de gramaticalização são: *chunking*, redução fonética, autonomia crescente, generalização a novos contextos via analogia, habituação e inferência pragmática, mecanismos que podem ser exemplificados com a GR da construção de futuro *going to*.

Conforme já mencionado, a construção de futuro *be going to* originou-se da construção de finalidade em contextos nos quais um verbo de movimento está no progressivo e é seguido por *to* ('para'), como neste trecho de Shakespeare retirado da autora: *Don Alphonso / With other gentleman of good steem, / Are journeying to salute emperor* ('Don Alphonso com outros cavalheiros de boa estima,/ Estão viajando para saudar o imperador.'). (BYBEE, 2010, p. 30). Essa construção constituía o padrão mais frequente da construção mais geral de finalidade e expressava a ideia de movimento no espaço com a intenção de fazer alguma coisa. Deve-se notar o fato de que qualquer verbo poderia ocupar a posição que atualmente é ocupada por *go* ('ir'). A incorporação desse verbo à construção ocorreu em virtude da sua generalidade semântica que o tornou o verbo de movimento mais frequente empregado na construção de finalidade. Assim, o uso de *go* ('ir') permitiu, em determinados contextos, a interpretação (*inferência pragmática*) não só de movimento com intenção, mas também de previsão (futuridade), tornando-se parte de seu significado, como se verifica em *They're going to get married next spring* ('Eles vão se casar na próxima primavera.'). Desse modo, a construção com *be going to* passou a ser acessada como uma unidade em razão de sua frequência, o que caracteriza a atuação do *chunking* e da *habituação*. Essa unidade ganhou *autonomia* e deu origem a nova construção [SUJEITO *be going to* VERBO] independente da construção de finalidade que a originou, pois houve uma *generalização* dos contextos em que era usada, como se observa a possibilidade de inclusão de qualquer tipo de sujeito, inanimado inclusive, como em *It's going to rain all day* ('Vai chover o dia todo.'). (BYBEE, 2010, p. 31). Como resultado final desse processo de GR, *be going to* torna-se não

apenas uma unidade sintática e semântica, mas configura-se também como uma unidade fonológica, o que permite a sua *redução* a *gonna*.

Como pode ser verificado na discussão acima, o reconhecimento de que a gramaticalização atinge os níveis fonético, morfossintático, semântico e pragmático demonstra que a unidade mais adequada para a descrição desse processo é a *construção*, unidade de análise primeiramente assumida pela perspectiva cognitivista da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), que constitui uma das vias de acesso para que Bybee (2010) considere a língua como sistema adaptativo complexo.

Para Bybee (2010), processos de gramaticalização permitem compreender o surgimento de determinadas estruturas na língua consideradas impossíveis em descrições estritamente sincrônicas. A autora enfatiza que padrões morfossintáticos resultam de longas trajetórias de mudança e a única fonte de explicação de suas propriedades é diacrônica. Como exemplo, trata da ordenação da partícula negativa *not* ('não') no sintagma verbal e mostra que muitas construções mantêm o padrão de ordenação que herdaram da construção da qual se originaram. Ela explica que a ocorrência de *not* ('não') depois do primeiro verbo auxiliar ou cópula se deve à GR de uma construção do inglês antigo e do inglês médio inicial em que a negação era feita por meio de uma partícula pré-verbal *ne* ou *na*. Com o passar do tempo, no inglês médio, incluiu-se um elemento de reforço que mais tarde se tornou *not*. Inicialmente, *not* acompanhava o *ne* pré-verbal, porém, este último marcador se perdeu e *not* passou a exercer sozinho a função de marcador de negação ocupando a posição pós-verbal de objeto direto, já que derivava de uma negativa mais um nome na posição de objeto direto (*nā* ou *nō* + *wiht* ('alguém, algo')). Dessa forma, como neste período *not* ordenava-se após o verbo principal e os verbos auxiliares estavam ainda em desenvolvimento porque eram tratados como verbos plenos, uma nova construção de negação emerge. Posteriormente, com a GR dos

verbos auxiliares, a ordenação de *not* é mantida na construção que se configura, portanto, como um padrão recorrente para a expressão da negação no inglês contemporâneo.

A escolha por retomar esse exemplo apresentado pela autora não é aleatória, visto que a manutenção de um padrão na língua já observado em usos diacrônicos, tal como defende Bybee (2010) no estudo da negação no inglês, parece justificar a segunda hipótese defendida neste trabalho. Assim, espera-se encontrar, na diacronia, casos de predicacões não-verbais simples reduzidas em razão do padrão de estruturação herdado de construções em que o verbo *achar*, devido ao seu sentido mais concreto, organizava-se em torno de um SN e um predicado. Por meio das análises dos resultados, pretende-se confirmar essa hipótese e corroborar a afirmação da autora de que muitas das propriedades apresentadas por novas construções são determinadas pela construção da qual surgiram.

### 1.5 Predicações não-verbais em uma abordagem funcionalista

Conforme apresentamos em Parreira (2014), Hengeveld (1992) define *predicações não-verbais* como uma construção cujo predicado está estruturado por meio de um predicado não-verbal que seleciona número apropriado de argumentos, conforme formato geral dado em (19).<sup>15</sup>

(19) **Padrão geral de predicacões não-verbais**

Argumento(s) (Cópula) Predicado.<sub>v</sub>

Segundo o autor, esse termo é empregado em referência a construções com predicado não-verbal que podem ou não apresentar a *cópula*, a qual deve ser entendida como um elemento auxiliar. Nos termos de Dik (1997, p. 198), a cópula tem a função exclusiva de codificar as noções de Tempo, Modo e Aspecto restritas aos verbos em predicacões verbais, e

---

<sup>15</sup> A ordem dos constituintes pode variar e não é relevante para a definição geral de predicacão não-verbal.



não constitui, portanto, núcleo da predicação, aspecto que permite caracterizá-la, também desse ponto de vista, como *não-verbal*.

Para a identificação de uma predicação não-verbal, Hengeveld (1992) estabelece dois critérios: a *seleção de argumentos* e a *valência do predicado não-verbal*. Com relação ao primeiro deles, a *seleção de argumentos*, o autor aponta que, em predicções não-verbais, é o predicado não-verbal que impõe restrições de seleção sobre os argumentos, e não a cópula. Observem-se, a esse respeito, os exemplos do autor, em (20) e (21).

- (20) a. Sheila is ill.  
'Sheila está doente.'
- b. \* This table is ill.  
'\*Esta mesa está doente.'
- (21) a. \*Sheila is round.  
'\*Sheila é redonda.'
- b. This table is round.  
'Esta mesa é redonda.'

(HENGEVELD, 1992, p. 29)

A propriedade *doente*, em (20), não pode ser aplicada a argumentos inanimados, do mesmo modo que a propriedade *redondo*, em (21), não pode ser aplicada a argumentos animados,<sup>16</sup> o que mostra que é o predicado não-verbal que impõe restrições de seleção sobre o argumento.

De acordo com o segundo critério apresentado pelo autor, o predicado não-verbal determina o número obrigatório de argumentos que deve estar contido na predicação, como se observa em (22) e (23), exemplos também do autor.

- (22) This book is fascinating.  
'O livro é fascinante.'

---

<sup>16</sup> Em português, no entanto, a propriedade *redondo* pode ocorrer com argumentos animados quando apresenta um sentido figurado, como em “Maria está redonda.” em alusão ao fato de Maria estar acima do peso.

- (23) a. This book is identical to that one.  
 ‘O livro é idêntico àquele outro.’
- b. \*This book is identical.  
 ‘\*O livro é idêntico.’<sup>17</sup>

(HENGEVELD, 1992, p. 29)

Nas sentenças em (22) e (23), o adjetivo *fascinante* demanda apenas um argumento, ao passo que o adjetivo *idêntico* exige dois argumentos já que estabelece uma relação de comparação. Note-se que, em ambas as construções, os adjetivos estão combinados pela cópula, porém o que determina a restrição quanto ao número de argumentos é o predicado não-verbal, e não a cópula.

Esses critérios estabelecidos por Hengeveld (1992) permitem concluir que o predicado não-verbal é o predicado principal de predicções não-verbais, e a cópula usada nessas predicções não pode ser entendida como o predador principal nesse tipo de construção.<sup>18</sup> A cópula cumpre apenas a função de suporte da sentença e pode ser considerada como uma subclasse de verbos auxiliares, pois não apresenta características de predicados lexicais, como seleção de argumentos e valência.

Diante do exposto, as construções encaixadas investigadas neste trabalho são consideradas predicções não-verbais, nos termos de Hengeveld (1992), uma vez que atendem aos critérios mencionados pelo autor para a identificação de predicções não-verbais. Esse tipo de construção não tem como núcleo o verbo cópula, mas sim um adjetivo ou um nome em função avaliativa responsável pela seleção dos argumentos que constituirão a predicção.

---

<sup>17</sup> O adjetivo “idêntico” requer dois argumentos apenas quando está no singular, já que é preciso duas entidades para que se estabeleça uma relação de identidade entre elas. Por esse motivo, a sentença apresentada em (25b) é agramatical. No entanto, é possível, na língua portuguesa, a ocorrência de uma sentença como “Os livros são idênticos” e, neste caso, não há agramaticalidade, uma vez que o adjetivo que predica a construção está no plural e exige apenas um argumento que também deve estar no plural, visto que pressupõe comparação entre duas entidades.

<sup>18</sup> Convém assinalar que esse funcionamento está na base da classificação da gramática tradicional dessas sentenças como casos de “predicados nominais”.

As predicções não-verbais comportam diferentes tipos de predicados adjetivais que permitem visualizar a atuação do primeiro critério adotado por Hengeveld (1992), a *seleção de argumentos*. As ocorrências apresentadas em (24) e (25) demonstram que o predicado não-verbal impõe restrições quanto ao tipo de argumento selecionado, pois o adjetivo *vivo* só pode ser aplicado a entidades animadas, como *aquele mancebo* em (24), enquanto o adjetivo *serradas* seleciona apenas entidades inanimadas, como *portas*.

(24) E entao mandou a Caifas que entrasse no cacere e, **se o [Joseph] nom achasse vivo** , que tirasse os ossos. E Caifas disse que nom entraria i, ainda que soubesse que por isso o desmembrassem. (16, JA, p. 16)<sup>19</sup>

\*Achei a porta viva.

(25) 1 Esta eigrej' alongada | da vila ja quant' está  
2 mas quando chegou a ela | cuidou log' entrar alá,  
3 mas **as portas ben serradas | achou**, e fillou s' acá  
4 de fora fazer sas prezes | e começou de chorar.  
R A que as portas do ceo | abriu pera nos salvar... (13, CSM)

\*Achou aquele mancebo bem cerrado.

Verifica-se também que a semântica do adjetivo é determinante para o tipo de argumento selecionado, como pode ser observado nas ocorrências (26) e (27), de modo que a substituição do predicado *bom* por *doce* em (27) acarretaria em construção agramatical na língua portuguesa, pois não se pode atribuir essa característica a um artigo de uma lei. Isso ocorre porque *doce* é um adjetivo *denotativo do tipo qualificativo* que tem como função atribuir propriedades de natureza material como *sabor* (cf. RAPOSO *et al*, 2013). No capítulo metodológico deste trabalho, os diferentes tipos semânticos de predicados não-verbais serão discutidos mais detalhadamente.

---

<sup>19</sup> As informações entre parênteses, que acompanham as ocorrências, indicam, respectivamente, a sincronia a que o dado pertence e a fonte de onde o dado foi extraído: o texto histórico, para dados dos séculos de XIII a XX (cf. quadro 4, à página 88), ou a amostra de fala, para dados de fala do século XXI (cf. quadro 5, à página 90), com página ou número linha onde o dado se encontra.

- (26) Este rio entra tão soberbo no mar, e com tanta fúria que não chega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar **se acha água doce**. (16, TTB, p. 97)
- (27) pediu palavra ao Socio Manoel Francisco e disse dizendo enquanto a mim **não achó bom o 3º Artigo** porque poribe ao Socio q tiver huma parte de Seus Capital não puder pedir, enquanto não tenha duas partes de Seus Capital, porem os mais estão bom (19, AB, p. 42)  
\*não acho doce o 3º Artigo.

O segundo critério proposto por Hengeveld (1992), *valência do predicado não-verbal*, também se aplica às predicacões não-verbais em estudo cujos predicados selecionam apenas um argumento, como mostrado nas ocorrências (28) e (29).

- (28) Doc.: e:: assim:: cê falô(u) da:: da sua família de resgatá(r) a origem cê acha importante assim... resgatá(r) a ori::gem é:: ah buscá(r) a origem da sua famí::lia conhecê::(r) gente que cê nem sabia que existia:: em o(u)tros paí::ses  
Inf.: eu (acredito) que sim... eu acho que deve havê(r) essa:: esse resgate eu acho que (assim) que todos nós... devemos conhecê(r) um po(u)quinho da nossa história **eu acho que isso é importante** (21, AC-084, L. 242)
- (29) vô(u) abrí(r) depois do almoço eu abro depois do almoço... é lógico se eu num co/ se eu num tivé(r) aluno... porque **eu acho que é muito importante você tê(r) um domínio sobre você... seus horários...** (21, AC-109, L. 462)

Tanto em (28) quanto em (29) o predicado *importante* seleciona apenas um argumento que pode ser expresso por constituinte nominal, como *isso* em (28), ou oracional, como *você tê(r) um domínio sobre você... seus horários...* em (29). Deve-se observar que, nas duas ocorrências, as predicacões não-verbais apresentam a cópula, mas é o predicado não-verbal que determina o número de argumentos.

## 1.6. O tratamento das predicacões não-verbais no português falado no interior paulista

Há poucos trabalhos que se dedicam ao estudo das predicacões não-verbais no português brasileiro, dentre eles, pode-se mencionar a pesquisa desenvolvida por Fortilli (2007), que investigou as predicacões não-verbais,<sup>20</sup> do tipo mostrado em (30).

<sup>20</sup> Em seu trabalho, a autora considera apenas casos de predicacões não-verbais livres, não encaixadas.

(30) Lindo seu cabelo!

A autora explica que as predicções não-verbais organizam-se em dois Atos de Discurso, ou seja, dois blocos de informação: o Ato Nuclear e o Ato Subsidiário, que acrescenta alguma informação acerca do primeiro, como podem ser observados em (31).

(31) Aquele objeto, coloque-o no carro!

(FORTILLI, 2007, p. 66)

Na predicção não-verbal em (31), *coloque-o no carro* é o Ato Nuclear, enquanto *aquele objeto* é o Ato Subsidiário, pois fornece informações sobre o que deve ser colocado no automóvel.

O Ato Subsidiário pode expressar diferentes relações, a depender do vínculo estabelecido com o Ato Nuclear, como relações de Motivação, Concessão, Orientação e Correção. Em sua pesquisa, as construções não verbais do tipo Orientação-Núcleo e do tipo Núcleo-Correção foram consideradas mais importantes em virtude de sua alta frequência.

A Orientação é compreendida como uma forma de direcionar o ouvinte com relação às intenções comunicativas do falante ao passo que a Correção consiste em esclarecimentos ou correções feitas acerca do Ato Nuclear, cujo sentido o falante julga não estar comunicativamente claro. Esse último tipo de relação foi considerado, no trabalho de Fortilli (2007), como lembretes que o falante faz sobre o referente.

A análise dos resultados encontrados por Fortilli (2007) permitiu concluir que as construções Orientação-Núcleo são estrutural e funcionalmente diferentes daquelas com a sequência Núcleo-Correção. O grupo Orientação-Núcleo apresentou mais variações quanto ao tipo e à organização dos seus sintagmas constitutivos, enquanto o grupo Núcleo-Correção apresentou uma regularidade, com tendência a se configurar a partir de um sintagma adjetival e um sintagma nominal (SA + SN).

Fortilli (2007) constatou também que as construções Orientação-Núcleo são especializadas na função descritiva, pois, nos textos narrativos, atuam como um comentário sobre um referente no discurso; ao passo que as construções Núcleo-Correção são especializadas na função avaliativa, visto que, nos textos descritivos, expressam uma avaliação acerca de algum referente.

A autora verificou ainda que esse tipo de construção exerce a função de Fundo nos textos em que se inserem porque acrescentam, ampliam ou comentam o conteúdo da fala sem contribuir categoricamente para a meta comunicativa do falante. Apesar de cumprirem a função de Fundo, essas construções apresentam função interpessoal muito marcada, pois veiculam informação que, embora não contribua para a linha discursiva principal, é de extrema importância para orientação pragmática do ouvinte por acrescentar detalhes e atitudes do falante sobre o que está sendo dito.

Tais considerações acerca do trabalho de Fortilli (2007) são de grande valia para a presente pesquisa por ser esse um dos únicos trabalhos descritivos sobre predicções não-verbais, visto que a maioria das pesquisas se volta para o estudo de predicções verbais. Considerando os resultados apresentados pela autora, predicções do tipo Núcleo-Correção apresentam comportamento semelhante ao das predicções não-verbais simples investigadas na presente tese, visto que, além de serem altamente frequentes sob a forma de um sintagma adjetival e um sintagma nominal (SA + SN), são estruturas especializadas na veiculação de atitudes avaliativas do falante.

### **1.7. Questionamentos às propostas de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (2003)**

As propostas de Hopper e Traugott (2003) e de Lehmann (1988) para a gramaticalização de orações complexas têm oferecido grandes contribuições aos estudos desenvolvidos no Brasil (BRAGA, 1999; CEZARIO, 2001; VOTRE, 2004; SOUSA, 2007,

dentre outros). Em geral, porém, o que se observa, no modo como os autores desenvolvem suas propostas e também em suas análises, é uma ênfase maior em aspectos formais do que em aspectos semântico-pragmáticos envolvidos no processo de gramaticalização de orações.

No trabalho de Lehmann (1988), é possível constatar o predomínio de critérios sintáticos, conforme sua lista de parâmetros discutida na seção 1.3. Em várias passagens de seu texto, o autor deixa transparecer sua inclinação em privilegiar critérios de ordem formal, como se nota na seguinte passagem localizada após sua apresentação dos parâmetros de gramaticalização de orações:

O leitor há de notar que a natureza semântica da relação entre duas orações não figura nesta lista. Embora esta tenha sempre desempenhado papel proeminente na classificação de orações subordinadas, não parece ser constitutiva de tipos interlinguísticos válidos da ligação de orações. Isto é, não existe noção interlinguística de, digamos, oração concessiva que possua qualquer correlato estrutural constante. Ao invés disso, parece que os tipos gramaticais que emergirão com base nos seis parâmetros acima perpassam as relações de ligação de orações semanticamente distintas. (LEHMANN, 1988, p. 3)<sup>21</sup>

Essa passagem evidencia, por um lado, que o autor tem consciência da importância da semântica para a classificação de orações complexas, e, por outro, sua opção por privilegiar critérios formais, em razão de seus propósitos tipológicos. Nesse ponto, identifica-se uma lacuna na proposta de Lehmann (1988), uma vez que, se o autor tem como propósito estabelecer parâmetros que sejam válidos para diferentes línguas,<sup>22</sup> não dar a devida atenção ao papel exercido pela semântica no processo de gramaticalização e integração de orações é

---

<sup>21</sup> Cf. original: “The reader will notice that the semantic nature of the relation between the two clauses does not figure in this list. While this has always played a prominent role in the classification of subordinate clauses, it does not appear to be constitutive of cross-linguistically valid types of clause linkage. That is, there is no cross-linguistic notion of, say, the concessive clause which would possess any constant structural correlates. It rather appears that the grammatical types that will emerge on the basis of the above six parameters cut across the semantically different clause linkage relations.”

<sup>22</sup> Deve-se reconhecer aqui que a consideração de fatores semântico-pragmáticos em estudos tipológicos pode se mostrar um complicador, mas trabalhos tipológicos como os de Bybee (2003, 2010) têm demonstrado que a associação de fatores dessa natureza a explicações de muitos processos de mudança linguística pode trazer ganhos relevantes à compreensão do funcionamento das línguas naturais.

desconsiderar que a emergência de novas estruturas gramaticais na língua seja motivada por fatores de ordem comunicativa e cognitiva, como já defendia, por exemplo, Givón (1979).

Durante sua explanação de cada um dos seis parâmetros, Lehmann menciona aspectos semânticos, quando, por exemplo, trata da dessentencialização da oração encaixada e do conseqüente compartilhamento de informações entre oração matriz e subordinada, cuja interpretação passa a depender de elementos presentes na matriz. Verifica-se, entretanto, que a abordagem semântica a que ele se refere está restrita aos elementos comuns a oração matriz e encaixada e não ao tipo de relação semântica estabelecida entre essas orações, como se nota em sua afirmação de que “O estreitamento da ligação não depende tanto da natureza semântica da relação de ligação quanto da quantidade de material que as duas proposições têm em comum” (LEHMANN, 1988, p. 22).<sup>23</sup>

Outro ponto que denota a tendência do autor de restringir seu tratamento da gramaticalização de orações a aspectos formais está nos *continua* apresentados ao longo de sua proposta (cf. Quadro 3, à p. 50), nos quais prevalecem critérios sintáticos associados ao formato assumido pelo complexo oracional ao longo do processo de gramaticalização. Uma das principais questões norteadoras da presente tese coloca em questão justamente o *continuum* elaborado pelo autor, já apresentado em (15), o qual, por estar restrito a aspectos gramaticais do verbo, não comporta um ponto focal adequado para abrigo de predicções não-verbais encaixadas, como as aqui investigadas. Esse é mais um argumento que demonstra as limitações de uma abordagem que não leva em consideração a interação de fatores gramaticais e fatores semântico-pragmáticos.

Ao final de seu texto, Lehmann (1988) se mostra consciente da necessidade de associar aspectos funcionais e formais na busca de explicação de processos de combinação

---

<sup>23</sup> Cf. original: “The tightness of the linking does not so much depend on the semantic nature of the linking relation as rather on the amount of material that the two propositions have in common.”



envolvendo oração matriz e subordinada, mas, conforme mencionado anteriormente, ele faz apenas uma abordagem muito pontual a esse respeito, como se verifica na passagem a seguir:

Uma vez que percebemos que forças opostas são complementares, combinaremos os dois pontos de vista metodológicos. Em uma abordagem funcional, a ligação da oração pode ser vista como representante de dois estados-de-coisas tão estreitamente interligados que eles formam um estado-de-coisas complexo (compressão), ou, ao contrário, como um estado-de-coisas composto de dois (elaboração; cf Slotty 1936). Em ambos os casos, a relação cognitiva dos dois estados de coisas é refletida na forma como eles estão ligados na língua. (LEHMANN, 1988, p. 28)<sup>24</sup>

Essa passagem foi transcrita da seção “Uma explicação funcional para a ligação de orações” e, como o próprio título dessa seção sugere, infere-se que o autor irá debruçar-se de modo mais aprofundado sobre a relação existente entre as mudanças formais ocorridas no processo de gramaticalização de orações e as motivações funcionais para essas mudanças. Essa expectativa, no entanto, não é alcançada, uma vez que o autor apenas faz considerações muito gerais acerca dessa relação, sem propor critérios específicos sobre a influência da semântica na gramaticalização de orações complexas.

Em suma, relativamente a sua proposta de gramaticalização de orações, Lehmann (1988), ao conferir pouca ênfase a aspectos semântico-pragmáticos, torna o alcance tipológico pretendido pelo *cline* proposto por ele restrito a fenômenos que captam apenas os estágios finais de gramaticalização sem oferecer motivações comunicativas para eles. Dessa forma, o autor confere pouca atenção às discussões anteriores de Givón (1979) a respeito da natureza discursiva da mudança linguística e sua influência sobre a sintaxe. Essa ênfase dada aos aspectos formais em detrimento de aspectos semântico-pragmáticos sugere que esses fatores aparecem como consequência da gramaticalização e não como sua causa ou força motivadora.

---

<sup>24</sup> Cf. original: “Once we realize that the opposing forces are complementary, we will combine the two methodological viewpoints. In a functional framework, clause linkage may be viewed as either representing two states of affairs as so tightly interconnected that they form one complex state of affairs (compression), or on the contrary analyzing one state of affairs as composed of two (elaboration; cf. Slotty 1936). In either case the cognitive relatedness of the two states of affairs is mirrored in the way they are linked in language.”

Hopper e Traugott (2003), apesar de também privilegiarem em sua proposta critérios formais, demonstram, ao longo de toda a obra *Grammaticalization*, preocupação com a semântica e a pragmática, visto que dedicam um capítulo inteiro (cf. capítulo 4) à discussão do papel exercido por esses fatores na gramaticalização. Porém, ao tratarem da gramaticalização de orações, não se observa um tratamento aprofundado sobre como fatores semântico-pragmáticos influenciam o processo de combinação de **orações**. O critério “dependência”, por eles proposto, cumpre a função de conferir atenção às relações semântico-pragmáticas entre orações, mas os autores não chegam a oferecer uma proposta efetiva para o tratamento da gramaticalização de orações complexas. Corroboram essas constatações os estudos de caso apresentados pelos autores ao longo do capítulo em questão.

O primeiro tópico abordado por Hopper e Traugott (2003) envolve a gramaticalização de conectivos, cujo foco é discutir como preposições, dêiticos e demonstrativos podem se gramaticalizar e atuar na ligação de orações. Os autores, além de tratarem das diferentes relações sintáticas que esses elementos assumem no complexo oracional, discorrem sobre fatores semântico-pragmáticos implicados no processo de mudança dos itens e não no contexto das orações que eles passam a combinar.

Outro estudo de caso apresentado pelos autores refere-se à gramaticalização do *that* demonstrativo em complementizador do inglês. Nesse caso, também se verifica que os autores se preocupam em descrever aspectos formais da gramaticalização desse complementizador que, inicialmente, funciona como a cópia de um pronome objeto em orações hipotáticas, o qual, em um momento posterior, é reanalisado como constituinte da oração matriz e passa, então, a exercer o papel de um complementizador, cujo escopo é uma oração. Nota-se, ao longo de toda a discussão, que Hopper e Traugott (2003) não dispensam atenção aos tipos oracionais envolvidos nessa mudança nem como eles contribuem para a mudança categorial de demonstrativo a complementizador.

Somente na abordagem das orações relativas é que Hopper e Traugott demonstram mais claramente como estratégias discursivas podem influenciar e motivar a gramaticalização desse tipo específico de construção. Conforme eles ressaltam, as relativas têm origem em contextos nos quais exercem a função de tópico e não estão relacionadas, portanto, a uma oração específica, mas a um conjunto delas; e, posteriormente, gramaticalizam-se como uma oração encaixada em um nome.

Como destaca Braga (1999), a proposta de Hopper e Traugott remete a Givón (1979), que introduz o discurso como um parâmetro para a investigação da estrutura da língua e seu desenvolvimento. O autor postula dois modos distintos de comunicação: o *pragmático*, caracterizado por ligações frouxas entre os elementos de uma construção e morfologia “empobrecida”, e o *sintático*, identificado pela presença da subordinação e uso elaborado de morfologia gramatical. Ao propor esses dois polos, o autor defende que, no processo de gramaticalização, o modo mais pragmático de comunicação dá origem ao modo sintático, ou seja, o surgimento de estruturas morfossintáticas novas na língua é motivado por fatores de ordem comunicativa e cognitiva. Embora seja possível identificar a influência da teoria givoniana em Hopper e Traugott (2003), essa não parece ecoar aquela, principalmente nas análises de exemplos de gramaticalização de orações, nas quais se constata ainda forte influência de uma tradição de estudos centrada na investigação das estruturas gramaticais.

Com base na discussão realizada nesta seção, buscou-se mostrar que os trabalhos de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (2003), apesar de trazerem contribuições importantes às pesquisas sobre gramaticalização de orações complexas, carecem de um tratamento mais aprofundado acerca da influência de fatores semântico-pragmáticos nesse processo. Conforme se argumentou, na proposta de Lehmann (1988), não se verifica a proposição de critérios dessa ordem, e na de Hopper e Traugott (2003), esses critérios são postulados, mas sua aplicação a estudos de caso não deixa evidente em que medida esses fatores interagem e

impulsionam a gramaticalização de orações. Porém, é indubitável a validade de ambas as propostas, visto que postulam critérios capazes de explicar o processo de combinação de orações que têm um verbo como predicador.

Vale destacar que são exatamente as lacunas encontradas nas propostas de Hopper e Traugott (2003) e de Lehmann (1988) que impulsionam um tratamento mais aprofundado das mudanças observadas nas predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, objeto de estudo desta pesquisa. Parreira (2014) já evidenciou que o *continuum* elaborado por Lehmann (1988) não é suficientemente claro para o tratamento dos tipos de construções investigadas no presente trabalho, sendo necessário o diálogo com pesquisas que preencham as lacunas identificadas na proposta do autor, a fim de encontrar explicações capazes de propiciar uma maior compreensão do fenômeno sob investigação. Por esse motivo, as análises apresentadas na discussão dos resultados serão guiadas não só pelas propostas de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (2003), mas também, e sobretudo, pelos postulados de Bybee (2010), visto que a autora se detém na análise da influência de fatores de natureza cognitiva na estrutura da língua.

O percurso empreendido no presente capítulo, partindo de uma noção mais clássica de gramaticalização, que considera a investigação de itens lexicais, em direção a um entendimento mais recente, pautado sobretudo em Bybee (2010), a qual propõe que esse processo seja verificado no interior de construções específicas, visa demonstrar que a análise das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* sob a perspectiva mais atual dos *Modelos Baseados no Uso* pode trazer contribuições relevantes para o entendimento de mudanças diacrônicas que afetam esse complexo oracional.

## CAPÍTULO II

### O TRATAMENTO DO VERBO *ACHAR* NA LITERATURA

Neste capítulo, serão arrolados alguns dos principais trabalhos desenvolvidos sobre o verbo *achar* a partir da perspectiva teórica do funcionalismo americano, a fim de determinar em que medida esses estudos tratam da gramaticalização desse verbo relacionada ao processo de combinação de orações de que ele participa. Em vista desse objetivo, apresenta-se, em um primeiro momento, a origem latina do verbo *achar*, em que se destaca a mudança linguística por que passou *afflare*, verbo ao qual se atribui a origem de *achar* no português, e a nova estrutura argumental decorrente dessa mudança, com o objetivo de demonstrar que o processo de abstratização observado em *achar* no português tem início já no latim.

Em um segundo momento, os estudos de Galvão (1999) e Gonçalves (2003), apesar de tratarem apenas da gramaticalização do item lexical *achar*, constituem importantes referências, pois reconhecem, dentre as diferentes acepções assumidas por esse verbo em sua trajetória de gramaticalização, um uso mais gramatical com significado modal epistêmico, de implementação relativamente recente na história do português. Além desses trabalhos no âmbito do PB, a pesquisa de Thompson e Mulac (1991) acerca da construção parentética *I think* ('Eu acho') do inglês também fornece subsídios para a compreensão de como o funcionamento da construção como uma unidade automatizada leva a sua gramaticalização em função do seu papel pragmático-discursivo de modalizar a opinião do falante.

#### 2.1. A origem latina do verbo *achar* e seus significados assumidos no PB

O dicionário de Torrinha (1939?) reconhece que diferentes acepções atuais de *achar* estavam presentes em outros verbos latinos. Por exemplo, o sentido de 'encontrar' ocorria em verbos como *invenire*, *reperire*, *offendere*, *nancisci*, *incidere in*, *incurrere in*; a acepção de 'encontrar neste ou naquele estado, surpreender', no verbo *invenire*; o significado modal

epistêmico de ‘*supor, julgar, parecer*’, em verbos como *iudicare, ducere, existimare, habere* e *videre*.

O dicionário etimológico de Cunha (1986) atribui a *afflare* a origem latina de *achar*, que é, em geral, referendada pelos trabalhos que investigaram esse verbo diacronicamente (GALVÃO, 1999; GONÇALVES, 2003). No verbete reproduzido abaixo, o autor explica a origem etimológica desse verbo.

Achar ‘encontrar, descobrir’ XIII. Do lat. *afflare* ‘soprar’. Explica-se a evolução semântica pelo fato de o voc. ter origem na linguagem dos caçadores: do sentido primitivo do lat. ‘soprar’ passou-se ao de ‘sentir a proximidade da caça pelo odor, farejar’ e, daí, ‘descobrir, encontrar (a caça)’ [...] (CUNHA, 1986, p. 9)

Depreende-se do verbete acima que a evolução histórica de *afflare* revela, ainda no latim, a mudança de um significado específico de “soprar”, que, via sentido intermediário de “sentir, farejar a caça”, chega ao significado mais geral de “descobrir (a caça)”, focado somente no resultado, a descoberta. Conforme veremos na literatura sobre o verbo *achar* apresentada na seção seguinte, essa expansão de significado também se verifica em *achar*, verbo originado a partir de *afflare*.

Em ambos os dicionários acima referidos, não se encontraram informações sobre a estrutura argumental de *afflare* no latim. No entanto, Silva Neto (1992) apresenta uma breve descrição da evolução sintática desse verbo, explicando que, no curso da história do latim, muitos verbos intransitivos passaram a construir-se como verbos transitivos (acusativos). Conforme esclarece, essa trajetória pode ser identificada no caso de *afflare*, pois seu significado “farejar”, ligado ao contexto da caça, não admitia complemento, como mostra (32), enquanto, em virtude de sua evolução semântica, o verbo assume significado de “encontrar a caça” e, com isso, altera-se a sua estrutura argumental, que passa a admitir complemento, como se verifica em (33).

(32) *Canis afflat*. ('O cão fareja')

(33) *Canis afflat venatum*. ('O cão fareja a caça')

(SILVA NETO, 1992, p. 253-254)

O autor argumenta que a evolução semântica de *afflare* até *achar* evidencia que o ato de achar pressupõe uma base intencional, isto é, o resultado de quem antes procurou. Essa constatação do autor mostra ainda que a mudança da estrutura sintática do verbo *achar* já tinha se processado no latim e, portanto, permite concluir que o verbo *achar* no português mais antigo apresente uma estrutura argumental com objeto direto.

Acerca dessa forma de estruturação, Furtado da Cunha et al (1999) apresentam uma trajetória pancrônica do verbo *achar* em orações completivas do latim ao português arcaico até o século XX e constatam que é possível identificar um uso mais integrado de *achar* no português arcaico que não ocorre com tanta frequência no século XX, em razão dos contextos em que esse verbo se comporta como um parentético epistêmico. Os autores defendem que esse uso mais integrado no português arcaico reflete a nova organização sintática desse verbo ainda no latim.

Ao se estabelecer um contraponto com as evidências trazidas por esses estudos e as predicções não-verbais encaixadas, foco deste trabalho, é de se esperar, portanto, que, nos séculos mais remotos da língua portuguesa, encontremos com mais frequência predicções não-verbais reduzidas, visto que se verifica uma tendência em manter a mesma estrutura argumental herdada do latim.

Como resultado da evolução histórica descrita acima, é possível atribuir vários sentidos para o verbo *achar* no PB. Borba (1990) elenca várias acepções assumidas por esse verbo, dentre as quais se destacam a seguir apenas aquelas que, nos dados analisados, ocorrem em contexto de encaixamento de uma predicção não-verbal.

(i) Verbo pleno cujo sentido é “descobrir”, “encontrar”, “procurar”. Esse tipo de *achar* pode se apresentar de duas formas: com sujeito paciente e com complemento expresso (cf. (a)), ou por meio de um sujeito agente, que exerce uma atividade de “procurar”, “tentar achar”, e um complemento (cf. (b)).

a. O carcará *achou* maneira de encompridar o corpo fino na ponta das asas café pra mim, *acha* o açúcar. (BORBA, 1990, p. 29)

b. Espero que vou *achar* uma árvore para você. (BORBA, 1990, p. 29)

(ii) Verbo pleno com o significado de “considerar”, “qualificar”. Esse tipo de *achar* é acompanhado de um complemento expresso por predicção que indica uma avaliação ou apreciação sobre um objeto, evento ou proposição (cf. (c)). Nesta acepção, conforme descreve Borba (1990, p. 29), “pressupõe-se que o sujeito tenha experiência ou conheça não só o que se declara na oração subordinada, mas, ainda, o padrão de referência ao qual aquele conteúdo é avaliado.”

c. *Achamos* que o setor agropecuário e biológico tem grande importância (BORBA, 1990, p. 29)

(iii) O verbo *achar* indica “estado” quando é expresso em sua forma pronominal, com sujeito inativo acompanhado de predicativo, como se verifica em (d).

d. *Acham-se* abertas as inscrições para os candidatos do 1º ano do curso de interpretação. (BORBA, 1990, p. 30)

A partir da descrição feita sobre a evolução sintática e semântica do verbo *achar*, a seção seguinte apresentará os principais estudos desenvolvidos sobre esse verbo no PB.

## 2.2. O verbo *achar* como modal epistêmico

Conforme exposto em Parreira (2014), Galvão (1999) constatou a existência de quatro tipos de *achar* que, por se originarem da mesma forma fonte (*achar*, com sentido de *encontrar*), desempenham as seguintes funções.

(i) *Achar I*: verbo pleno cujo sentido é “descobrir”, “encontrar”, “procurar”. Esse tipo de *achar* seleciona dois argumentos: um argumento externo, sujeito agente, que exerce uma



atividade de *procurar*, *tentar achar*, *descobrir*, e um argumento interno, complemento, como e (a) abaixo.

a. *acha* o café pra mim, *acha* o açúcar

(GALVÃO, 1999, p. 73)

(ii) *Achar 2 (apreciação)*: verbo pleno performativo-modalizador com o significado de “opinar”. Esse verbo seleciona dois argumentos, um sujeito e um complemento oracional; exige um traço avaliativo no predicativo do sujeito, seja este expresso por um adjetivo ou um núcleo substantivo modificado; e está relacionado à apreciação do sujeito acerca do objeto que é predicado, o que demanda uma experiência com esse objeto. Esse tipo de *achar* é considerado um verbo performativo porque se apresenta como a própria ação que o seu sentido caracteriza. Exemplo do *achar 2 (apreciação)* pode ser observado em (b).

b. *Acho* que a economia é mais forte do que a lei...

(GALVÃO, 1999, p. 76)

(iii) *Achar 2'*: verbo pleno performativo-modalizador também com o significado de “opinar” é um desdobramento do *achar 2 (apreciação)* em virtude da possibilidade de redução da oração completiva. Esse verbo apresenta as características de verbo pleno que seleciona um argumento interno (SN) sempre predicado por um qualificador (SAdj). O adjetivo pode ser predicativo de uma oração copulativa encaixada reduzida (cf. (c)) e, quando o verbo de ligação é cancelado, o adjetivo é deslocado para antes do SN (cf. (d)).

c. eu *acho* a vida da gente muito curta.

d. eu *acho* ruim fazê cumida separado.

(GALVÃO, 1999, p. 81)

(iv) *Achar 3 (palpite)*: verbo modalizador epistêmico com o sentido de “supor”. Esse tipo de *achar* é um verbo proposicional cuja função é indicar a atitude de um sujeito em relação a uma proposição. *Achar 3 (palpite)* é utilizado, em oposição a *achar 2 (apreciação)*, quando o falante não tem certeza absoluta da verdade do que diz, servindo para atenuar o grau de compromisso do falante com a verdade do que está sendo afirmado. Exemplo desse tipo de *achar* é ilustrado abaixo, em (e):

e. ... não sei mas *acho* que era o Dema mais o Tico parece ou foi o Valdo.

(GALVÃO, 1999, p. 86)

(v) *Achar 4*: verbo parentético-epistêmico que tem função semelhante à dos advérbios modalizadores quase asseverativos<sup>25</sup> como *talvez* e *provavelmente*. Galvão classifica

<sup>25</sup> Segundo Galvão (1999, p. 93), Castilho e Castilho (1996) definem os *modalizadores quase asseverativos* como aqueles que indicam que o falante considera o conteúdo da sua afirmação como quase certo, muito próximo da verdade, e, por isso, não assume a responsabilidade sobre a falsidade ou verdade desse conteúdo.

nesse tipo as realizações de *achar* que aparecem fora de uma estrutura sentencial. Esse elemento também desempenha função modalizadora porque serve para indicar a incerteza do falante em relação ao que está sendo dito. *Achar 4* não seleciona argumento interno e tem grande mobilidade na cadeia sintagmática, aparecendo anteposto, posposto ou interposto na sentença, como se verifica, respectivamente, nos exemplos de (f) a (g).

- f. ... depois hou um hiato grande... com más produções... e agora eu...*acho* éh éh estamos vendo... a tentativa de um cinema... mais expressivo do que seja... do Brasil.
- g. (Em relação a você) até que eu compro bastante coisa, eu *acho*
- h. Tristeza, *acho*, sei lá.

(GALVÃO, 1999, p. 92 e 94)

Considerando a ordem de entrada de cada tipo de *achar* no sistema linguístico do português, a gramaticalização desse item pode ser representada pelo *continuum* em (34), reproduzido da autora.

(34) **Trajatória de gramaticalização do verbo achar**

**achar 1 > achar 2 (apreciação) > achar 2' > achar 3 (palpite) > achar 4**

(GALVÃO, 1999, p. 146)

Dentre as diferentes funções de *achar* elencadas por Galvão (1999), interessa mais diretamente a este trabalho a função de *achar 2'*, para o qual, a descrição sintático-semântica proposta pela autora é semelhante a observada quando o verbo encaixa uma predicação não-verbal. Na descrição da autora, o verbo seleciona um argumento interno (uma expressão nominal) que é predicado por um adjetivo que pode ser predicativo de uma oração copulativa encaixada, tal como em (35), ocorrência exemplificativa da própria autora.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Nossa descrição difere da de Galvão (1999) para esse uso do verbo, pois consideramos como argumento interno a construção não-verbal encaixada em si, no interior da qual há uma relação de predicação entre um argumento (nominal ou oracional) e um predicado não-verbal.

(35) eu *acho* a vida da gente muito curta. (Rondon, M, 32 a, 2)

(GALVÃO, 1999, p. 72)

Conforme Galvão analisa, emprega-se *achar 2'* quando o falante demonstra ter experiência direta com a situação enunciada na predicação encaixada, o que pressupõe um valor apreciativo e modalizador, pois sinaliza a subjetividade do falante em relação ao objeto de sua apreciação. Conforme explica a autora, o falante, ao se utilizar desse tipo de *achar*, indica para o seu interlocutor que está se comprometendo com a verdade de sua afirmação.

Essa análise do *achar 2'* feita por Galvão (1999), apesar de focalizar apenas o verbo *achar* sem levar em consideração o tipo de integração entre ele e a oração completiva, dá pistas importantes para a relação estabelecida entre construção matriz e encaixada, especialmente ao propor que esse tipo de *achar* denota um grau maior de certeza que está pautada na experiência do falante com a situação enunciada. Trata-se de aspecto relevante para distinção entre predicações não-verbais encaixadas desenvolvidas e reduzidas, cujo grau de integração pode revelar, respectivamente, maior e menor distanciamento entre os conteúdos da matriz e da encaixada.

Gonçalves (2003), tendo como foco de sua investigação a gramaticalização do verbo *parecer* na história do PB, também analisou o desenvolvimento das formas verbais concorrentes *achar* e *crer*, a fim de estabelecer comparação entre a trajetória de mudança experimentada por esses três verbos. Para atingir esse objetivo, o autor procedeu, inicialmente, a uma análise de dados do PB contemporâneo, seguida da análise de dados históricos do português. Dentre os resultados obtidos pelo autor, destaca-se a proximidade entre o quadro evolutivo do verbo *parecer* e os dos verbos *achar* e *crer* em direção à função de modalizador epistêmico. A expressão da subjetividade por meio do emprego desses verbos na função epistêmica é constatada por Gonçalves (2003), sobretudo, no aumento de frequência, ao longo da história, de marcas morfológicas de 1ª pessoa e de tempo presente,

contexto de uso que aponta para um processo crescente de subjetivização, em que as atitudes e crenças do falante são codificadas linguisticamente a partir do mundo comunicativo. Esse processo da subjetivização tem grande relevo no estudo de Gonçalves (2003), uma vez que o autor considera esse processo como importante para a mudança semântica de *achar*, especialmente porque, ao instaurar meios para a expressão da subjetividade, o verbo passa a indicar modalidade e evidencialidade, estratégias que promovem o (des)comprometimento do falante em relação a um conteúdo proposicional.

O trabalho de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016) sobre construções subordinadas substantivas no PB falado, embora não trate especificamente de predicções não-verbais, traz uma descrição detalhada de valores formais e semânticos não só de predicados matrizes, mas também de orações encaixadas. Trata-se de uma descrição distinta das anteriormente discutidas na medida em que o foco dos autores está centrado em todo o complexo oracional. Com relação ao estatuto semântico-discursivo, os autores apontam que diferentes predicados matrizes levam a tipos distintos de construções encaixadas, como é o caso do predicado *achar* classificado como predicado de *atitude subjetiva avaliativa* porque descreve “uma atitude do referente do sujeito da sentença principal em relação ao conteúdo da sentença completiva” (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016, p. 80). Uma ocorrência exemplificativa desse uso é a dada em (36), extraída do texto dos próprios autores.

(36) *o governo **acha** que a solução do, do chamado mundo econômico é a UPC [D2 RJ 355]*

(GONÇALVES, SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016, p.81)

Segundo os autores, essa classificação está pautada no critério de que esse predicado, quando apresenta sujeito diferente de 1ª. pessoa, apenas descreve a atitude avaliativa do referente do sujeito da sentença matriz, sem manifestação de avaliação subjetiva. Conforme explicam, a avaliação subjetiva ocorre apenas quando o verbo está na 1ª pessoa e no tempo

presente do indicativo, pois se refere ao próprio falante e ao momento da própria enunciação. Nesse último caso, o predicado *achar* é classificado como um predicado de *modalidade epistêmica*, como mostram as ocorrências em (37) e (38), também extraídas dos próprios autores.

(37) *eu acho que toda a escola devia praticar a natação [DID SSA 231]*

(38) *é uma água misturada com uma farinha eu acho que é...é ta/ ta-ca-cá se não me engano [DID RJ 328]*

(GONÇALVES, SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016, p.81-82)

De acordo com os autores, *achar* pode ser considerado um predicado epistêmico nos casos acima porque indica a opinião do falante, como pode ser visto em (37), ou seu grau de certeza e/ou seu descomprometimento com o conteúdo transmitido pela sentença encaixada, como ocorre em (38). Além de exercer a função de modalizador de opinião nesses contextos, *achar* expressa evidencialidade, por marcar a fonte da informação apresentada na oração completiva que, nos usos da 1ª pessoa, corresponde ao próprio falante.

Sob uma perspectiva pragmático-discursiva, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016) classificam o predicado *achar* como *não-factivo*, pois o conteúdo da sentença que os complementa não pode ser pressuposto nem como verdadeiro nem como falso, como se verifica do exemplo dos autores em (39).

(39) *no nosso tempo eu acho que só tinha contabilidade...agora já tem administração...de empresa né?...já tem secretariado...já tem uma série de...de cursos técnicos [DID SSA 231]*  
(= é ou não verdadeiro que só tinha contabilidade)

(GONÇALVES, SOUSA & CASSEB-GALVÃO, 2016, p.91)

Em (39), a oração *que só tinha contabilidade* não pode ser avaliada como verdadeira nem falsa em virtude do próprio valor semântico do predicado *achar* que revela uma estratégia do falante de não se comprometer com a verdade do conteúdo pressuposto pela sentença encaixada.

Outro aspecto semântico-discursivo que caracteriza as sentenças completivas consiste no modo de *distribuição das informações* no discurso a partir das noções de *figura*, informação mais relevante, e *fundo*, informação menos relevante. De um modo geral, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016) constataam que sentenças matrizes veiculam informação de *figura* e encaixadas expressam informação de *fundo*. Porém, em virtude da semântica do predicado matriz, essa correlação pode se inverter, conforme se verifica nos predicados de modalidade epistêmica em que a informação presente na sentença matriz corresponde a uma informação *fundo* e o conteúdo expresso pela sentença encaixada consiste em uma informação *figura*. Nesse caso, os autores apontam que o predicado matriz é como uma “nota de rodapé” que comporta apenas um comentário ou opinião do falante e não o conteúdo comunicativamente mais importante. O exemplo a seguir retirado dos autores ilustra esse comportamento.

(40) *eu acho que a gente não custa nada a gente satisfazer a vontade de pais e mães [DID SSA 231]*

(GONÇALVES, SOUSA; GALVÃO, 2008, p. 95)

Do ponto de vista formal, os autores tratam de quatro fatores que intervêm na relação estabelecida entre sentença encaixada e matriz: *formato* da oração encaixada, *correferencialidade* de sujeitos, *correlação modo-temporal* e *ordem*. Acerca desse último fator, os autores constataram que, pelo fato de o português ser língua de posposição, a sentença encaixada situa-se após a sentença matriz, posição *não-marcada* que respeita o Princípio de complexidade crescente, segundo o qual, “quanto mais complexo (ou, como também se diz, quanto mais ‘pesado’) um constituinte, mais à direita [na sentença] ele tende a aparecer” (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016, p. 96).

O formato da oração encaixada também influencia na estruturação da sentença complexa, de modo que existem duas possibilidades de a encaixada conectar-se à matriz: na *forma finita*, em que o verbo da oração encaixada apresenta marcas de flexão de Tempo e Modo, e na *forma não-finita*, em que o verbo da encaixada ocorre em uma de suas formas nominais. Além dessas características, sentenças finitas ligam-se à matriz por meio das conjunções *que* ou *se*, ao passo que as não-finitas prescindem dessas conjunções. Os autores argumentam que a forma assumida pelas sentenças encaixadas está condicionada ao grau de dependência semântica entre os eventos da matriz e da encaixada. Assim, sustenta essa dependência o princípio givoniano segundo o qual quanto maior a dependência conceitual entre os eventos codificados nas duas construções, maior é a proximidade formal entre eles, como ilustram os tipos de construções com o verbo *achar* em (41a) e (42b), de interesse neste trabalho.

- (41) a. Eu acho [que essa cadeira é confortável].  
 b. Eu acho [essa cadeira confortável].)

Em (41), a proximidade conceitual entre os estado-de-coisas descritos na matriz (*eu achar*) e na predicação não-verbal encaixada (*a cadeira ser confortável*) reflete-se na forma da construção encaixada: em (41a), a predicação não-verbal encaixada finita (com cópula e complementizador) codifica mera impressão do falante acerca do estado-de-coisas que se lhe apresenta, ou seja, representa um certo distanciamento cognitivo seu na avaliação da propriedade (*ser confortável*) atribuída ao objeto (*cadeira*), ao passo que, em (41b), a predicação não-verbal encaixada reduzida (sem cópula e sem complementizador) representa um estado-de-coisas experienciado pelo próprio falante.

Segundo os autores, a correferencialidade entre os referentes dos sujeitos da oração matriz e da encaixada também está associada ao formato da encaixada. Se os sujeitos têm a mesma referência, a sentença encaixada tende a ser expressa na forma não-finita, como mostra (42), porém se não houver co-referencialidade, a encaixada assume a forma finita, conforme (43).

- (42) *eu...espero não::ter problemas com elas porque...nós mantemos assim um diálogo bem aberto sabe?*  
[D2 SP 360]
- (43) *nós estamos esperando que haja...uma uma maior brevidade possível* [D2 SP 360]

(GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2008, p.105)

Ainda sobre esse aspecto, os autores constataam que, dentre as orações subordinadas substantivas, as objetivas diretas ocorrem na forma finita predominantemente com predicados de atitude subjetiva avaliativa e de modalidade epistêmica, tipos de predicados matrizes que incluem o verbo *achar*, como já abordado anteriormente.

Por fim, a correlação modo-temporal entre sentença matriz e encaixada revela maior ou menor dependência na referenciação temporal entre elas e também nesse aspecto o tipo de predicado matriz exerce influência. De acordo com os autores, os predicados de atitude subjetiva e modalidade epistêmica, dentre os quais se inclui o predicado *achar*, apresentam independência temporal em relação aos seus complementos porque o comprometimento do experienciador com a verdade do conteúdo comunicado não depende da referência temporal do evento descrito. Os autores esclarecem ainda que, como o momento de referência temporal da matriz é simultâneo ao momento da enunciação, o presente do indicativo ocorre de modo mais predominante na matriz, pois o falante e o experienciador têm a mesma referência. Ilustra esse comportamento a ocorrência em (44).

- (44) *Monlevade...mas o trecho de:...se não me engano de:...(Monlevade) é um pouco mais prá cá não me lembro o nome agora...acho que é de Coronel Fabriciano...até Governador Valadares é novo...inclusive eu sei porque eu vi a concorrência* [D2 SSA 98]

GONÇALVES, SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016, p.117)

A descrição feita por Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016) sobre as construções completivas, embora não contemple os casos de predicções não-verbais objeto da presente pesquisa, traz contribuições relevantes, pois, além de considerar aspectos de ordem formal e semântico-pragmática, exploram a interação entre matriz e encaixada. Assim, o tratamento do



predicado *achar* como um predicado de atitude subjetiva avaliativa, nos usos de 2ª e 3ª pessoas, e de modalidade epistêmica, nos casos de 1ª pessoa do presente do indicativo, fornece pistas para analisar as mudanças semânticas identificadas nas predicções não-verbais na história do português.

No inglês, Thompson e Mulac (1991) desenvolveram um trabalho em que focalizam a gramaticalização de construções parentéticas epistêmicas, como *I think* ('Eu acho'). O objetivo dos autores é determinar o grau de interação entre fenômenos do inglês conhecidos como *that-deletion* ('apagamento da conjunção *que*'), conforme se verifica nas frases (45) e (46), e a gramaticalização de predicados epistêmicos, como mostra o exemplo em (47).

- (45) I think *that* we're definitely moving towards being more technological.  
'Eu acho *que* nós estamos definitivamente mudando para sermos mais tecnológicos.'
- (46) I think *0* exercise is really beneficial, to anybody.  
'Eu acho exercício é de fato benéfico para qualquer um.'  
[= Eu acho que exercício é de fato benéfico para qualquer um]
- (47) It's just your point of view you know what you like to do in your spare *time I think*.  
'É apenas o seu ponto de vista você sabe o que você gosta de fazer no seu tempo livre, *eu acho*'.  
[=É apenas o seu ponto de vista. Você sabe o que você gosta de fazer no seu tempo livre, eu acho.]  
(THOMPSON; MULAC, 1991, p.313)

As ocorrências acima, embora sejam consideradas resultantes do apagamento da conjunção *that* ('que'), tratam-se, na verdade, de casos de gramaticalização em que construções com *I think* em (46) e (47) representam estágios mais gramaticalizados do que o de construção como em (45). A hipótese defendida pelos autores considera que o uso de *I think* ('Eu acho') nas frases (46) e (47) corresponde ao comportamento de advérbios epistêmicos, como *maybe* ('talvez'), pois expressa o grau de comprometimento do falante com o conteúdo enunciado. As evidências que sustentam essa hipótese sugerem que os significados dos verbos usados mais frequentemente com os predicados epistêmicos estão associados à crença como uma forma de conhecimento. Nesse sentido, os sujeitos e verbos mais frequentes nas orações sem o *that* ('que') são reanalisados pelos falantes como

predicados epistêmicos que exibem um grau de liberdade maior que permite sua ocorrência em diferentes posições assim como os advérbios epistêmicos. Configura-se, portanto, em uma mudança observada em categorias sintáticas e semânticas que afetam toda a oração, uma vez que a combinação *sujeito + verbo* se torna um único elemento que funciona como membro da categoria advérbio.

Os resultados alcançados pelos autores demonstram que os verbos mais frequentes, *think* ('achar') e *guess* ('supor') apresentam alta frequência também nas orações sem o *that* ('que') e esses mesmos verbos ocorrem com mais frequência como parentéticos epistêmicos. Comportamento semelhante foi constatado para o sujeito que é expresso com maior frequência na 1ª e 2ª pessoa do singular nas frases sem o emprego do *that* ('que'). Nesse caso, conforme os autores argumentam, a 1ª pessoa do singular em frases declarativas e a 2ª pessoa do singular em frases interrogativas constituem marcas de evidencialidade, pois transferem para o sujeito ou para o ouvinte a responsabilidade sobre a verdade do conteúdo enunciado. O sintagma *I think* ('Eu acho') também apresenta um percentual mais elevado de ocorrência do que outras possibilidades de combinação, o que, para os autores, constitui uma consequência das frequências altas de *I* ('Eu') e *think* ('achar') individualmente.

Em suma, os resultados obtidos pelos autores confirmaram a hipótese de que predicados como *I think* ('Eu acho') comportam-se como parentéticos epistêmicos. Esses predicados passaram por mudança categorial, de um uso mais lexical, em que mantinham relação com a oração encaixada em virtude da presença do *that* ('que'), para um uso mais gramatical, em razão da sua mobilidade na oração e do uso em contextos específicos que evidenciam o comprometimento do falante.

A referência a este trabalho realizado por Thompson e Mulac (1991) não tem por objetivo focalizar a mudança categorial observada no emprego de *I think* ('Eu acho') como um parentético epistêmico, porque esse não é o foco da presente pesquisa. Chama a atenção

no estudo desenvolvido pelos autores o fato de como a especialização do predicado matriz *I think* ('Eu acho') na 1ª pessoa do singular do presente tem papel fundamental para a explicação da função pragmática exercida pela construção parentética, que consiste em marcar o comprometimento do falante com a verdade do que diz. Essa regularidade também pode ser observada nas construções investigadas nesta pesquisa, visto que, nos usos do século XXI, como constata Parreira (2014), o encaixamento de predicções não-verbais ocorre sobretudo quando o predicado matriz *achar* está na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Essa constatação não é aleatória, pois essas construções expressam sempre avaliação de um conteúdo proposicional e, dessa forma, o emprego do predicado matriz na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo cumpre a função de manifestar a subjetividade do falante.

Além dos pontos em comum já mencionados, a revisão dos trabalhos sobre o verbo *achar* abordados nesta seção tem por objetivo estabelecer um ponto de distinção entre esses estudos e a presente pesquisa, na medida em que o foco desta tese não está centrado no item lexical *achar*, como propõem os estudos descritos, mas se detém na investigação de predicções não-verbais encaixadas nesse tipo de predicado matriz. Nesse sentido, este trabalho, a partir da adoção de uma perspectiva baseado no uso, constitui uma contribuição aos estudos resenhados pelo fato de ancorar a análise das predicções não-verbais à noção de construção, conceito central nessa abordagem, para verificar os padrões construcionais de realização dessas predicções quando encaixadas no verbo *achar*.

Com base nessa descrição, a próxima seção apresenta uma classificação dos diferentes sentidos do verbo *achar* que leva em consideração somente os usos desse verbo quando encaixa predicções não-verbais. Essa classificação propõe uma reelaboração da caracterização feita pelos trabalhos expostos a fim de adequação ao contexto e especificidades da presente pesquisa.

### 2.3. Caracterização dos significados do verbo *achar*

Dos diferentes usos de *achar* quando encaixa predicções não-verbais, foram identificados, nos dados levantados, três significados: *achar-processo*, *achar-avaliativo* e *achar-estativo*.

Na primeira acepção, *achar-processo*, o verbo apresenta-se em seu sentido mais concreto de “descobrir”, “encontrar”, “procurar”. Esse tipo de *achar* seleciona um argumento externo, sujeito agente, responsável pela atividade de *busca*, e um argumento interno caracterizado por uma predicção não-verbal simples reduzida estruturada por meio de um adjetivo e um argumento nominal (cf. (48)).

- (48) E tive por grande maravilha como poderia sair dali fora, porque assi **achei a porta cerrada** como antes. (13, FRA, p.8)

O segundo significado, *achar-avaliativo*, corresponde aos casos em que o verbo expressa uma opinião do sujeito que, de acordo com Borba (1990, p. 29), “tenha experiência ou conheça não só o que se declara na oração subordinada, mas, ainda, o padrão de referência ao qual aquele conteúdo é avaliado.” Esse uso assemelha-se ao *achar 2 (apreciação)* proposto por Galvão (1999). A estrutura sintática desse tipo de *achar* é construída por meio de um argumento externo, expresso por um sujeito experienciador, e um argumento interno que pode se manifestar por meio de uma predicção não-verbal simples desenvolvida (cf. (49)) ou reduzida (cf. (50)).

- (49) o rapaz queria conversá(r) com ele lá e::... NA::da de achá(r) ele que ele... no MEU pensamento EU tô falando aqui... eu acho... que ele tá se... envolvendo de novo que **achô(u) que foi mui::to fácil a coisa...** e ele é uma pessoa boa então:: num POde sê(r) assim né? (21, AC-071, p. 121)
- (50) Se alguus omees ouuerem cartas que queyrã renouar porque son uellas ou por outra cousa guysada que semelhe, tragaas ant’o alcayde. E se **o alcayde as achar dereytas e feytas per mao do escriuã publico** e uir qua lli faz mester per alguma daquellas razões subreditas, entõ façaas renouar a esse ou a outro scriuã publico se uir qua lhy [faz] mester. (13, FRA, p. 40)

A depender da forma de expressão do sujeito matriz e do tempo e modo do verbo *achar*, a avaliação pode se especificar em avaliação não-modal subjetiva ou avaliação modal epistêmica.

Configura uma avaliação *não-modal subjetiva* os casos em que o sujeito matriz está na 2ª ou 3ª pessoa do singular, como se verifica em (49) e (50), indicando o que Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016) descrevem como *predicado de atitude subjetiva avaliativa*, cuja função é apresentar uma descrição da atitude do falante. O tempo verbal também exerce influência nessa interpretação na medida em que o emprego do verbo *achar* no passado, em (50), assinala que se trata de uma descrição da avaliação.

Ainda com base na mesma classificação proposta pelos autores, propõe-se que caracteriza uma avaliação *modal epistêmica* o emprego de *achar* na 1ª pessoa do presente do indicativo. Conforme se verifica em (51) e (52), quando expressa esse sentido, o complemento do verbo *achar* pode ser expresso tanto por uma predicação não-verbal simples como complexa.

- (51) Para sua sivilização basta huã bom directorio, eque este se aproveite estam sem disciplina tam somente para as empregar a disciplina, e trabalho, e a iniciação das primeiras letras por que outras qual quer coisa, elles abominaõ, por isso que **acho inutel outro qual quer intento**. (18, CP, p. 109)
- (52) vô(u) abrí(r) depois do almoço eu abro depois do almoço... é lógico se eu num co/ se eu num tivé(r) aluno... porque **eu acho que é muito importante você tê(r) um domínio sobre você... seus horários...** (21, AC-109, L. 462)

Como é possível deprender das ocorrências acima, a leitura da avaliação modal epistêmica decorre do fato de que o falante assume o seu comprometimento com a avaliação feita sobre o conteúdo da predicação não-verbal, opinião sinalizada na forma de 1ª pessoa do presente do indicativo do predicado matriz.

A terceira acepção, achar *estativo*, compreende os usos indicativos de estado em que esse verbo é expresso em sua forma pronominal com sujeito inativo e apresenta como complemento uma predicação não-verbal simples reduzida (cf. (53)).

- (53) A Secretaria do Colégio San-|tanópolis e da Escola de Co-|mercio avisa a todos os inte|ressados que **se acham abertas| as inscrições para os exames| de admissão á 1.<sup>a</sup> Série gina-|sial – diurna e noturna e do| Curso Basico** – os quais se rea-|lizarão nos dias 23 e 24 de Fe-|vereiro proximo vindouro. (20, ANFN, p. 21)

A abordagem de estudos sobre o verbo *achar* desenvolvida neste capítulo teve por objetivo mostrar o percurso de gramaticalização desse verbo que levou a sua abstratização, especialmente, ao longo da história do português. Trata-se de evidência significativa para o presente trabalho, pois, conforme sugere a segunda hipótese, é provável que a trajetória diacrônica das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* acompanhe o processo de abstratização desse verbo. Essa expectativa está pautada sobretudo nos postulados de Bybee (2010) para quem a gramaticalização envolve todos os elementos que constituem a construção e não apenas um item em particular.

O capítulo seguinte apresenta o detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho a partir da descrição dos *corpora*, que serviram de fonte para o levantamento de ocorrências de predicções não-verbais, os critérios de frequência de uso e os parâmetros que guiaram as análises das predicções em estudo.

## CAPÍTULO III

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. *Corpora* de análise

A análise das predicacões não-verbais encaixadas consideradas nesta tese está baseada em amostras do português tanto histórico quanto contemporâneo, dois *corpora*, portanto: um diacrônico e outro de sincronia contemporânea do PB.

Para composição do *corpus* diacrônico desta pesquisa foram recolhidas amostras de textos históricos compilados por dois diferentes projetos, cuja escolha deveu-se ao rigor filológico que ambos mantiveram na edição dos textos, requisito essencial para estudo linguístico de tempos pretéritos (MATTOS E SILVA, 2008): o projeto “Programa Para História da Língua Portuguesa”, sediado na Universidade Federal da Bahia, e seu banco de dados informatizados de textos (referido daqui em diante, como BIT-PROHPOR), e o projeto *Cópus Diacrônico do Português*, sediado na Unesp, Câmpus de São José do Rio Preto, disponível em <<http://www.cdp.ibilce.unesp.br>> (referido daqui em diante, como CDP). O *corpus* diacrônico organizado compõe-se, portanto, de textos escritos que constituem amostras representativas de gêneros discursivos variados de diversas fases da história da Língua Portuguesa (séculos XIII a XX), incluindo textos notariais/foros, textos em prosa literária (traduções e textos escritos originalmente na língua vernácula), poesia e prosa epistolar.

No quadro 4, abaixo, são apresentados os textos recolhidos dos mencionados projetos e que compõem o *corpus* diacrônico da pesquisa.

Século	Textos selecionados	Identificação da fonte <sup>27</sup>
XIII	<i>Foro Real de Afonso X</i>	FRA
	<i>Cantigas de Santa Maria</i>	CSM
XIV	<i>Flos Sanctorum</i>	FS
XV	<i>Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	CPVC
	<i>Crônicas de D. Pedro</i>	CP
	<i>Bosco Deleitoso</i>	BD
	<i>Crônica da Tomada de Ceuta</i>	CTC
	<i>Crônica de D. Fernando</i>	CF
	<i>Crônica dos Feitos de Guiné</i>	CFG
	<i>Leal Conselheiro</i>	LC
	<i>Livro dos Ofícios</i>	LO
XVI	<i>Manuscritos das mãos inábeis</i>	MMI
	<i>Corte na Aldea</i>	CA
	<i>Livro de José de Arimateia</i>	LJA
	<i>Notícia do Brasil</i>	NB
	<i>Tratado da Terra do Brasil</i>	TTB
	<i>Cartas de D. João III</i>	CJ
XVII	<i>Manuscrito das mãos inábeis</i>	MMI
	<i>Corte na Aldea</i>	CA
	Trechos de obras de Frei Luis de Sousa	FLS
	<i>Historiografia de Alcobaça</i>	HA
	<i>Livro Primeiro do Governo do Brasil</i>	LPGB
	<i>Sermão da Sexagésima</i>	SS
XVIII	<i>Cartas Baianas Setecentistas</i>	CBS
	<i>Cartas Oficiais da Paraíba</i>	COP
XIX	<i>Anúncios recolhidos no jornal Diário da Bahia</i>	NA
	<i>Cartas de leitores publicadas na Gazeta da Bahia</i>	CL
	<i>Cartas de redatores do Jornal da Bahia</i>	CR
	<i>Cartas de Salvador</i>	CS
	<i>Atas escritas por brasileiros</i>	AB
	<i>Cartas para vários destinatários</i>	CVD
	<i>Cartas para Cícero Dantas Martins</i>	CCDM
	<i>Cartas para Cícero Dantas Martins</i>	CCDM
XX	<i>Anúncios do Jornal Folha Norte</i>	ANFN
	<i>Cartas de Mário de Andrade</i>	CMA
	<i>Carta de Manuel Bandeira</i>	CMB
	<i>Mensagem apresentada ao Congresso Nacional na abertura da segunda sessão da sétima legislativa em 1910</i>	MCN

**Quadro 4** – Composição do *corpus* diacrônico

Em virtude de restrições impostas à investigação diacrônica de qualquer que seja o fenômeno linguístico, alguns esclarecimentos devem ser feitos acerca dos textos que compõem o *corpus* diacrônico da presente pesquisa. A inclusão dos textos indicados no quadro acima (e não de outros) no *corpus* levou em consideração a presença de ocorrências

<sup>27</sup> A identificação da fonte do dado será dada ao final de cada ocorrência.



com o verbo *achar*, e, desse modo, todos esses textos manifestam ao menos uma ocorrência de alguma das construções de interesse para a pesquisa.

Como consequência dessa primeira decisão de reunir o maior número de ocorrências possível de interesse para a pesquisa, a diversidade dos gêneros discursivos representados no *corpus* é resultante de acaso, já que não se controlaram, na composição do *corpus*, nem a diversidade de gêneros discursivos nem sua extensão. Se por um lado esse procedimento possa parecer problemático, por outro, ele pode ser visto como garantia de que qualquer gênero discursivo é candidato potencial a estar representado no *corpus*. Em outras palavras, uma diversificação previamente consciente de gêneros discursivos para composição de um *corpus* diacrônico pode levar um dado gênero a não manifestar o fenômeno de interesse do analista e outro gênero a manifestar em demasia, situações problemáticas extremadas que somente um especialista em gênero deveria dar conta de contornar. Na composição do *corpus* diacrônico desta pesquisa, a recomendação em se procurar “fazer bom uso de maus dados”, em “se ouvir o inaudível”, esteve no centro das preocupações, como bem recomenda Mattos e Silva (2008), ao tratar de estudos linguísticos diacrônicos.

Já que os principais testemunhos para o passado linguístico são os textos escritos – inscrições, manuscritos, textos impressos –, são apropriadas metáforas para definir a Linguística Histórica, como a de Roger Lass, “Ouvir o inaudível” (1997: p. 45), e a mais conhecida, de William Labov, “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados” (1982: p. 20). Metáforas que, em parte, podem delimitar o que seja o trabalho nesse campo da Linguística. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 40-41)

O segundo *corpus* da pesquisa foi constituído a partir das amostras de fala do PB contemporâneo de responsabilidade do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), disponíveis em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>> no banco de dados Iboruna. Esse banco de dados, finalizado em 2007, compõe-se de amostras do português falado em São

José do Rio Preto e seis cidades circunvizinhas: Cedral, Bady Bassity, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde.

A exemplo da conduta adotada para composição do *corpus* diacrônico, para coleta dos dados do século XXI, foi composta uma subamostra do banco de dados Iboruna com a inclusão de todos os inquéritos em que foi possível identificar ocorrências de predicções não-verbais de interesse para a pesquisa, não tendo havido, por essa razão, controle de extensão das amostras selecionadas entre si nem comparativamente à extensão dos textos dos *corpora* diacrônicos. No quadro seguinte encontram-se identificadas, em cinza, as amostras de fala do Banco de dados Iboruna que compuseram o *corpus* sincrônico do PB contemporâneo.

Amostra	Subamostras do Banco de dados Iboruna										
<b>Censo</b>	001	002	003	004	005	006	007	008	009	010	011
	012	013	014	015	016	017	018	019	020	021	022
	023	024	025	026	027	028	029	030	031	032	033
	034	035	036	037	038	039	040	041	042	043	044
	045	046	047	048	049	050	051	052	053	054	055
	056	057	058	059	060	061	062	063	064	065	066
	067	068	069	070	071	072	073	074	075	076	077
	078	079	080	081	082	083	084	085	086	087	088
	089	090	091	092	093	094	095	096	097	098	099
	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110
	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121
	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132
	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143
	144	145	146	147	148	149	150	151	152		
<b>Interação</b>	001	002	003	004	005	006	007	008	009	010	011

**Quadro 5** - Composição do *corpus* sincrônico do PB contemporâneo

Diferencia Amostra Censo (AC) da Amostra de Interação (AI) do banco de dados Iboruna o modo de coleta das entrevistas: enquanto as 152 entrevistas de AC seguem os preceitos metodológicos da Sociolinguística e envolvem a presença de entrevistador que estimula o entrevistado a produzir tipos de textos orais específicos (NE, narrativa de experiência pessoa, NR, narrativa recontada, RO, relato de opinião, RP, relato de procedimento, e DE, relato de descrição), os 11 inquéritos de AI são gravados secretamente,

em contextos interacionais livres, com consentimento e conhecimento dos participantes posteriores às gravações.

Das 152 entrevistas de AC e dos 11 inquéritos de AI, apenas os destacados em cinza no quadro 5, compuseram o *córpus* da pesquisa. Conforme já deve ter ficado claro, o critério norteador para inclusão dessas entrevistas e inquéritos orais foi o levantamento de todas as ocorrências com o verbo *achar*, a fim de se aproveitarem todos os dados disponíveis nas duas amostras.

Reconhece-se que a opção em não controlar a extensão dos textos investigados tem um efeito sobre a frequência de uso das construções. Deve-se compreender, contudo, que essa decisão metodológica não interfere na comprovação da hipótese defendida no trabalho, que procura desvendar o percurso de desenvolvimento das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*. Por esse motivo, optou-se por controlar a frequência de uso de padrões construcionais encaixados, pois, embora esse controle possa não refletir rigorosamente a realidade dos fatos, constitui fator importante na revelação de tendências que envolvem o processo de mudança observado nas predicções não-verbais.

### **3.2. Apuração de frequência de uso**

Como o presente estudo está alinhado a abordagens teóricas em que a verificação da frequência de uma construção em processo de gramaticalização se torna um recurso para a explicação desse processo, o conceito de frequência também será muito importante para a análise de todas as ocorrências levantadas nas sincronias consideradas.

Segundo Bybee (2003), o aumento da frequência de uso de uma construção ocorre como resultado do aumento do número e dos tipos de contextos em que ela é utilizada. A autora, no entanto, chama atenção para o fato de que a frequência não constitui um resultado

da gramaticalização, mas uma força que impulsiona as mudanças ocorridas durante esse processo. A repetição constitui, assim, um fator fundamental para a implantação da mudança.

Bybee (2003) propõe dois métodos de apuração de frequência: um primeiro relacionado à frequência *token* (ou de ocorrência) e outro, à frequência *type* (ou de tipo). Por meio do primeiro tipo verifica-se a frequência de ocorrência de uma unidade, independentemente de seu valor semântico e/ou pragmático, enquanto o segundo tipo capta a frequência de um padrão particular.

Na presente pesquisa, o método de apuração de frequência *token* e *type* foram adaptados de Bybee (2003) ao estudo dos padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*. Assim, **frequência token** diz respeito à contagem de ocorrências de predicções não-verbais encaixadas que se realizam segundo o padrão genérico da construção *[[ARG] ACHAR [ [PRED] [ARG]]<sub>ENCX</sub>]*, independentemente do significado contextual assumido pelo verbo *achar* (avaliativo, estativo, epistêmico etc), o que significa que se computam, sob esse critério, qualquer ocorrência de predicção não-verbal encaixada no verbo *achar*. **Frequência type**, por sua vez, diz respeito à contagem de tipos e subtipos específicos de predicções não-verbais encaixadas, que se realizam segundo padrões construcionais definidos pela combinação de parâmetros de forma e de sentido do tipo *[[ARG] ACHAR<sub>SIGNIFICADO-x</sub> [ [PRED][ARG<sub>TIPO DE ENTIDADE-x</sub>]<sub>CLASSE MORFOSSINTÁTICA-x DE ARG</sub>]<sub>PREDICAÇÃO NÃO-VERBAL ENCAIXADA.FORMATO-x</sub>]*. Sob essa definição genérica, um *type* é constituído, primeiramente, pelo significado assumido pelo verbo *achar* em contextos particulares (avaliativo, estativo, epistêmico etc). A esse *type*, associam-se um ou mais **subtypes**, definidos pelos seguintes parâmetros de forma e de sentido da construção: tipo semântico de entidade representada por *[ARG]* da construção encaixada (*indivíduo, EsCo, proposição, Episódio*); expressão morfosintática de *[ARG]* da construção encaixada, o que a define como encaixada simples, se *[ARG]* é nominal, ou complexa, se *[ARG]* é oracional; formato da predicção não-verbal

encaixada (reduzida, sem cópula e sem complementizador, ou finita, com cópula flexionada e complementizador).

Definido o que constitui *token* e *type*, a frequência de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* por sincronia foi apurada, preenchendo-se a tabela genérica dada abaixo, aqui denominada “tabela x”.

**Tab. X:** Frequência *token* e *type* de padrões de predicção não-verbal encaixada no verbo *achar* (século xxxx).

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos	
Freq. <i>token</i>		Freq. <i>type</i>	Total
[ [ARG] ACHAR [ [PRED] [ARG] ] ENCAIXADA]	Número total de ocorrências levantadas no século	Total de <i>type</i> Total	
		<i>Subtype-1 do type-1</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-1 do type-1</i> / Total de ocorrências do <i>type-1</i> )
		[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-1 [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-1] CLASSE MORF. DE ARG-1]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-1]	
		<i>Subtype-n do type-1</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-n do type-1</i> / Total de ocorrências do <i>type-1</i> )
		[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-1 [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-n] CLASSE MORF. DE ARG-n]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-n]	
		Subtotal do <i>type-1</i>	X% (No. de ocorrências do <i>type-1</i> / Total de <i>tokens</i> )
		<i>Subtype-1 do type-2</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-1 do type-2</i> / Total de ocorrências do <i>type-2</i> )
		[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-2 [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-1] CLASSE MORF. DE ARG-1]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-1]	
		<i>Subtype-n do type-2</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-n do type-2</i> / Total de ocorrências do <i>type-2</i> )
		[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-2 [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-n] CLASSE MORF. DE ARG-n]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-n]	
		Subtotal do <i>type-2</i>	X% (No. de ocorrências do <i>type-2</i> / Total de <i>tokens</i> )
		<i>Subtype-1 do type-n</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-1 do type-n</i> / Total de ocorrências do <i>type-n</i> )
		[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-n [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-1] CLASSE MORF. DE ARG-1]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-1]	
		<i>Subtype-n do type-n</i>	X% (No. de ocorrências do <i>Subtype-n do type-n</i> / Total de ocorrências do <i>type-n</i> )
[ [ARG] ACHARSIGNIFICADO-n [ [PRED] [ARG TIPO DE ENTIDADE-n] CLASSE MORF. DE ARG-n]CONST. NÃO-VERBAL ENCX.FORMATO-n]			
Subtotal do <i>type-n</i>	X% (No. de ocorrências do <i>type-n</i> / Total de <i>tokens</i> )		
<i>Total de subtypes; n</i>	Total de <i>tokens</i> (= Subtotal do <i>type-1</i> + Subtotal do <i>type-2</i> + Subtotal do <i>type-n</i> )		

Para apuração das frequências *token* e *type*, procedeu-se ao processamento eletrônico dos dados levantados por sincronia, recorrendo-se ao programa estatístico *Goldvarb* e seus subprogramas, aqui empregados não com a mesma finalidade com que é empregado em

estudos variacionistas, mas apenas para se ter a garantia de que todos os dados levantados fossem analisados segundo os mesmos parâmetros de ordem formal e funcional, estabelecidos, os quais seguem detalhados a seguir.

### 3.3. Parâmetros de análise

#### 3.3.1. Parâmetros formais

##### (i) Forma do argumento da predicação não-verbal encaixada

Esse critério de análise verifica a estrutura morfológica da entidade alvo da avaliação (SN pleno, pronome pessoal, pronome indefinido, pronome demonstrativo ou oração), conforme ocorrências de 54 a 58, respectivamente.<sup>28</sup>

- (54) O Collector nomiado entrou em exerci-cio e mora distante desta villa duasleguas na fazenda de seu pae, prejudicando assim as partes por **se achar summariamente fechada a repartição** (19, CCDM, p. 177)
- (55) Se alguus omees ouuere cartas que queyrã renouar porque son uellas ou por outra cousa guysada que semelhe, tragaas ant'o alcayde. E se **o alcayde as achar dereytas** e feytas per mao do escriuã publico e uir qua lli faz mester per alqua daquellas razões subreditas, entõ façaas renouar a esse ou a outro188 scriuã publico se uir qua lhy [faz] mester. (13, FRA, p.40)  
(= e se o alcaide as achar corretas e feitas por mão de escrivão público...)
- (56) porque tudo até ao Maranhão e defronte da costa são baixos, e pode navegar sempre por entre eles e a terra, por fundo de três braças e duas e meia, **achando tudo limpo** e quando se chegar mais à terra, achará mais fundo. (16, NB, p.7)
- (57) aqui no Maria aqui mesmo até no Maria os aluno che(i)ravam e fumavam no banhe(i)ro né?... eram po(u)cos mas... fazia né?... no período da noi::te... no Bady... no Bady eles faz isso diREto nas (escola) né?... eles tão colocan(d)o câmera no banhe(i)ro pra isso mesmo... só que num deu::/ só que **eu acho isso errado** né?... (21, AC-015, L. 913)
- (58) Recebi a sua carta com o retalho de jornal e os versos do novo poeta. Muito obrigado por tudo. **Achei ótimo o que você escreveu sobre a sua Itabira**. O novo poema também me agradou muito. (20, CMB, p. 24)

<sup>28</sup> Convém lembrar que as informações entre parênteses, que acompanham as ocorrências, indicam, respectivamente, a sincronia a que o dado pertence e a fonte de onde o dado foi extraído: o texto histórico, para dados dos séculos de XIII a XX (cf. quadro 4), ou a amostra de fala, para dados de fala do século XXI (cf. quadro 5), com página ou número linha onde o dado se encontra.

A hipótese norteadora desse critério de análise é a de que pronomes, dado seu caráter fortemente referencial, favoreçam, mais do que as outras categorias, construções em que a avaliação é expressa na forma de uma predicação reduzida, pois quanto mais identificável for uma entidade, menor será a quantidade de material linguístico na codificação da avaliação, o que se refletiria na maior contiguidade morfossintática das orações matriz e encaixada.

### (ii) Ordem do predicado e argumento na predicação não-verbal encaixada

Por meio desse parâmetro, verifica-se se o predicado está anteposto (cf. (59)) ou posposto à entidade alvo da avaliação (cf. (60)).

(59) Doc.: é ele inibe... [Inf.: ((risos))] ah pode dá(r) sua opinião de tê::(r) grava::do como que é falá(r) com um gravador na 3[fre::nte]

Inf.: 3[ah]... não **eu acho *interessante* assim:: a a pesquisa né?** pra fazê(r)... mas AI de(i)xa a gente um po(u)co inibido assim o gravador (na mão) ((risos) às vezes a gente sabe assim das coisa mas não num consegue expor assim falá(r) por causa dele... mas é legal... foi bom participá(r). (21, AC-44, L. 261)

(60) Murilo,

aí vai o que lhe prometi. Preferi dedicar o Macunaíma ao Álvaro Albuquerque. Não pude para no hotel no domingo e esperar sua telefonada, desculpe. Li o Roberto6 em letra-de-fôrma e **achei o livro *excelente***. (20, CMA, p. 3)

Procura-se analisar, por meio desse parâmetro, se a posição do predicado pode ser indicativa de maior ou menor integração entre oração matriz e encaixada. Nesse sentido, pressupõe-se que a adjacência do argumento da predicação não-verbal ao verbo *achar* leva à possibilidade de interpretá-lo, em termos estruturais, como objeto de *achar*, o que pode ser comprovado por meio de dados em que esse argumento é expresso por pronome acusativo, fato que revelaria caso de maior integração. Desse modo, a expectativa é de que as predicções não-verbais reduzidas apresentem o predicado posposto ao argumento sobre o qual ele predica, já que essa posição acarretaria maior aproximação entre o argumento da construção encaixada e o predicado matriz.

### (iii) Pessoa gramatical do verbo *achar*

O terceiro critério de ordem morfológica considerado nas análises tem por objetivo averiguar em que pessoa gramatical o verbo *achar* está conjugado, como, por exemplo, nas ocorrências a seguir: primeira e terceira pessoas do singular e segunda e terceira pessoas do plural.

- (61) Inf.: ah bom bom num é mas... faz parte né? então... preciso dependo daqui então... vamo(s)/ tem que lutá(r) pa ficá(r) aqui então... enquanto eu necessito daqui... **eu acho que é BOM eu ficá(r) aqui...** mas... aí que tá o:: bom da história (21, AC-029, L. 196)
- (62) 1 E quando foi aas portas | da vila e entrar quis,  
2 **achou as assi serradas** | que des ali foi ben fis  
3 de non entrar, e coitada | foi en muit', par San Denis,  
4 mas rogou enton a Virgen | que llas abriu log' en par. R A que as portas do ceo | abriu pera nos salvar... (13, CSM)
- (63) (Meu mto querido e bom Pae do Cam  
Recebi vossas charas lettras vindas por Silverio Francisco e Paulino, sinto vosso encommodo do qual espero **já vos achareis livre**, naverdade o excesso foi grande, meu Pae, assim vos- molestaes mto! (19, CVD, p. 8)
- (64) então é é a gente está é visualizando isso... **as mães acham legal que usem a ro(u)pa da marca...** e os filhos querem ro(u)pa da marca... eu por exemplo num tenho celular... num tenho celular (21, AC-114, p.734)

Esse critério está sendo analisado visto que muitos casos de gramaticalização de verbos se correlacionam a restrições na indicação de pessoas gramaticais. Como observado por Galvão (1999), Gonçalves (2003), Cezario (2001) e Votre (2004), em português, há cristalização do verbo *achar* na primeira pessoa do singular em seu estágio mais gramaticalizado, quando a construção em que ele ocorre assume função parentética-epistêmica. Desse modo, assume-se que a primeira pessoa do singular tenha maior probabilidade de ocorrer nas sincronias mais recentes, pois o sentido mais abstrato do verbo *achar* leva à codificação de avaliações subjetivas por parte do falante, e a primeira pessoa do singular, como demonstra Gonçalves (2003, p. 185), consiste na categoria prototípica para a expressão das perspectivas e atitudes dos falantes. Assim, de modo oposto, espera-se maior



variação de pessoa gramatical nas sincronias mais pretéritas quando o verbo *achar* é empregado em seu sentido pleno.

#### (iv) Tempo e modo do verbo *achar*

Esse parâmetro controla a expressão modo-temporal do verbo *achar*. Nas construções investigadas, esse verbo ocorre, no modo indicativo, nos tempos de presente ((65)), pretérito perfeito ((66)), pretérito imperfeito ((67)) e futuro do pretérito((68)); no modo subjuntivo, ocorre no pretérito imperfeito ((69)) e no futuro ((70)).

- (65) eu num gOSto de guerra eu acho (podre) **eu acho que é uma solução irracional (brutal) buscá(r) uma solução racional.** ... (21, AC-001, L. 306)
- (66) E quando me torney seendo ja hora de vespera, **achey aquel mancebo**, de que suso faley, **ja morto**. (14, FS, p. 83)
- (67) aí ela tava toda encantada c’o menino aí ela me conta que ele falô(u) que:: que ele achô(u) ela boni::ta... mas ele é mais novo que e::la ele mora em o(u)tra cida::de ((risos)) (inint.) ele é do sítio... eu falo – “ah mas num tem nada a vê(r) né?” – – “ah mas ele é tão bonito num sei quê” – ela fica... aí diz que ele achô(u) ela boni::ta... aí o colega dela contô(u) pra ela aí ela ficô(u) toda empolgada falô(u) po colega dela que **achava ele bonito tam(b)em** (21, AC-16, L. 110)
- (68) Se hoje perguntasse- | mos aos Corifeos de nossas pequenas fac- | ções, que he em substancia o que que- | rem? **Se acharião bem embaraçados** pa- | ra darem huma resposta satisfactoria (19, 1CR1BA, p. 4)
- (69) E entao mandou a Caifas que entrasse no cacere e, **se o nom achasse vivo** , que tirasse os ossos. E Caifas disse que nom entraria i, ainda que soubesse que por isso o desmembrassem. (16, JA, p. 16)
- (70) Se alguus omees ouuere cartas que queyrã renouar porque son uellas ou por outra cousa guysada que semelhe, tragaas ant’o alcayde. E **se o alcayde as achar dereytas** e feytas per mao do escriuã publico e uir qua lli faz mester per alqua daquellas razões subreditas, entõ façaas renouar a esse ou a outro188 scriuã publico se uir qua lhy [faz] mester. (13, FRA, p.40)

A pressuposição, no controle desse parâmetro, é de que o verbo *achar* seja expresso com maior frequência no tempo presente do modo indicativo em construções reduzidas do que em desenvolvidas, pois, conforme se verifica em Gonçalves (2003, p. 185), o aumento do emprego desse verbo no tempo presente ao longo de sua trajetória de gramaticalização pode ser explicado em função do fato de que a qualificação de uma proposição pelo falante é sempre simultânea ao momento presente do ato de fala.

### 3.3.2. Parâmetros semântico-pragmáticos

#### (v) Significado do verbo *achar*

A proposição desse critério de análise está pautada nos significados do verbo *achar* apresentados por Borba (1990). Dentre as acepções propostas pelo autor, três delas foram encontradas nos dados analisados: **1.** verbo pleno com sentido de “descobrir”, “encontrar”, “procurar”, tipo que pode apresentar sujeito paciente e complemento expresso (como em *O carcará **achou** maneira de encompridar o corpo fino na ponta das asas*), ou sujeito agente da atividade de “procurar”, “tentar achar”, e complemento (como em *Espero que **vou achar** uma árvore para você*); **2.** verbo pleno, equivalente a “considerar”, “qualificar”, tipo acompanhado de complemento expresso por predicação indicativa de avaliação ou apreciação sobre objeto, evento ou proposição (como em ***Achamos** que o setor agropecuário e biológico tem grande importância*); nesta acepção, o pressuposto é de que o referente do sujeito “tenha experiência ou conheça não só o que se declara na oração subordinada, mas, ainda, o padrão de referência ao qual aquele conteúdo é avaliado.” (p. 29); **3.** verbo *achar* indicando “estado”, quando expresso em sua forma pronominal, com sujeito inativo acompanhado de predicativo (como em ***Acham-se** abertas as inscrições para os candidatos do 1º ano do curso de interpretação*) (BORBA, 1990, p.29-30).

A seguir são apresentadas ocorrências exemplificativas dessas três acepções do verbo, referenciadas nesta tese, respectivamente, como *achar-processo*, *achar-avaliativo* e *achar-estativo*:<sup>29</sup>

- (71) E tive por grande maravilha como poderia sair dali fora, porque assi **achei** (=encontrei) **a porta cerrada** como antes. (13, FRA, p.8)
- (72) Para sua sivilização basta huã bom directorio, eque este se aproveite estam sem disciplina tam somente para as empregar a disciplina, e trabalho, e a iniciação das primeiras letras por que outras qual quer coiza, elles abominaõ, por isso que **acho** (=considero) **inutel outro qual quer intento**. (18, CP, p. 109)
- (73) ATENÇÃO|| Os abaixo assignados fazem publico que,| de 31 de dezembro proximo passado, **se/acha** (=

<sup>29</sup> Deve-se destacar que a investigação não levou em consideração o levantamento de todas as ocorrências das acepções apresentadas, mas somente aquelas em que o objeto de *achar* expressava uma clara relação de predicação com uma construção não-verbal encaixada.

está **desligado da sua casa commercial** (sob| a firma Moura Guerra, Saldanha e Companhia) **o Senhor | Alexandre Francisco Pereira** (19, 1AN2BA, p. 5)

#### (vi) Tipo semântico do predicado da predicação não-verbal encaixada

Segundo esse parâmetro, investiga-se se o predicado não-verbal da construção encaixada é expresso por adjetivo ou nome (em função adjetiva) do tipo qualificativo ((74)), avaliativo ((75)), modal epistêmico ((76)) ou deôntico ((77)).

- (74) e criam-se também nestes matos uns cipós mui grossos a que os índios chamam cipó-embé, este cujo nascimento é ao pé das árvores por onde trepam, são tão rijos que tiram com eles a gangorra dos engenhos do mato e as madeiras grossas pelos quais puxam cem e duzentos sem quebrarem e se acertam de quebrar, tornam logo a atar; e com eles varam as barcas em terra e as deitam ao mar e **acham-nos tão grossos** como são necessários, com os quais se escusam calabretes de linho. (16, NB, p. 114)
- (75) pedio palavrao Socio Manoel Francisco e disse dizendo enquanto a mim **não achó bom o 3º Artigo** porque poribe ao Socio q tiver huma parte deSeus Capital não puder pedir, enquanto naõ tenha duas partes de Seus Capital, porem os mais estaõ bom (19, AB, p. 42)
- (76) Doc.: **cê acha que:: é possível a gente fazê(r) alguma coisa** pra mudá(r) essa realida::de? o que que poderia sê(r) feito por exemplo pra::  
Inf.: pa mudá(r)?  
Doc.: é (21, AC-041, L. 337)
- (77) geralmente tem gente que faz geralmente tem gente que continua de quatro em qua[tro::] 9[Doc.: tá] de quatro em quatro dia... porque **eu acho que num é aconselhável pará(r)** [Doc.: uhum] de... fazê(r) de sete... (21, AC-063, L. 870)

De acordo com Raposo et al. (2013), os *adjetivos denotativos do tipo qualificativo*, como apresentado em (74), modificam o sentido do nome especificando cada uma das dimensões que o compõem. Esse tipo de adjetivo atribui dois tipos de propriedades: as de natureza material (dimensão espacial, peso e densidade, velocidade, textura, idade, temperatura, som, sabor, odor, luminosidade, interações físico-químicas e bioquímicas, cor, forma e orientação espacial) que incidem sobre entidades com dimensão física; e as de natureza fisiológica, psicológica e social, que atuam sobre os seres vivos.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Embora Raposo et al. (2013) estabeleçam essa distinção entre esses dois tipos de propriedades dos adjetivos qualificativos, para a classificação dos dados não fizemos essa diferenciação, por não considerá-la relevante, visto que, como ressalta os autores “É também possível um adjetivo qualificativo de propriedades materiais passar a exprimir uma qualidade psicológica quando modifica nomes que designam seres humanos (cf. *peçoas*

Os *adjetivos avaliativos* (cf. (75)), conforme os autores descrevem, consistem em uma avaliação subjetiva do falante sobre as entidades que constituem o sintagma nominal. Já os *adjetivos modais* (cf. (76) e (77)), expressam um juízo do falante que está associado aos seguintes domínios da modalidade: epistêmico, deôntico ou desiderativo.<sup>31</sup>

Com esse parâmetro, espera-se que o elemento avaliativo seja codificado, nos séculos pretéritos, por meio de adjetivos denotativos do tipo qualificativo e, nos séculos mais recentes, por meio de adjetivos avaliativos ou modais, uma vez que uma das evidências do processo de gramaticalização envolvendo o verbo *achar* está na abstratização tanto das entidades que constituem a predicação encaixada quanto do próprio verbo encaixador (cf. GALVÃO, 1999; GONÇALVES, 2003).

#### (vii) Categoria semântica do argumento da predicação não-verbal encaixada

Esse critério leva em consideração a classificação de entidades proposta por Lyons (1977) e complementada por Hengeveld e Mackenzie (2008). Segundo Lyons (1977, p. 442-447), as entidades podem ser classificadas em *entidades de 1ª ordem (indivíduos)*, *2ª ordem (estado-de-coisas)* e *3ª ordem (proposições)*.

Nas predicações não-verbais encaixadas no verbo *achar*, a entidade avaliada pode corresponder a uma entidade de *1ª ordem*, que pode ser localizada no tempo e no espaço e avaliada em termos de sua existência, como é o caso da entidade em destaque em (78) abaixo.

- (78) Bom ciao. Vou fazer Regulamento. É a minha literatura deste mês. **Tou achando esta *carta* fria**, não repare. Nem desconfie, é fadiga. Trabalhei o dia todo este feriado, são 18 horas e estou exausto. Então larguei de tudo e vim te escrever, vazio. Mas fique sabendo que gostei da edição e neste abraço vai o carinho mais grato do Mario (20, CMA, p. 8)

---

*doces/amargas*); isso não implica que o adjetivo se tenha recategorizado noutra classe – mostra apenas que sofreu uma extensão metafórica do seu significado primitivo.” (RAPOSO ET AL, 2013, p. 1374)

<sup>31</sup> Nos dados analisados, foram encontrados apenas adjetivos modais do tipo epistêmico e deôntico.

A entidade avaliada representada por argumentos das predicacões não-verbais pode ser de 2ª ordem (*estado-de-coisas*), que, como indivíduos, é localizada no espaço e no tempo, porém deve ser avaliada em termos de sua realizacão ou ocorrência. É o que exemplifica a predicacão destacada na ocorrência em (79).

- (79) Quanto ao livro, já estava imaginando nisso quando você veio ao meu encontro. **Também acho melhor deixar a publicacão dele pra depois do Carnaval**. Aliás estou de novo hesitando danadamente si irei ao Carnaval do Rio ou si fico aqui pra assistir o Carnaval decretado pelo prefeito. (20, CMA, p.3)

Por fim, a entidade avaliada pode equivaler a entidades de 3ª ordem (*proposicões*) que, por constituir construtos mentais, devem ser avaliadas somente em termos de sua verdade, tal como é o caso do pronome anafórico destacado na ocorrência em (80).

- (80) Peço-lhe, Senhor Redactor, a inserçã | destas verdades, e se as achar tocadas de | alguma acrimonia, (que muito se deve- | ria apartar de papeis publicos) servirã | de purificar estomagos nauseados, e ver- | mos se assim, só vomitam realidades (19, CL1BA, p 12)

Hengeveld e Mackenzie (2008, p.131) ampliam essa classificacão proposta por Lyons (1977), incluindo a categoria *episódio*, que corresponde a um único estado-de-coisas ou a um conjunto de estados-de-coisas que apresentam continuidade de tempo, lugar e indivíduos. Essa categoria também pode ser expressa pelos argumentos alvo de avaliacaão nas construções encaixadas no verbo *achar*, como mostra a ocorrência em (81).

- (81) :: aconteceu um acidente na B.R. cento e cinquenta e três que um ônibus foi desviá(r) d'um buraco... e bateu de frente com um caminhão... e essa irmã dela... e essa irmã dela que vinha visitá(r)... tava no ônibus e veio a falecê(r)... e:: então essa pessoa tava me contando tipo assim... como elas fazem um trabalho... social a/ além de:: eu achei interessante porque... me senti meio assim... pô num queria tá na pele dela porque... além de fazê(r) esse trabalho social... de tê(r) que... é dá(r) apoio pra essas pessoas doentes... teria que/ teve que ia tê(r) que tam(b)ém conTÁ(r)... que a irmã sofreu um acidente e veio a falecê(r)... então:: **eu achei uma história muito interessante**... num queria tá na pele dessa pessoa não... só isso (21, AC - 077, L. 118)

O controle desse parâmetro visa investigar se há uma correlação entre o tipo de entidade codificada pelo argumento da predicação não-verbal encaixada (entidades mais concretas e mais abstratas) e o formato assumido pela própria construção, correlação que permite verificar a atuação do princípio icônico da proximidade elaborado por Givón (1980, 1985), segundo o qual quanto mais próximos dois conteúdos estiverem conceptual e semanticamente, maior a tendência de que eles sejam expressos com maior adjacência morfossintaticamente.

Assim, considerando a hipótese geral 1 apresentada no capítulo anterior (cf. seção 1.5), espera-se que, em predicções não-verbais reduzidas, haja maior probabilidade de as entidades avaliadas serem representativas de categorias semânticas mais concretas (propriedade, indivíduos, estado-de-coisas, episódio, lugar) porque são mais próximas e mais imediatamente perceptíveis ao indivíduo e, por esse motivo, seriam expressas sob a forma mais integrada. Já em predicções não-verbais encaixadas desenvolvidas (finitas), as entidades avaliadas teriam maior probabilidade de serem equivalentes a categorias semânticas mais abstratas (proposições) e, como são mais distantes e menos diretamente perceptíveis ao indivíduo, seriam expressas sob a forma menos integrada. Porém, ao levar em consideração a hipótese geral 2 (cf. seção 1.5), pressupõe-se que ocorra uma expansão do escopo semântico das entidades codificadas como argumento do predicado não-verbal, em virtude de uma possível abstratização de sentido do predicado *achar*.

#### **(viii) Estatuto informacional do argumento da predicação não-verbal encaixada**

Adotando a mesma proposta utilizada em Parreira (2014), para a classificação dos argumentos da predicação não-verbal, considerou-se, no presente trabalho, a taxonomia de Prince (1981), que classifica a informação em *nova*, *evocada* e *inferível*, sem suas subdivisões, a fim de se verificar se sua ordenação na construção é influenciada pelo tipo de informação que ele porta. Nos casos em que o argumento da construção encaixada é uma

oração, não é adequado verificar o fluxo informacional, visto que, além de a proposta de Prince (1981) se aplicar exclusivamente a constituintes nominais, a complexidade da oração encaixada é que influencia sua ordenação após o predicado não-verbal. Assim, consideram-se, aqui, os argumentos da construção encaixada como entidade *novas* ((82)), *evocadas* ((83)) ou *inferíveis* ((84)).

- (82) a violência no Brasil:... tá cada dia mais (inint.)... eu acho que hoje em dia você já vê... crianças... da:: fa(i)xa etária de dez ano pra frente já começa ro(u)bá:(r)... já começa a matá(r)... já começa a se drogá(r) já começa:/: sabe? então eu acho que:... isso tinha que acabá(r) de uma vez  
Doc.: como acabá(r)?  
Inf.: olha eu acho que a: **a a polícia nossa é bastante prestativa** mas... ela poderia sê(r) mais... eu acho que o Brasil poderia usá(r) recursos de Exército... sabe? pra tentá(r) acabá(r) de vez com esse tráfico de drogas... (21, AC-035, L. 548)
- (83) fui eu um dia às trindades com um pauzinho na mão a casa da forneira disseram-me que estava na eira que está atrás da parede das casas fui lá ter com ela **achei-a assentada** a par dum monte de espigas de milho com uma menina que tinha de poucos meses metida na saia (17, MMI, p.36)
- (84) Com efeito! Si **os ministros** tivessem | tido calculada intenção de intrigar o | Monarcha com o Povo **não teria**, por | mais que procurassem, **achado mais | adequado meio**. (19, ICR 2BA, p. 10)

Espera-se que tanto as construções encaixadas desenvolvidas quanto as reduzidas apresentem entidades evocadas de modo mais frequente, visto que a avaliação, característica das construções em estudo, é realizada preferencialmente sobre o referente já mencionado no discurso pelo falante. Também as entidades inferíveis podem exibir maior probabilidade de ocorrência em ambas as construções, pois Prince (1981) explica que uma entidade inferível pode ser identificada por meio de outras entidades evocadas. As entidades novas, conseqüentemente, teriam baixa probabilidade de ocorrerem nas construções em análise e, por esse motivo, a expectativa é que esse tipo de entidade seja mais frequente nas predicções não-verbais desenvolvidas do que nas reduzidas pelo fato de o maior distanciamento entre os conteúdos da oração matriz e encaixada permitir a avaliação de entidades ainda não mencionadas no discurso, portanto, mais distantes da mente dos interlocutores.

### (ix) Referencialidade do argumento da predicação não-verbal encaixada

Esse critério visa identificar se as expressões nominais referenciais que constituem argumento da predicação não-verbal encaixada apresentam referência genérica e indefinida ((85), tanto para o ouvinte quanto para o falante, referência genérica, para o ouvinte, e definida, para o falante ((86)), ou referência específica e definida ((87)), para ambos, falante e ouvinte.

- (85) Espero que Vossa Senhoria me remeta com a mayor brevidade outro tanto numero de Recrutas, como me mandou, porquanto conheço a grande honra comque Vossa Senhoria Se distingue no Real Serviço, oque não sucede a mayor parte dos Capitaens Mores desta Capitania, pois **tenho achado *muytos sem honra***, esem verdade por me terem remetido muytos mulatos, e Negros de Carapinha fechada, Só afim de poderem servir osSeus afilhados, esquecendo-se do principal objeto de hum home que tem a honra de ocupar o posto de capitão Mor. (18, CP, p. 19)
- (86) Estas cobras têm as peles cheias de escamas verdes e amarelas e azuis, das quais tiram logo uma arroba de banha da barriga, cuja carne os índios têm em muita estima e os mamelucos por **a acharem muito saborosa**. (16, NB, p. 136)
- (87) 1 Esta eigrej' alongada | da vila ja quant' está  
2 mas quando chegou a ela | cuidou log' entrar alá,  
3 mas **as portas ben serradas** | **achou**, e fillou s' acá  
4 de fora fazer sas prezes | e começou de chorar.  
R A que as portas do ceo | abriu pera nos salvar... (13, CSM)

A motivação para a inclusão desse critério está pautada na hipótese de que referentes específicos e definidos, em razão de serem mais facilmente identificados pelo falante e ouvinte, tenham maior probabilidade de constituir argumento das predicções não-verbais reduzidas, já que a presença desse tipo de entidade favoreceria uma aproximação maior entre oração matriz e encaixada.

### (x) Animacidade do argumento de predicções não-verbais encaixadas

Por meio desse parâmetro de análise busca-se identificar se o referente nominal do sujeito das predicções não-verbais apresentam traço [+humano] ((88)), [-humano, +animado] ((89)) ou [-animado] ((90)).



- (88) Doc.: e:: que/ e na tua escola assim que que::... cê pensa da tua professo::ra? como que ela é?  
 Inf.: ela é bonita tem olho azu::l... ela::... usa unifor::me  
 Doc.: que que cê acha dela? lega::l? cha::ta?  
 Inf.: **eu acho ela legal** (21, AC-004, L. 257)
- (89) Destas cobras são os índios muito amigos e tomam-nas em umas armadilhas que chamam mondéus e se **o macho acha ali a fêmea presa e morta**, espera ali o armador com que se cinge e não o larga até que o mata e torna a esperar ali até que venha outra pessoa a quem morde somente e com esta vingança se vai daquele lugar. (16, NB, p. 138)
- (90) pediu palavra Socio Manoel Francisco e disse dizendo enquanto a mim **não achó bom o 3º Artigo** porque poribe ao Socio q tiver huma parte deSeus Capital não puder pedir, enquanto naõ tenha duas partes de Seus Capital, porem os mais estaõ bom (19, AB, p. 42)

A expectativa é que esse parâmetro se correlacione com a ordem dos constituintes no interior da predicação não-verbal encaixada, à medida em que referentes [+ humanos] tendem a assumir no interior da predicação posição não-marcada, do tipo argumento-predicado, mais do que referentes não humanos, propiciando assim construções mais integradas.

#### **(xi) Relevância tópica do argumento da predicação não-verbal encaixada**

A seleção desse critério de análise pauta-se na proposta de Jubran (2006) acerca da categoria de *tópico discursivo*, compreendido como processo de interação centrado que envolve um movimento dinâmico da estrutura conversacional. Segundo a autora, um tópico discursivo caracteriza-se por duas propriedades particularizadoras: a *centração* e a *organicidade*. A *centração* inclui traços de *concernência*, que consiste na relação interdependente de enunciados de um segmento textual a partir de um conjunto específico de referentes, de *relevância*, que compreende a proeminência desse conjunto em virtude da focalização de seus elementos, e de *pontualização*, que se refere à localização desse conjunto em algum momento do texto falado. Interessa a essa pesquisa apenas o traço de relevância, uma vez que constituintes que são mais relevantes para a construção de um tópico discursivo ((91)) tendem a ocorrer mais frequentemente nas adjacências da construção matriz e, portanto, em posição típica de tópico sentencial da predicação não-verbal encaixada, do que aqueles cuja proeminência tópica é reduzida ((92)), com tendência a ocorrer em posição deslocada no

interior da construção encaixada. Assim, o primeiro caso propiciaria verificar casos de maior integração do complexo oracional do que o segundo.

- (91) Magu ficou muito encabulada com essa notícia, e andava tão impressionada (julgando que a festa foi um fracasso, uma bagunça, etc.) que tomou nojo da mansão e aproveitou a ida de Zé Cláudio a São Paulo para ir com ele. Não há razão para ela estar assim: **todo mundo achou a festa ótima**. (20, CMB, p. 4)
- (92) E quando el-rei Dom Fernamdo chegou a terra antre os seus, disse com geesto ledo comtra elles:  
- Quamto eu hanrricado venho!  
E esto dezia elle, porque a todollos que tiinham com el Rei Dom Hemrrique, chamavom hamrricados. E **elle achara tantas boas razoens e mesuras em elle**, que quiria dar a emtemder que tiinha da sua parte (9).  
E foram estas vistas e fallas que os Reis fezerom aaquella ora, sete dias do mes d’abril, da era em çima nomeada de quatroçemtos e omze (1). (15, CDF, p. 26)

O controle dos quatro últimos parâmetros discutidos tem por objetivo identificar se a focalização do argumento da predicação não-verbal encaixada contribui para sua maior integração à construção matriz. Desse modo, espera-se que argumentos de estatuto informacional dado, de referência [+específica, + definida], com traço [+humano] e de maior relevância tópica antecedam o predicado das predicções não-verbais, posição típica para constituintes que têm a função de tópico. Essa posição refletiria, assim, uma maior integração entre construção matriz e predicação não-verbal encaixada.

### (xii) Sequência discursiva

A escolha, neste trabalho, em controlar os tipos textuais presentes em determinadas sequências discursivas está pautada no estudo de Freitag et al. (2009), pois, como afirmam os autores, o controle do gênero textual pode não ser satisfatório em virtude da heterogeneidade inerente aos textos. Assim, conforme destacam Freitag et al. (2009), o controle de sequências discursivas justifica-se pelo fato de elas perpassarem todos os gêneros textuais, o que mostra ser decisão metodológica coerente para o presente trabalho, pois, ao lidar com textos de diferentes séculos, o controle do gênero textual a partir de um critério que seja homogêneo torna-se mais complexo em virtude da diversidade de textos históricos que compõem o *corpus*

diacrônico utilizado. Além disso, até mesmo as entrevistas do banco de dados Iboruna, das quais extraímos os dados do século XXI, embora sejam construídas em torno de critérios bem delimitados, apresentam também heterogeneidade tipológica. Assim, os tipos textuais *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de procedimento*, *descrição* e *relato de opinião* são textos em que há o predomínio de sequências tipológicas, tais como a narração, a injunção, a descrição e a dissertação, porém não constituem textos puros, pois podem conter outras sequências além das predominantes.

Conjugamos ao estudo de Freitag et al. (2009) a tipologia abordada por Travaglia (2002, 2007), o qual propõe a existência de quatro tipos textuais: descrição, narração, dissertação e injunção. Segundo o autor, na *descrição*, o produtor do texto caracteriza o espaço, de acordo com informações apropriadas a esse fim, como localização, características e elementos constitutivos do objeto da descrição, etc. Na *narração*, o produtor relata o que aconteceu, a partir de episódios ordenados no tempo do mundo real. Na *dissertação*, o produtor concentra-se na reflexão, explicação, avaliação, conceituação ou exposição de informações. Na *injunção*, por fim, o produtor tem o objetivo de incitar à realização de uma situação, requerendo-a ou desejando-a.

Com base nas características expostas, as sequências discursivas em que se encontram as predicções não-verbais em estudo foram classificadas em quatro tipos textuais: descrição ((93)), narração ((94)), dissertação ((95)) e injunção ((96)).

(93) Inf.: um lugar que eu fui muito bonito também?... éh:: é no A.C.T. que é no Centro de Treinamento de Futebol de Mirassol né?... eu fui lá esses dias agora domingo... e é um lugar muito bonito também porque você chega assim no local tem a entrada... né?... aí tem:: o::/ a::/ o lugar onde faz o churrasco né?... à direita tem a piscina... e a esquerda... tem dois campinhos de futebol::... e atrás desse campinho tem um estacionamento... mais pra cima do o(u)tro lado um lado à direita... tem um/ um:: campo de futebol profissional é muito bonito assim e:: eu gosto bastante de esporte sabe?... **eu acho um lugar muito bonito**... com pisci::na tal tudo combinan(d)o... muito bom fazê(r) churrasco lá é dez [Doc. e Inf.: ((risos))] (21, AC-35, p. 319)

(94) aí numa foi na terça-fe(i)ra quando eu fui pra escola... aí eu fui abraçá(r) o:: I. né? o M. já me olhô(u) de um jeito estranho assim... ele ficô(u) muito triste sabe? ele ficava na/ ele num fazia mais brincade(i)ra com ninguê::m... ele já ele se fechô(u) muito e **eu achei aquilo estranho** sabe? (21, AC-48, p. 049)

- (95) Estranhei muito vêr no Domingo 25 | do corrente parte do 3. ° Batalhão de | Guardas Nacionaes acompanhando á hu- | ma Procissão na Freguezia de Nossa Senhora da | Conceição da Praia. Segundo me consta | os festeiros tendo requerido ao Excellentissimo | Senhor Presidente permissão para o indicado | fim, obtiverão em Despacho, que fosse | acompanhar a Procissão aquelles Guar- | das do Districto que quizessem. || **Não acho proprio que as Guardas | Nacionaes pouco a pouco se tornem Cor- | pos de Procissões.** Ellas forão criadas pa- | ra os fins expressos na Lei de 18 Agos- | to 1831 Artigo I. ° - Deffender a Consti- | tuição, a Liberdade Independencia, e In- | tegridade do Imperio; para manter a obe- | diencia ás Leis, conservar ou restabelecer | a ordem, e a tranquilidade publica, e | auxiliar o Exercito de Linha na deffeza | das Fronteiras e Costas; o que nenhu- | ma analogia tem com acompanhamentos | de Procissões, nem estas, com pequenas | excepções, expectaculos de luxo e fana- | tismo (19, 1CL1BA, p. 8)
- (96) Se alguus omees ouuerem cartas que queyrã renouar porque son uellas ou por outra cousa guysada que semelhe, tragaas ant'o alcaide. E se **o alcaide as achar dereytas** e feytas per mao do escriuã publico e uir qua lli faz mester per alguma daquellas razões subreditas, entõ façaas renouar a esse ou a outro scriuã publico se uir qua lhy [faz] mester. (13, FRA, p. 40)

A expectativa é que as sequências discursivas narrativas constituam contextos mais favoráveis à manifestação de predicções não-verbais encaixadas reduzidas do que desenvolvidas, pois nelas os falantes ou escreventes narram fatos que são próximos da sua realidade (seja uma realidade pessoal ou de um amigo, parente, etc.). Assim, essa proximidade se refletiria morfossintaticamente por meio de predicação não-verbal reduzida.

Prevê-se a mesma possibilidade para as sequências discursivas descritivas, pois, nesse tipo de texto, os informantes ou escreventes descrevem objetos, jogos ou lugares que também são próximos da sua realidade. Não se espera, contudo, que as sequências discursivas injuntivas sejam favoráveis à ocorrência de ambas as construções, já que, nesse tipo de texto, a atitude avaliativa é mais restrita.

Por fim, esclarece-se que o critério adotado para o controle desse último parâmetro levou em consideração o critério também utilizado por Freitag et al. (2009) que classificaram as sequências discursivas de acordo com o *assunto* tratado no texto, o qual, conforme afirmam, constitui uma pista significativa para o controle das sequências discursivas. Nos textos dos séculos XIII ao XX, analisou-se, além do assunto, o gênero textual a que pertence o texto para então averiguar as sequências discursivas que caracterizam esse gênero e, assim, identificar o tipo de sequência presente no trecho em que se insere a ocorrência. Já na análise das entrevistas do banco de dados Iboruna que compõem as amostras textuais do século XXI,

empregou-se o critério adotado por Freitag et al. (2009), que verificavam o tipo de pergunta feita pelo entrevistador, pois, para as autoras, as perguntas funcionam como gatilhos que desencadeiam determinados tipos de sequências discursivas.

Os parâmetros apresentados neste capítulo guiaram a análise das predicações não-verbais encaixadas no verbo *achar* a fim de cumprir o principal objetivo deste trabalho que consiste em compreender as motivações formais e funcionais determinantes para a trajetória diacrônica percorrida por essas predicações. O capítulo seguinte apresenta o descritivo dos resultados obtidos com base na análise quantitativa dos dados ao qual se segue capítulo dedicado à discussão da evolução dessas predicações na história do português.

## CAPÍTULO IV

### PREDICAÇÕES NÃO-VERBAIS ENCAIXADAS NO VERBO ACHAR NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

#### 4.1. Retomando as hipóteses do trabalho

Conforme se aventou nos capítulos anteriores, a principal hipótese que guia a presente pesquisa é a de que os diferentes tipos de construções investigados são resultantes de estágios distintos de gramaticalização, sendo possível mapear diacronicamente esses diferentes estágios. Para tanto, propôs-se um esquema construcional mais geral ((97)), sob o qual se instanciam os diferentes tipos de construções complexas aqui considerados ((98) e (99)).<sup>32</sup>

(97) **Esquema construcional geral**

[ [ARGUMENTO] ACHAR [ [ARGUMENTO] NOMINAL/ORACIONAL [PREDICADO] ] CONST. NÃO-VERBAL ENCAIXADA ]

(98) **Tipo-1: predicções não-verbais encaixadas simples, de dois tipos:**

a. Tipo 1-a: estruturadas sem recurso à cópula e complementizador (reduzida), como em:

*Eu acho [Ø [ [seu cabelo] SN [Ø [lindo] ADJ ] ] ] ENCAIXADA REDUZIDA SIMPLES*

b. Tipo 1-b: estruturadas por recurso à cópula e complementizador (finita), como em:

*E acho [que [ [seu cabelo] SN [é [lindo] ADJ ] ] ] ENCAIXADA FINITA SIMPLES*

(99) **Tipo-2: predicções não-verbais encaixadas complexas, também de dois tipos:**

a. Tipo 2-a: estruturadas por recurso à cópula e complementizador (finita), como em:

*Eu acho [que [é [bom] ADJ ] [que [você vá embora] ] ] ENCAIXADA FINITA ] ENCAIXADA FINITA COMPLEXA*

*Eu acho [que [é [bom] ADJ ] [Ø [você ir embora] ] ] ENCAIXADA NÃO-FINITA ] ENCAIXADA FINITA COMPLEXA*

b. Tipo 2-b: estruturadas sem recurso à cópula e complementizador (reduzida), como em:

*Eu acho [Ø [Ø [bom] ADJ ] [que [você vá embora] ] ] ENCAIXADA FINITA ] ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA*

*Eu acho [Ø [Ø [bom] ADJ ] [Ø [você ir embora] ] ] ENCAIXADA NÃO-FINITA ] ENCAIXADA REDUZIDA COMPLEXA*

De acordo com as representações dadas de (97) a (99), padrões construcionais do Tipo-1 e do Tipo-2 diferenciam-se basicamente pela natureza nominal ou oracional do

<sup>32</sup> A nomenclatura “tipo” empregada neste esquema serve apenas para explicar a hipótese de pesquisa, pois, conforme se verá na análise, cada tipo de construção não-verbal pode instanciar subtipos.

argumento das predicções não-verbais encaixadas, caracterizadas, respectivamente, como simples e complexas.

Inspirando-se na trajetória de gramaticalização de orações subordinadas proposta por Lehmann (1988), predicções não-verbais encaixadas finitas (simples ou complexa), aqui entendidas como aquelas que ainda preservam traços de finitude, representariam estágios anteriores de gramaticalização, em relação às respectivas predicções não-verbais reduzidas (simples ou complexa), por constituírem, aquelas, estruturas menos integradas à matriz justamente por conservarem características de oração, como tempo, modo e força ilocucionária. Predicções não-verbais encaixadas reduzidas, por sua vez, revelariam grau de integração maior em virtude da perda de traços de finitude. Porém, uma questão que se coloca acerca desse *continuum* está no ponto focal em que predicções não-verbais encaixadas reduzidas poderiam ser incluídas, pois não é possível que elas se reduzam obedecendo-se à mesma escala proposta pelo autor, dada a natureza não verbal do elemento predador da predicção encaixada. Por esse motivo, esta tese norteia-se por duas hipóteses investigativas:

(i) em termos estruturais, predicções não-verbais complexas encaixadas (finita ou reduzida), por serem menos integradas à sua matriz, seriam a fonte de desenvolvimento de predicções não-verbais simples encaixadas, mais integradas à matriz, experimentando um percurso de mudança na seguinte ordem: *tipo 2 (a>b) > tipo 1 (b>a)*;

(ii) por outro lado, na consideração de fatores semântico-pragmáticos intervenientes entre matriz e encaixada, a expectativa é a de que o percurso de mudança previsto em bases puramente estruturais seja revertido, dado o processo de abstratização cada vez mais crescente do verbo *achar*, que, ao longo do tempo, passaria a permitir predicções não-verbais encaixadas de estatuto semântico também mais abstratizado, processo que encontraria reflexos na expansão estrutural dessas predicções encaixadas; assim, o percurso de mudança

mais plausível das predicacões não-verbais encaixadas obedeceria à seguinte trajetória: *Tipo 1* ( $a > b$ ) > *Tipo 2* ( $a > b$ ).

A consideração dessas duas hipóteses tem motivações diferentes. Inspirada nos trabalhos de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (2003), a primeira hipótese considera a gramaticalização de orações combinadas em um complexo oracional como resultante de um processo de redução, motivado possivelmente mais por aspectos morfossintáticos do que de aspectos semântico-pragmáticos, enquanto a segunda, inspirada em Bybee (2010), reverte a proposição da primeira, em razão de a gramaticalização de orações poder ser considerada como um processo de expansão contextual. Em face das restrições da primeira hipótese, aposta-se mais na comprovação da segunda.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos na investigação dos dados. Inicialmente, a análise partirá dos dados do século XXI, período em que as predicacões não-verbais que se encaixam no verbo *achar* têm valor essencialmente avaliativo, característica que não é observada nas sincronias anteriores. Dessa forma, com base nos padrões de predicacões não-verbais verificados no século XXI, buscar-se-á, na interpretação dos dados do século XIII ao XX, discutir os diferentes padrões que emergem a cada século e constituem referências para a forma e o significado que essas construções assumem no século XXI.

#### **4.2. Predicacões não-verbais encaixadas no verbo *achar* no PB contemporâneo**

Os dados dispostos na tabela 1 permitem visualizar que, no século XXI,<sup>33</sup> as predicacões não-verbais ocorrem apenas nos contextos em que *achar* expressa avaliação, e, portanto, realizam somente um único type. Os demais *types* desse verbo, com exceção de *achar estativo*, continuam a existir, mas não constituem, nessa sincronia, contextos relevantes para o encaixamento de predicacões não-verbais.

---

<sup>33</sup> Lembre-se que o cópús do século XXI é composto por textos que pertencem à modalidade falada da língua portuguesa.



Tabela 1 – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XXI)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		
	Freq. token	Freq. type		Total de tokens
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	241	1	[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	15,7% (38/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	14,1% (34/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	4,5% (11/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	7% (17/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]	7,8% (19/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]	11,6% (28/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]	1,6% (4/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]	4,1% (10/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.RED.]	19,9% (48/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.RED.]	1,6% (4/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.FIN.]	11,2% (27/241)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.FIN.]	0,4% (1/241)
Total de <i>subtypes</i> : 12				241

No século XXI, identificam-se dois *subtypes* mais gerais para as predicções não-verbais encaixadas: construções simples, em que o argumento é nominal (161/241 = 66,8%) representa o dobro dos casos de construções complexas, em que o argumento é expresso por oração (80/241= 33,2%). Esses dois padrões podem ainda se instanciar sob formas finitas ou não-finitas.

Iniciando a apresentação dos dados pelos casos de predicções não-verbais encaixadas complexas, dentre os 80 casos, as reduzidas (65% = 52/80), sem complementizador e sem cópula ((100)), prevalecem sobre as finitas (35% = 28/80) introduzidas por complementizador e cópula ((101)).

- (100) então como eu tava dizen(d)o às vezes eu posso até ser uma mãe um po(u)co chata... mas **eu acho muito importante a gente sabê(r) dosá(r)**... dá(r) o amor dá(r) o carinho... mas também cobrá(r)... (21, AC-112, L. 310)
- (101) vô(u) abrí(r) depois do almoço eu abro depois do almoço... é lógico se eu num co/ se eu num tivé(r) aluno... porque **eu acho que é muito importante você tê(r) um domínio sobre você**... seus horários... (21, AC-109, L. 462)

Considerando somente esses 80 casos de predicacões não-verbais complexas, os dados evidenciam que, sejam elas finitas ou reduzidas, o argumento oracional ocorre acentuadamente sob forma infinitiva, como exemplificam as ocorrências em (64) e (65), e codificando EsCo (93,7%=75/80) e, raramente, proposição (6,2%=5/80). O predicado não-verbal dessas construções é quase categoricamente composto por adjetivos avaliativos antepostos ao argumento sobre o qual predicam. Relativamente ao verbo *achar* nessas construções, este aparece conjugado com mais frequência na 1ª pessoa (46,2% = 37/80) ou 3ª pessoa do singular (50% = 40/80) e no presente do indicativo (78,7% = 63/80). Com relação à sequência discursiva, constata-se a prevaência de sequência argumentativa (76,2% = 61/80).

O uso mais frequente de *achar avaliativo* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo confirma a tendência já observada em Galvão (1999) e Gonçalves (2003), cujos trabalhos evidenciaram que o verbo *achar* expressa uma avaliação do falante e, desse modo, a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo corresponde à forma de expressão prototípica que atende a essa função. Esse comportamento é corroborado pela presença desse tipo de predicacão em sequências argumentativas. Verifica-se, nesse caso, que o verbo *achar* comporta-se, nos termos de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2016), como predicado de modalidade epistêmica e toda a predicacão não-verbal encaixada funciona como uma proposição.

A forma de expressão do argumento sujeito por meio de oraçã indica um distanciamento entre predicado matriz e predicacão não-verbal e, portanto, caracteriza uma menor integraçã entre eles. Além disso, o tipo de entidade semântica caracterizada por essa oraçã, que corresponde a estado-de-coisas e proposição, comprova a segunda hipótese de que a expansã do escopo semântico das entidades codificadas como argumento do predicado não-verbal acompanha a abstratizaçã de sentido do predicado *achar*. Conforme se nota a

partir das descrições realizadas, a tendência do predicado *achar avaliativo* ocorrer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo permite a avaliação não só de indivíduos, como ocorre nas predicções não-verbais simples, abordadas mais adiante, mas estado-de-coisas e proposições codificados por oração, como se verifica nas predicções não-verbais complexas.

Essa constatação confirma também expectativa quanto à ordem de hierarquia entre as entidades proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), segundo a qual uma proposição, entidade de nível mais alto, pode tomar como escopo um estado-de-coisas, entidade de nível mais baixo; e não o contrário. Conforme já argumentado, toda a predicção não-verbal equivale a uma proposição, pois está encaixada em um predicado matriz *achar avaliativo* que demanda uma leitura que leva em consideração a verdade ou falsidade do conteúdo da predicção encaixada. Essa proposição tem sob seu escopo um argumento oracional que, na posição de sujeito, pode codificar um estado-de-coisas, como demonstram as ocorrências em (100) e (101). Ainda de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), uma proposição pode incidir sobre outra proposição. É o que se verifica em (115), ocorrência em que o argumento oracional da predicção não-verbal encaixada é construído como uma proposição.

- (102) ele voltô(u) na maleta dele pegô(u) um martelo... um... martelo comum ((fala rindo))... e:: deu uma olhada e deu uma pancada numa peça lá... a máquina voltô(u) a funcioná(r)... aí testa::ram:: num/ fizeram... uma série de testes porque **achavam impossível o problema sê(r) apenas aquilo ali...** (21, AC-099, L. 65)

Passa-se, agora à análise dos dados de predicções não-verbais encaixadas simples, aquelas cuja relação de predicção envolve um argumento nominal (normalmente SN) e um predicado adjetival.

Do total de 161 predicções não-verbais simples, a maior parte delas (62,1% = 100/161) ocorre na forma reduzida, sem recurso à cópula e a complementizador, enquanto pouco mais de 1/3 (37,6% = 61/161) recorrem a esse expediente, expressando-se na forma finita.

Dentre as 100 ocorrências de predicções não-verbais encaixadas simples reduzidas, verifica-se que, na maior parte delas, o referente do argumento sujeito é entidade do tipo indivíduo (38% = 38/100) ou um estado-de-coisas (34% = 34/100), inanimado (42% = 42/100), portador de informação dada (88% = 88/100) e de referência genérica (53% = 53/100) ou completamente específica (30% = 30/100). O predicado não-verbal dessas construções é expresso quase categoricamente por adjetivos avaliativos (93% = 93/100) que, na maior parte dos casos, ocorrem pospostos ao argumento sujeito (65% = 65/100). Já o verbo *achar* é mais recorrente com a 1ª pessoa do singular (87% = 87/100) do presente do indicativo (64% = 64/100). Em 98% (98/100) desses dados, os argumentos nominais são relevantes topicamente e integram, de modo mais predominante, sequências argumentativas (49% = 49/100) e narrativas (35% = 35/100). As ocorrências em (103) e (104) reúnem essas características mais frequentes.

- (103) Inf.: sei lá a minha escola... a COOPEN **eu acho a escola mais chata do mundo** eu estu/ eu estudaria em o(u)tra escola com exceção de duas... que é o SETA e o Anglo... (21, AC-020, L. 167)
- (104) a gente vê naquelas... naqueles corredores aquelas macas aqueles velhinhos idosos... deitados na na nas macas  
 Doc.: mal acomodados  
 Inf.: mal acomodados que vieram de LONge... a família sem tê(r)... às vezes onde dormí(r)... né?... então **eu acho a situação muito difícil muito precária**... então eu acho um descaso acho que o governo devia se preocupá(r) mais com a saúde... (21, AC-136, L. 274)

Em (103), na predicção não-verbal encaixada simples reduzida ocorre na posição de sujeito (*a escola*) um indivíduo, inanimado, portador de informação dada e de referência específica. O excerto em (104) apresenta uma predicção não-verbal em que o argumento sujeito (*a situação*) expressa um estado-de-coisas, inanimado, portador de informação evocada e de referência genérica.

As predicções não-verbais simples reduzidas representadas acima, por estarem estruturadas sem recurso à cópula e ao complementizador, podem ser consideradas mais integradas em virtude da proximidade do argumento sujeito à matriz, o que se confirma pelos

casos em que esse sujeito expressa um indivíduo, informação dada e de referência específica (cf. (103)), conforme a expectativa elaborada para cada um desses parâmetros. Esse padrão, considerado isoladamente, corrobora a primeira hipótese de que as predicções não-verbais simples reduzidas apresentam um grau de integração maior. Verifica-se, no entanto, que a possibilidade de um estado-de-coisas, ainda que sob a forma nominal, ocorrer na posição de argumento sujeito (cf. (104)) aponta para a necessidade de considerar a interação entre construção matriz e encaixada, pois, neste século, encontram-se predicções não-verbais encaixadas apenas em predicado matriz *achar avaliativo*. Desse modo, a avaliação de um estado-de-coisas reflete a expectativa prevista na segunda hipótese, segunda a qual é possível identificar uma expansão do escopo semântico das entidades codificadas como argumento do predicado não-verbal, decorrente da abstratização de sentido do predicado *achar*. Endossa essa análise o fato de o predicado não-verbal dessas construções ser composto predominantemente por adjetivos avaliativos, considerados mais abstratos, e o predicado matriz *achar* ser expresso na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, característica de expressão de modalidade epistêmica.

Nas predicções não-verbais finitas simples, o argumento sujeito representado pela expressão nominal corresponde, na maior parte dos casos, a entidade indivíduo (29,5% = 18/61) ou estado-de-coisas (32,7% = 20/61), portador de informação contextualmente dada (91,8% = 56/61), semanticamente inanimado (47,5% = 29/61) e de referência genérica (55,7% = 34/61). O predicado não-verbal dessas predicções encaixadas pode ser expresso por adjetivos avaliativos (60,6% = 37/61), na maior parte das vezes pospostos ao sujeito (88,5% = 54/61). É praticamente categórico também o emprego do verbo *achar* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (98,3% = 60/61). Os argumentos dessas predicções são relevantes para o tópico discursivo (95% = 58/61) e as construções, em 85% (52/61) dos casos, participam de sequências argumentativas. As ocorrências dadas a seguir são representativas

dos aspectos formais e semânticos que caracterizam as predicções não-verbais simples finitas identificadas no século XXI.

- (105) Doc.: S. éh hoje em dia assim a gente vê que o consumo de drogas tá crescen(d)o cada dia ma::is assim que que você acha das drogas?  
 Inf.: ah na minha opinião **eu acho que as drogas é uma verdade(i)ra caretice...** (21, AC-008, L. 134)
- (106) Doc.: e:: assim:: cê falô(u) da:: da sua família de resgatá(r) a origem cê acha importante assim... resgatá(r) a ori::gem é:: ah buscá(r) a origem da sua famí::lia conhecê::(r) gente que cê nem sabia que existia:: em o(u)tros paí::ses  
 Inf.: eu (acredito) que sim... eu acho que deve havê(r) essa:: esse resgate eu acho que (assim) que todos nós... devemos conhecê(r) um po(u)quinho da nossa história **eu acho que isso é importante** (21, AC-084, L. 242)

A diferença entre (105) e (106) está no tipo de entidade codificada pelo argumento sujeito: indivíduo (*as drogas*), em (105), e estado-de-coisas expresso por *isso*, em (106).

A presença de predicções não-verbais simples no século XXI revela que esse padrão estabilizou-se e convive com outros tipos de construções que se integram ao predicado *achar* quando este tem função avaliativa, como é o caso de predicções não-verbais complexas. Nota-se que, embora estruturalmente semelhantes, esses complexos oracionais são empregados em contextos um pouco distintos, na medida em que as predicções não-verbais encaixadas simples reduzidas ocorrem mais frequentemente não só em sequências argumentativas, mas também em narrativas, expediente não verificado nas finitas, as quais, por constituírem conteúdos proposicionais, tendem a ocorrer mais em sequências argumentativas.

Na sincronia do século XXI, a simples constatação de coexistência de predicções não-verbais simples e complexas encaixadas no verbo *achar avaliativo*, com frequência mais acentuada de construções encaixadas simples (66,8% = 161/241) do que complexas (80/241 = 33,2% = 80/241), poderia levar à confirmação da hipótese 1, que, inspirada em Lehmann (1988), prevê a redução de escopo estrutural da construção encaixada, a qual de mais complexa e menos integrada à matriz, vai se dessentencializando, e, por consequência, se

integrando cada vez mais à matriz, caso que encontra representação de exemplar em encaixada simples reduzida estruturada, sem cópula e sem complementizador, pelo simples recurso de justaposição do predicado a argumento nominal codificando indivíduo ([[PRED] [ARG<sub>INDV</sub>]<sub>NOMINAL</sub>]<sub>ENCX.RED</sub>)) (15,7% = 38/241).

Entretanto, na consideração simultânea de aspectos semânticos e morfossintáticos, como prevê a hipótese 2, constata-se, pelos dados gerais da tabela 1 que, dos 12 *subtypes* identificados, o mais frequente refere-se a casos de predicções não-verbais complexas reduzidas, cujo argumento oracional codifica EsCo (19,9% = 48/241), diferentemente dos casos de predicções não-verbais simples, cujo argumento oracional codifica indivíduo (15,7% = 38/241). Assim, em bases puramente sincrônicas atuais é possível advogar pela maior plausibilidade da hipótese 2, que prevê aumento de escopo estrutural e semântico, em razão da abstratização de sentido do verbo *achar*.

Ademais, a expansão de escopo semântico do argumento da predicção não-verbal encaixada (de indivíduo a episódio) deve-se também à variedade de tipos semânticos de predicados não-verbais, que, na sincronia do século XXI, é bem maior na classe dos adjetivos avaliativos subjetivos (58 *types*), cuja função é a de expressar atitude do falante acerca da entidade avaliada, conforme se pode observar nos quadro 6.

Observe-se, no quadro 6, que as três classes de predicados revelam, entre elas, um processo crescente de abstratização de sentido, em favor da expressão da subjetividade do falante, o que, por consequência, leva à maior especificação do significado avaliativo geral do verbo *achar*: o de *avaliativo qualificativo* ou de *avaliativo subjetivo* de entidades do tipo indivíduo, EsCo ou episódio, ou de *avaliativo modal* epistêmico que tem sob seu escopo EsCo ou proposição.

Padrões	Tipos de predicados*			
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo		Modal
<i>ACHAR</i> [avaliativo]	1. claro 2. competente 3. comunicativo 4. crime 5. desrespeito 6. explicável 7. falta de diálogo 8. falta de educação 9. fechadinho 10. fominha 11. grande (4) 12. guerreiro 13. imaturo 14. ladrão 15. limpo 16. melhoria 17. perseguição 18. preconceito (2) 19. preconceituoso 20. prejudicado 21. prestativo 22. retardado 23. rico (2)	1. absurdo (4) 2. bacana (4) 3. básico 4. bom (21) 5. bonito (16) 6. caretice 7. certo (3) 8. chato (2) 9. cínico 10. complicado 11. correto (2) 12. cúmulo 13. demais 14. descaso 15. diferente 16. difícil (9) 17. dolorido 18. essencial (2) 19. engraçado (3) 20. errado (7) 21. esquisito (3) 22. estranho (4) 23. exagerado 24. fraco 25. fácil (2) 26. fantástico 27. feio (2) 28. fundamental 29. forçado	30. gostoso (3) 31. horroroso 32. ideal 33. importante (33) 34. inesquecível 35. injustiça 36. injusto 37. insignificante 38. interessante (18) 39. irracional 40. irresponsável 41. justo (5) 42. legal (11) 43. lindo (5) 44. marcante (2) 45. melhor (7) 46. normal (4) 47. perfeito (2) 48. péssimo 49. por bem 50. precário 51. puxado 52. ridículo 53. ruim (2) 54. sem graça 55. simples 56. tranquilo (3) 57. triste 58. tudo	1. aconselhável (deôntico) 2. impossível (epistêmico) 3. possível (epistêmico)
<i>1 type</i>	<i>23 types</i>	<i>58 types</i>		<i>3 types</i>

\* O número na frente do predicado indica frequência *token* de cada *type* superior a 1.

**Quadro 6** – Predicados adjetivais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XXI)

Embora em número reduzido de *type* e de *tokens*, adjetivos modais epistêmicos (2,5% = 2/80) e deônticos (1,2% = 1/80) constituem também importante evidência de que toda a predicção não-verbal passa por um processo de expansão semântica e estrutural. A ocorrência em (107) ilustra o emprego do predicado da predicção não-verbal em seu uso epistêmico e a ocorrência em (108) ilustra o predicado com valor deôntico.

(107) ele voltô(u) na maleta dele pegô(u) um martelo... um... martelo comum ((fala rindo))... e:: deu uma olhada e deu uma pancada numa peça lá... a máquina voltô(u) a funcioná(r)... aí testa::ram:: num/ fizeram... uma série de testes porque **achavam impossível o problema sê(r) apenas aquilo ali...** (21, AC-099, L. 65)

(108) geralmente tem gente que continua de quatro em qua<sup>9</sup>[tro::] <sup>9</sup>[Doc.: tá] de quatro em quatro dia... porque **eu acho que num é aconselhável pará(r)** de... fazê(r) de sete... (21, AC-063, L. 870)



Por meio da argumentação e das análises empreendidas nesta seção, tudo o que é possível confirmar, por ora, conforme nossas suspeitas iniciais, é total plausibilidade (e não validade) da hipótese de expansão de escopo estrutural e semântico envolvendo as predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, em função de sua abstratização (hipótese 2), e a pouca pertinência da hipótese de estreitamento de escopo estrutural (hipótese 1). No entanto, a comprovação efetiva de uma ou de outra hipótese só é viável mediante investigação diacrônica da emergência dos tipos construcionais envolvendo o verbo *achar* e predicção não-verbal nela encaixada ao longo dos séculos XIII ao XX, análise que é desenvolvida nas próximas seções.

### 4.3. Predicações não-verbais encaixadas no verbo *achar* em diferentes sincronias do português

#### 4.3.1. Século XIII

A tabela a seguir demonstra as frequências *token* e *type* de ocorrência das predicções avaliativas encaixadas no verbo *achar* no século XIII. Ressalte-se que a investigação não levou em consideração todas as ocorrências desse verbo, mas somente aquelas cujo argumento expressava uma relação predicativa do tipo sujeito e predicado.

**Tabela 2** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XIII)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		
	Freq. <i>token</i>	Freq. <i>type</i>		Total de <i>tokens</i>
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	10	2	[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL ]ENCX.RED.]	100% (9/10)
			Subtotal	90% (9/10)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL ]ENCX.RED.]	100% (1/1)
			Subtotal	10% (1/10)
			Total de <i>subtypes</i> : 2	10

No século XIII, foram levantadas no *corpus* 10 ocorrências de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, instanciando apenas dois *types*. No primeiro padrão, mais

frequente (90% = 9/10), o verbo *achar* assume o valor de *processo* e tem como argumento uma construção encaixada não-verbal reduzida, cujo argumento nominal é expresso, de forma equilibrada, ou por SN pleno ((109)) ou por pronome ((110)).

- (109) 1 Esta eigrej' alongada | da vila ja quant' está  
 2 mas quando chegou a ela | cuidou log' entrar alá,  
 3 mas **as portas ben serradas** | **achou**, e fillou s' acá  
 4 de fora fazer sas prezes | e começou de chorar.  
 R A que as portas do ceo | abriu pera nos salvar... ((13, CSM)  
 (= mas achou as portas bem fechadas)
- (110) E se as iustiças per tres uezes alguu peso falso ou medida acharẽ falsa, aquel a que **a acharẽ falsa** seya deytado da villa e peyte . C . maraudis se os ouuer, e se os non ouuer iasca huu ano en prisõ e depouys deytano da villa por sempre. (13, FR, p.70)  
 (= aquele que os acharem falsos ...)

A maioria das predicções não-verbais encaixadas com *achar processo* apresenta argumento nominal de referência genérica (44,4% = 4/9); argumentos de referência [-específica, +definida] representam 1/3 das ocorrências (9/3) e os de referência [+específica, +definida] são os menos incidentes (22,2% = 2/9). Com relação à animacidade do argumento sujeito, a referência é inanimada em pouco mais da metade dos dados (55,5% = 5/9), com o restante das ocorrências (44,4% = 4/9) apresentando referentes portadores do traço [+humano]. É praticamente categórica a relevância tópica do argumento sujeito para a constituição do tópico discursivo (88% = 8/9) no qual ele se insere, o que guarda correlação com entidade do tipo *indivíduo* (100% dos casos) portadora de informação dada (77,7% = 7/9).

O resultado dos parâmetros de análise para esse primeiro padrão construcional do século XIII é o primeiro indício forte para a confirmação da hipótese 2 de que, em sincronias mais pretéritas, construção matriz e predicção não-verbal encaixada estão fortemente vinculadas, em razão do próprio significado de processo expresso pelo verbo *achar*. O fato de o argumento sujeito da predicção não-verbal ser portador de informação dada e topicamente relevante explica a preferência de ele ocorrer anteposto ao predicado não-verbal, ou, em outros termos, imediatamente após a matriz, posição que permite que ele seja interpretado

como objeto de *achar* e que explica ele ser expresso, em pouco mais da metade das ocorrências, por meio de pronome acusativo.

Já os resultados constatados para os fatores “referencialidade” e “animacidade” do argumento sujeito revelam o contrário do esperado, pois a expectativa era encontrar, com maior frequência, sujeitos com os traços [+específico, +definido] e [+humano] em virtude da tendência de referentes com essas características assumirem, no interior da predicação, posição não marcada, do tipo argumento-predicado. O fato de se identificar frequência semelhante de sujeitos [-animados] e [+humanos] com referência [-específica, -definida] ou [-específica, +definida] indica que a mudança na referencialidade e animacidade do sujeito pode constituir uma primeira evidência para as alterações observadas na forma de expressão desse argumento nos séculos seguintes.

O predicado da construção encaixada apresenta, no total dos dados, adjetivos do tipo qualificador ((109) e (110)), os quais estão, em 100% dos casos, pospostos ao sujeito. Observe-se que a posição do avaliativo após o argumento sujeito confirma a hipótese de que as predicções não-verbais reduzidas podem ser consideradas mais integradas, pois apresentam uma maior aproximação entre o predicado matriz e o argumento da oração encaixada.

Em todas as ocorrências desse padrão predominante, o verbo *achar* está na 3ª pessoa (singular ou plural), com predomínio de flexão no futuro do subjuntivo (55,5% = 5/9). Com relação à sequência discursiva, as construções não verbais encaixadas distribuem-se com certo equilíbrio entre sequências injuntivas (55,5% = 5/9) e narrativas (44,4% = 4/9). Os resultados para pessoa e tempo-modo expressos pelo predicado matriz *achar* justificam-se pelo fato de o verbo *achar* ocorrer muito frequentemente nessa sincronia em seu significado básico de *processo*, o que explica também sua maior incidência em sequências narrativas e textos injuntivos.

O segundo *type*, o de *achar avaliativo*, manifesta-se em apenas uma ocorrência, a que segue mostrada em (111).

- (111) Se alguus omees ouuerem cartas que queyrã renouar porque son uellas ou por outra cousa guysada que semelhe, tragaas ant'o alcayde. **E se o alcayde as achar derevtas e fevtas per mao do escriuã publico** e uir qua lli faz mester per alguma daquellas razões subreditas, entõ façaas renouar a esse ou a outro scriuã publico se uir qua lhy [faz] mester. (13, FR, p.40)  
(= E se o alcaide as achar direitas e feitas pela mão do escrivão público...)

Em (111), *achar avaliativo* seleciona uma predicação não-verbal, no interior da qual ocorre um predicado adjetival qualificador que mantém relação de predicação com um argumento expreso por pronome anafórico acusativo. Para esse segundo padrão, o verbo *achar* ocorre na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. O argumento pronominal do predicado não-verbal codifica um indivíduo, inanimado, de referência genérica, portador de informação evocada e topicamente relevante. Nesse segundo padrão, o emprego de *achar avaliativo* na 3ª pessoa do singular identifica-se com o uso que Gonçalves et al. (2008) caracterizam como avaliativo não-modal subjetivo, pois *achar* comporta-se como um *predicado de atitude subjetiva avaliativa* já que apresenta uma *descrição* da atitude avaliativa do referente do sujeito.

Conforme se verifica em (109) e (110), a ocorrência do primeiro padrão é corroborada pela pesquisa de Galvão (1999), que identificou esse uso também no século XIII. Segundo a autora, trata-se de um significado ainda relacionado ao verbo latino *afflare*, com sentido de “soprar”, “farejar”, “descobrir a caça pelo cheiro”. Observa-se, nas ocorrências analisadas, que esse valor semântico constitui uma extensão do sentido nelas observado, pois envolve sempre a busca ou o encontro de um indivíduo em algum estado. De acordo com Galvão (1999, p. 74), esse sentido, denominado por ela de *achar1*, “é um elemento fundamental em uma típica situação de fala e reflete uma experiência humana elementar, providencia pontos de referência concreta para a orientação humana.”

No entanto, o segundo padrão apurado no século XIII, em que o verbo *achar* tem um sentido avaliativo, não confirma os resultados da autora, que constatou esse uso somente no século XV. De qualquer forma, como se observa na ocorrência em (111), é possível atribuir ao verbo a leitura de avaliação/julgamento, visto que o escrivão só irá renovar as cartas se as considerar adequadas. Já se atesta nesse século, ainda que em frequência baixíssima, um deslizamento de sentido desse verbo rumo a um conceito mais abstrato associado não mais a processo de busca, mas à avaliação.

Ao se contrapor esses resultados à hipótese da presente pesquisa, esperava-se que fossem encontradas, nos séculos iniciais, ocorrências de predicções não-verbais complexas desenvolvidas, porém, como se pode comprovar pelos resultados, esse não foi o padrão identificado. As análises revelam a presença de predicções não-verbais simples reduzidas, uma vez que, nos dois *types* averiguados, a construção encaixada no verbo *achar* está estruturada em torno de adjetivo que predica sobre um argumento nominal, sem exibir complementizador nem cópula.

Parece ser determinante para esses padrões encontrados a estrutura argumental do verbo *achar processo*, uma vez que exige como argumento sujeito da construção encaixada um referente nominal, que é objeto da procura, e um predicado adjetival, que codifica o estado em que se encontra ou se espera encontrar esse objeto. Verifica-se, portanto, que esse tipo de *achar* herda não só traços do significado original de *afflare*, mas também sua estrutura argumental que, conforme discutido no capítulo sobre o tratamento do verbo *achar*, já no latim passou de verbo intransitivo para transitivo direto.

Além do argumento sujeito ser codificado por uma expressão referencial nominal, o predicado também se destaca nesse século, pois em todas as ocorrências o adjetivo é do tipo qualificativo, sentido que, segundo Raposo et al. (2013), se caracteriza por contribuir com a

referência do nome em suas dimensões de natureza material, física, psicológica, moral ou social associadas.

Conforme se verifica no quadro 7 a seguir, o predicado adjetival dessas predicções ainda apresenta um valor bem próximo de experiências concretas do ser humano, o que constitui mais uma evidência de que há uma relação entre a forma assumida pelas predicções não-verbais no século XIII e o sentido do verbo *achar*. Assim, a hipótese defendida por Parreira (2014) de que predicções não-verbais reduzidas presentes no século XXI originam-se de predicções complexas observadas em sincronias pretéritas não se confirma, pois se identificam, no século XIII, apenas predicções não-verbais reduzidas. Essas constatações evidenciam, mais uma vez, a maior plausibilidade da hipótese 2 defendida neste trabalho, e que tem maior probabilidade de se comprovar por meio da análise de dados de sincronias posteriores a esta.

Padrões	Tipos de predicados
	Qualificativo
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. falso 2. fuçado (fuçado) 3. morto 4. quite 5. serrado (2) 6. usado
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	7. direito 8. mudado
2 <i>types</i>	8 <i>types</i>

**Quadro 7** – Predicados adjetivais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XIII)

Como mostra o quadro acima, todos os predicados que integram as predicções não-verbais analisadas no século XIII são de um único tipo semântico, o tipo qualificativo. A presença exclusiva desse tipo de adjetivo confirma a hipótese elaborada para esse fator de que a abstratização do predicado não-verbal acompanharia a abstratização do sentido de *achar*. Como ainda nesta sincronia o verbo *achar* exhibe mais frequentemente sentido concreto de *processo* de busca, é de se esperar que os adjetivos que integram a predicção não-verbal sejam do tipo qualificativo, uma vez que eles têm como função a atribuição de propriedades

materiais, psicológicas ou sociais, características, portanto, muito próximas de experiências mais concretas do ser humano. Conforme se verá nas sincronias posteriores, há uma expansão gradual de tipos de adjetivos motivada, como mostraremos, pela abstratização de sentido do predicado matriz *achar*, processo que interfere nas estruturas que passam a compor a predicação não-verbal.

O tipo de sequência discursiva em que ocorrem as construções estudadas também revela que o emprego de predicções não-verbais se dá em contextos mais concretos que envolvem a exposição de regras para o convívio em sociedade. As sequências discursivas recorrentes no século XIII corroboram, portanto, a interpretação de que a estrutura das predicções não-verbais identificada nesse século decorre do significado mais concreto do predicado *achar*.

#### 4.3.2. Século XIV

Os resultados referentes ao século XIV podem ser visualizados na tabela 3, apresentada na sequência.

**Tabela 3** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XIV)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		
	Freq. token	Freq. type		Total de tokens
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	40	4	[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV]NOMINAL ]	96,4% (27/28)
			[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo]NOMINAL ]	3,5% (1/28)
			Subtotal	70% (28/40)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV]NOMINAL ]	87,5% (7/8)
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.FIN.] [[PRED] [ARG PROP]NOMINAL ]	12,5% (1/8)
			Subtotal	20% (8/40)
			[[ARG] ACHAR <sub>restativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (2/2)
			Subtotal	5% (2/40)
			[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (2/2)
			Subtotal	5% (2/40)
			Total de subtypes: 6	40

No século XIV, o primeiro ponto a se observar, em relação ao século anterior, é o aumento considerável de *tokens*, com conseqüente aumento da frequência *type*. Foram levantadas, no total, 40 ocorrências do padrão genérico da construção complexa com verbo *achar* na matriz, instanciadas em quatro diferentes *types*, por meio dos quais o verbo *achar* amplia seu sentido mais concreto, de *processo*, fortemente predominante nos dados (70% = 28/40), para o sentido mais abstrato, *avaliativo* (20% = 8/40), com usos ambíguos entre esses dois sentidos (5% = 2/40). Além desses usos ambíguos, o processo de abstratização é intermediado também pela presença de *achar* com sentido *estativo* (5% = 2/40). Conforme se verifica, é forte ainda o emprego dos dois padrões descritos no século XIII, em que predicções não-verbais ocorrem encaixadas em *achar processo* e *achar avaliativo*, este último esboçando um comportamento de consolidação no sistema, pelo seu aumento de frequência, relativamente à sincronia anterior, que apresentou uma única ocorrência.

Como no século anterior, no primeiro padrão, o mais frequente, as predicções não-verbais também apresentam estruturação semelhante, isto é, expressam relação entre argumento nominal e um predicado adjetival, característica das predicções não-verbais simples reduzidas, como exemplifica a ocorrência em (112), dada a seguir.

- (112) E quando me torney seendo ja hora de vespera, **achey aquel mancebo**, de que suso faley, **ja morto**.  
(14, FS, p. 83)  
(= e sendo já hora de rezar, quando retornei, achei aquele rapaz de que falei anteriormente morto)

O argumento sujeito de predicções não-verbais encaixadas desse primeiro padrão é expresso de modo mais frequente por meio de um SN pleno (61% = 17/28) cuja referência é específica e definida (38,2% = 11/28), não-específica para o ouvinte, mas definida para o falante (46,4% = 13/28), ou, na menor parte dos casos, genérica (14,2% = 4/28). Com relação à animacidade, o argumento pode ser inanimado (53,5% = 15/28) e humano (32,1% = 9/28)



Assim como se observou no século XIII, o argumento sujeito codifica mais acentuadamente indivíduo (96,4% = 27/28), portador de informação dada (57,1% = 16/28), e é topicamente relevante no contexto discursivo (82,1% = 23/28).

Ao se relacionar esses resultados, constata-se que o argumento sujeito das predicções não-verbais desse primeiro padrão atende, em parte, às características esperadas quando a predicção não-verbal é simples e reduzida. Conforme já verificado no século XIII, a forma de expressão do argumento sujeito por SN pleno correspondente a indivíduo, portador de informação dada, relevante topicamente e de referência específica e definida leva esse argumento a ocupar posição típica de sujeito na predicção não-verbal, por ser facilmente identificado por falante e ouvinte. Essa posição reflete-se, no complexo oracional como um todo, na maior aproximação entre matriz e encaixada, o que justifica a maior frequência de predicções não-verbais simples reduzidas.

No entanto, como aventado na descrição do século anterior, a presença de argumentos sujeitos inanimados constitui um prenúncio da mudança observada nesse constituinte da predicção não-verbal rumo a sua expansão, como prevê a hipótese 2. Esse resultado pode ser confirmado em (113), ocorrência em que o sujeito corresponde a um estado-de-coisas. Observe-se que a mudança de expressão do sujeito de indivíduo para estado-de-coisas, ainda que verificada em apenas uma ocorrência, também evidencia um processo de expansão em desenvolvimento iniciada pela mudança semântica do tipo de entidade codificada morfossintaticamente pelo argumento nominal da predicção não-verbal encaixada.

- (113) E o anjo boo trabalhou-se de catar se havia em el algu)u) bem e nõ **achou senõ boo propoymento e firme e boo desejo** que houvera pera fazer hu)u) moesteiro em huu) seu logar e entrar hi por monge e assi acabar seu tempo. (14, FS, p.159)  
(= e não achou senão bom provimento e bom e firme desejo...)

Na predicação não-verbal, o predicado, por sua vez, é expresso preponderantemente por adjetivo do tipo qualificativo (89,2% = 25/28) posposto ao sujeito (75% = 21/28), fato que revela que estruturalmente o complexo oracional está ainda bastante integrado.

Ainda sob o primeiro padrão, o verbo *achar* ocorre na 3ª pessoa do singular (42,8% = 12/28) e no pretérito perfeito do indicativo (85,7% = 24/28), com a quase totalidade das ocorrências (96,4% = 27/28) integrando sequências discursivas narrativas. Esses resultados estão relacionados ao significado de *achar processo*, que apresenta um comportamento mais concreto e exige um sujeito, responsável pela atividade de busca, o que leva o verbo a expressar morfologia de 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, em virtude de estar inserido em um texto que relata o processo inerente ao significado do verbo.

Quanto ao segundo padrão definido por *achar avaliativo*, verifica-se que, com exceção do tempo verbal, mantêm-se as mesmas características observadas no século anterior. Assim, a construção encaixada também corresponde a uma predicação não-verbal simples reduzida, como se verifica na ocorrência em (114).

- (114) E estava cortando sa lenha e fazia gram carrega e provou-a pera podê-la levar e nã podia. E hu devia a tirar da carrega porque era grande, talhava mais da lenha e acrecentava aa carrega. E cada vez **a achava mais pesada** e cada vez lhi acrecentava mais. E isto fazia cada dia e assi despendia seu tempo. (14, FS, p. 123)

O argumento sujeito da construção encaixada desse segundo padrão é expresso por pronome pessoal (75% = 6/8), representativo de indivíduo (87,5% = 7/8) e de informação evocada (87,5% = 7/8). A referência do sujeito pode ser específica e definida (50% = 4/8) e seu traço de animacidade, inanimado (50% = 4/8) e humano (37,5% = 3/8). O predicado não-verbal representa, no total de dados, adjetivo do tipo qualificativo posposto ao sujeito.

O conjunto desses resultados atesta as expectativas quanto à forma e à função do argumento sujeito da construção encaixada e explica sua posição mais próxima à matriz, pois sua expressão como pronome permite interpretá-lo como argumento alçado ao predicado

matriz, o que revela maior integração entre matriz e encaixada. Além disso, a codificação do argumento como indivíduo, humano, portador de informação dada e de referência específica e definida faz dele uma entidade facilmente recuperável, características que influenciam sua posição não-marcada anteposta ao predicado na predicação não-verbal.

Não se pode deixar de ressaltar que, embora identificado em apenas uma ocorrência, o argumento sujeito pode codificar também uma proposição, como mostra (115), caso em que a predicação não-verbal simples apresenta-se por meio de estrutura finita, revelando, assim, que há um distanciamento maior entre a predicação não-verbal e a oração matriz. Desse modo, ainda que codificada nominalmente, a presença de entidade de nível semântico mais alto, considerada mais abstrata, revela que a mudança observada no predicado matriz *achar*, quando tem sentido avaliativo, pode estender-se para o argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada e influenciar, inclusive, na sua forma de estruturação mais expandida por meio da presença da cópula e do complementizador. É o que se observa em (115).

- (115) Em tanto fez ele em querer a verdade muyto ascondudamente e **achou abertamente que todo era verdade** quanto lhi disserom, ca naquel tempo em que eles quiserom acabar o seu maaos conselho, assi como dicto é. (14, FS, p. 109)  
( = e achou abertamente que tudo quanto lhe disseram era verdade)

O verbo *achar* aparece, na maioria dos casos, conjugado na 3ª pessoa do singular (62,5% = 5/8) e no pretérito perfeito do indicativo. Todas as ocorrências identificadas nesse padrão são relevantes topicamente e compõem sequências narrativas. Assim como na sincronia anterior, identifica-se, nesse século, o emprego de *achar* como predicado de atitude subjetiva avaliativa, comportamento reforçado pela alta frequência desse verbo no pretérito perfeito do indicativo, o que evidencia seu uso em contextos em que se apresenta a descrição da atitude do falante. O predomínio de ocorrências em narrativas corrobora essas constatações.

Relativamente aos padrões identificados na sincronia anterior, constata-se, nesse século, a emergência de outros dois padrões: um padrão em que predicções não-verbais ocorrem encaixadas em *achar estativo* e outro padrão ambíguo entre *achar processo* e *avaliativo*.

Nas duas ocorrências em que *achar* é estativo, a predicação não-verbal organiza-se em torno de SN pleno ou pronominal indefinido, codificando entidade do tipo indivíduo, de referência humana ou inanimada, específica e definida, com estatuto informacional dado ou inferível. Já o predicado não-verbal é adjetivo do tipo qualificativo e ocorre sempre posposto ao sujeito. O verbo *achar* está flexionado em 3ª pessoa (singular ou plural) e no pretérito do indicativo (perfeito ou imperfeito). Os referentes dos argumentos sujeitos constituem tópico discursivo relevante e as predicções integram sequências discursivas narrativas. Conforme se nota na ocorrência em (116), esse terceiro padrão também corresponde a uma predicação não-verbal reduzida do tipo simples.

- (116) E el mi disse que, quanto é **o corpo, que se achava todo quebrantado e todos los nembros achados desfeitos**, mas, quanto é a **alma, que se achava todo muy ledo**, ca toda aquela noyte disse que vira nosso senhor Jhesu Christo com muytas companhas d'anjos e de sanctos que se ñ poderia contar. (14, FS, p.80)  
(= o corpo se achava todo quebrantado e todos seus membros se achavam desfeitos, mas a alma se achava toda muito contente)

Por fim, o último padrão identificado nesse século apresenta o verbo *achar* em uso ambíguo entre *processo* e *avaliativo*, conforme as duas ocorrências dadas em (117) e (118).

- (117) – Masono, porque **te achamos sempre contrayro**, contra nós e contra nossos costumes, e enmiigo da nossa fe e contrayro aa nossa religiõ, mandamos que te tolham dante nossos olhos e que te levem a esterramento a terra muy longada daqui. (14, FS, p.102)
- (118) E pois que o homem boom acordou, **achou seu coração confortado e sem tresteza** e veo a demandar o patriarca sancto e deytou-se a seus pees e deu graças a Deus polo bem que recebera per sas orações e contou-lhi toda a visom que vira. (14, FS, p.175)

Em (117) e (118), a predicação não-verbal também está estruturada em torno de um argumento nominal e um predicado adjetival. O argumento sujeito é expresso por um SN pleno ou pronominal, humano ou inanimado, que corresponde a uma informação evocada ou inferível. Essa expressão nominal codifica entidade do tipo indivíduo e apresenta referência específica e definida. O predicado não-verbal é adjetivo da classe dos qualificativos e ocorre posposto ao sujeito. O verbo *achar*, por sua vez, pode estar conjugado na 3ª pessoa do singular ou 1ª pessoa do plural no presente ou pretérito perfeito do modo indicativo. Os referentes dos argumentos sujeitos são relevantes topicamente e as duas ocorrências desse padrão incluem-se em sequências discursivas do tipo narrativo.

Depreende-se das descrições feitas acerca dos padrões analisados no século XIV que, de modo contrário à expectativa prevista pela primeira hipótese, ainda se observa nessa sincronia a presença categórica de predicções não-verbais simples reduzidas. Conforme já mencionado anteriormente, a estrutura argumental do verbo *achar processo* é o ponto de partida para a organização da predicação não-verbal quando outros padrões emergem na língua portuguesa.

Além disso, ao se examinar o predicado adjetival (cf. quadro 8) da predicação não-verbal, constata-se ainda predominância e a expansão da classe dos adjetivos do tipo qualificativo que, em virtude de sua natureza, estão muito pautados em características concretas da experiência humana. Essa constatação evidencia que o tipo de predicado adjetival que as predicções não-verbais apresentam nesse século também são herdadas do padrão mais frequente no século XIII.

Padrões	Tipos de predicados	
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. aberto (2) 2. carregado 2. cheio 4. comprido 5. destruído 6. entregue (2) 7. forte	8. grande (4) 9. morto (5) 10. santo (2) 11. sarrado (2) 12. só 13. só 14. velho 15. vivo
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	16. duro 17. maior 18. maior 19. paciente 20. pesado	21. puro 22. santo 23. são 24. verdade
3. <i>ACHAR</i> [estativo]	15. desfeito 16. ledado	--
4. <i>ACHAR</i> [processo/avaliativo]	27. confortado 28. contrário	--
4 <i>types</i>	28 <i>types</i>	3 <i>types</i>

**Quadro 8** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo achar (século XIV)

A presença de adjetivo do tipo avaliativo subjetivo em padrões do primeiro tipo (*achar processo*) evidencia que, em relação à sincronia anterior, ocorreu expansão para outra classe semântica, visto que, no século XIII, o predicado não-verbal era representado apenas por adjetivos do tipo qualificativo. A incorporação de adjetivos avaliativos subjetivos sugere um possível processo de mudança em curso cuja motivação está associada à expansão de sentido do predicado matriz *achar* observada nesta sincronia.

Desse modo, verifica-se que, conforme previsto na hipótese 2 do presente trabalho, transformações identificadas na construção matriz atingem todo o complexo oracional nela encaixado, alterando, inclusive, a classe dos predicados não-verbais. Esses resultados coadunam-se às análises de Bybee (2010) acerca da expansão das classes semânticas de verbos que foram incorporados a *can* ao longo da história do inglês e a consequente abstratização do sentido desse auxiliar a depender do tipo de verbo a que estava associado.

#### 4.3.3. Século XV

A distribuição da frequência *token* e *type* dos padrões identificados no século XV está exposta na tabela a seguir.

**Tabela 4** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XV)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos			
	Freq. token	Freq. type		Total de tokens	
[[ARG] ACHAR [[[PRE] [ARG]]	17	3	[[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.]	[[[PRE] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (13/13)
			Subtotal		86,6% (13/15)
			[[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.]	[[[PRE] [ARG EsCo] NOMINAL]	100% (2/2)
		Subtotal		13,3% (2/15)	
		Total de subtypes: 2		15	

No século XV, identificam-se 15 ocorrências do padrão genérico da construção complexa com o predicado matriz *achar*, as quais se organizam em torno de dois *types* já observados nas sincronias anteriores. A frequência *token*, se comparada às sincronias anteriores, apresenta redução, possivelmente, em virtude dos gêneros discursivos dos textos representados neste século em que predomina a presença de crônicas, gênero textual que parece não favorecer a ocorrência das construções investigadas. Apesar de sua diminuição, a frequência *token* relativa ao padrão de *achar processo* ainda, no século XV, prevalece em comparação com o segundo *type* verificado.

A tabela 4 evidencia que, com relação ao primeiro padrão de *achar processo*, a construção ainda se estrutura a partir de argumento nominal e predicado adjetival, forma assumida pelas predicções não-verbais simples reduzidas. Assim como já constatado nas sincronias passadas, o argumento sujeito dessas predicções codifica um indivíduo, conforme dado mostrado a seguir.

- (119) O que certamente mostra seer assi pois que a Deos nom podemos dar maior cousa que honra, nem aos mui boës e virtuosos por testemunho e gallardom de sua vertude.  
 Como quer que em vossos factos se podessem **achar cousas assaz dignas de grande honra** de que bem podérees mandar fazer vellume, Vossa Senhoria, husando como verdadeiro magnânimo, a quis ante dar que receber.(15, CFG, p. 1)  
 (= como quer que em vossos fatos se pudessem achar coisas muito dignas de grande honra...)

O primeiro padrão continua a ocorrer de modo muito frequente (86,6% = 13/15) em relação aos demais padrões, em que o verbo *achar* tem o sentido *avaliativo* (6,6% = 1/17) e um uso ambíguo entre *achar processo* e *achar avaliativo* (6,6% = 1/17).

No primeiro padrão, o argumento sujeito da predicação não-verbal é expresso, na grande maioria dos dados (84,6% = 11/13), por meio de SN pleno sobre o qual incide avaliação de indivíduo (100% = 13/13) inanimado (61,5% = 8/13), portador de informação nova (53,8% = 7/13) e tópico discursivo relevante (69,2% = 9/13). A referência da expressão nominal é genérica (53,8% = 7/13) ou não específica e definida (46,1% = 6/13).

Relativamente a esse resultados observados na forma e função do argumento sujeito da predicação não-verbal nessa sincronia, identifica-se uma tendência desse argumento manter a mesma posição inicial na predicação não-verbal, o que explica a conservação de sua forma de expressão como argumento nominal, indivíduo de relevância tópica. Chama atenção, porém, a frequência maior de sujeitos portadores de informação nova e de referência genérica comparada ao século anterior. Esse comportamento, embora não esperado, pode ser justificado pelo fato de os contextos em que se inserem as ocorrências estarem associados à introdução de novas entidades na narrativa, como é o caso da Carta de Pero Vaz de Caminha que trata de descrição de “coisas” descobertas feitas no Brasil.

Os predicados não-verbais integram maiormente a classe dos adjetivos qualificativos (100% = 13/13) e ocorrem pospostos ao sujeito (76,9% = 10/13). Já o verbo *achar* está conjugado, na maior parte das ocorrências (38,4% = 5/15), na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito. A sequência discursiva predominante nesse século é a narrativa (76,9% = 10/13). A posposição do predicado não-verbal evidencia que ainda se mantém uma forte integração entre o predicado matriz e a predicação não-verbal. As únicas ocorrências do último padrão (*achar avaliativo*), mostradas em (120) e (121), evidenciam a manutenção da mesma forma de organização observada no século anterior.



- (120) E tu aprende daquele que he principe dos philosaphos em esta hidade, e aprinde quanto quiseres. E tanto debes de querer ataa que te nom arrep(reh)endas por que mais nom aprendeste. Mas empero em leendo as nossas enssinanças **nom as acharás muito desacordadas dos naturaes philosaphos**, por que nos quisemos seguir a Socrates e a Platom. (15, LO, p. 1)  
(= mas se ler nossas ensinaças (livros) não as acharás em desacordo dos filósofos naturalistas)
- (121) Nom tenhaes alguas teençoões assi firmadas na voontade que todo quanto lerdas queiraes torcer pera concordar com ellas, mas, aalem daquellas que per fe e determinaçom da sancta igreja avees firmemente creer, outras per vós nom tenhaes nem filhees, mes em todo vos fazee livre pera receberdes **qual quer bo conselho e determinaçom, que per livros aprovados achardes** [= encontrar ou considerar], e vos der tal pessoa de que o devees filhar. E aqesto vos tirará, com a graça de deos, muitos errores em que alguus caãe, por se nom avisarem. (15, LC, p. 29)  
(= se achar [= encontrar ou considerar] qualquer bom conselho e determinação aprovados pelos livros você é livre para recebe-los)

Em (120), a predicação não-verbal encaixada no predicado *achar avaliativo* estrutura-se por recurso a predicado adjetival qualificativo, posposto ao argumento sujeito pronominal de referência não específica e definida, que codifica um estado-de-coisas,<sup>34</sup> inanimado e relevante topicamente. Nessa ocorrência, *achar* ocorre na 2ª pessoa do plural do futuro do indicativo e integra uma sequência discursiva injuntiva. Ressalte-se que a possibilidade do argumento sujeito codificar um estado-de-coisas demonstra que a abstratização do sentido de *achar* atinge também o argumento sujeito da predicação não-verbal, pois permite a avaliação de entidades mais altas na hierarquia de categorias semânticas proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Na ocorrência dada em (121), verifica-se que o predicado não-verbal também é do tipo avaliativo e está posposto ao sujeito, o qual, por sua vez, constitui um SN pleno, estado-de-coisas, dado e inanimado. O argumento sujeito demonstra, no contexto discursivo, uma referência genérica, mas relevante para o tópico em curso. Assim como no padrão anterior, essa ocorrência foi identificada em uma sequência discursiva injuntiva.

Conforme se afirmou no início desta seção, nota-se que, paulatinamente, o argumento nominal sujeito passa a representar, com frequência maior em relação às sincronias anteriores,

---

<sup>34</sup> Compreende-se que, nessa ocorrência, o argumento sujeito, expresso pelo pronome pessoal *as* cuja referência anafórica é a palavra *enssinanças*, corresponde a um estado-de-coisas, pois *enssinanças* constitui uma nominalização de ensinar e deve, por esse motivo, ser entendida em termos de sua realidade, o que no contexto implica em concluir que “ao se ler *o que foi ensinado* (= enssinanças), é possível constatar a ausência de discordância com o ensinamento dos filósofos naturais”.

estado-de-coisas, o que revela um processo de abstratização desse argumento. É possível constatar que esse processo está associado à gramaticalização do verbo *achar*, que resulta também no uso desse verbo em contextos mais abstratos. Ao se observar a classe de predicados não-verbal (cf. quadro 9), a mesma relação pode ser estabelecida, pois, em relação ao século XIII, em que o predicado apresentava apenas adjetivos qualificativos, os adjetivos avaliativos nos séculos XIV e XV, aos poucos, começam a expandir e fixar classes no quadro de predicados das construções em estudo.

Padrões	Tipos de predicados	
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. armado 2. carregado 3. desposto 4. desvairado 5. digno	6. escrito 7. grande (3) 8. nobre 9. preste (2)
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	10. aprovado	2. desacordado (= discordante)
3 <i>types</i>	10 <i>types</i>	2 <i>types</i>

**Quadro 9** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XV)

#### 4.3.4. Século XVI

A investigação do século XVI apontou três padrões de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, os quais podem ser conferidos na tabela abaixo.

**Tabela 5** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVI)

Padrão genérico	Padrões construcionais específicos			
	Freq. token	Freq. type	Total de tokens	
[[ARG] <i>ACHAR</i> [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	47	3	[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>processo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	97,3% (37/38)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>processo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	2,6% (1/38)
			Subtotal	80,8% (38/47)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	57,1% (4/7)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	14,2% (1/7)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]	14,2% (1/7)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>EsCo</sub> ] ORAÇÃO INF.] ENCX.FIN.]	14,2% (1/7)
			Subtotal	14,8% (7/47)
			[[ARG] <i>ACHAR</i> <sub>processo/avaliativo</sub> [[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	100% (2/2)
			Subtotal	4,2% (2/47)
Total de <i>subtypes</i> : 7			47	

Comparativamente à sincronia anterior, neste século, há aumento na frequência *token* com reflexo também no aumento da frequência *type*. Foram identificadas, no total, 47 ocorrências do padrão genérico da construção complexa com verbo *achar* na matriz, as quais se distribuem em três diferentes *types* já presentes nos séculos antecedentes (processo, avaliativo e processo/avaliativo). O primeiro *type*, *achar processo*, é ainda o padrão predominante nos dados (80,8% = 38/47). O segundo e terceiro *types*, em que *achar* tem, respectivamente, sentido avaliativo (14,8% = 7/47) e uso ambíguo entre *achar processo* e *achar avaliativo* (4,2% = 2/47), exibem número de ocorrências menor se comparados ao padrão anterior, mas, em relação às sincronias passadas, revelam que há uma tendência desses padrões se estabilizarem na língua.

No que respeita à predicação não-verbal encaixada, este século ainda exhibe as mesmas regularidades já verificadas nos períodos anteriores. Independentemente da acepção do verbo *achar*, a construção encaixada configura-se como predicação não-verbal simples reduzida. O argumento sujeito é nominal e, assim como verificado no século XV, codifica indivíduos ou estado-de-coisas, o que parece justificar a hipótese 2 assumida no presente trabalho como a mais plausível, segundo a qual o sujeito da predicação não-verbal acompanharia a abstratização do verbo *achar*.

No entanto, chama a atenção nesta sincronia o predicado *achar* que aparece, pela primeira vez nos dados analisados, na 1ª pessoa do singular (cf. (122)).

- (122) E tive por grande maravilha como poderia sair dali fora, porque assi **achei a porta cerrada** como antes. (16, JA, p. 8)  
(= porque achei a porta cerrada assim como antes)

Essa constatação é importante, pois, de acordo com Galvão (1999), o verbo *achar* em seu sentido avaliativo, ocorre com maior frequência na 1ª pessoa do singular porque consiste na categoria prototípica para a expressão de subjetividade própria da avaliação. Desse modo,

embora o emprego dessa pessoa, nesta sincronia, relaciona-se a uso de *achar processo*, nota-se que a mudança de um sentido mais concreto para um mais abstrato, observado com mais frequência nos séculos mais recentes, não ocorre de maneira abrupta.

Ressalte-se que a referência ao predicado *achar* se torna essencial porque o objetivo deste trabalho é investigar em que medida construção matriz e construção encaixada interagem rumo a um processo de gramaticalização. Conforme se verá nas próximas seções, a consolidação do segundo padrão, em que a predicação não-verbal se encaixa no verbo *achar avaliativo*, ocorre com alta frequência quando esse verbo está na 1ª pessoa do singular. Assim, a implementação desse padrão leva ao surgimento de uma nova forma de organização e expressão dos constituintes da predicação não-verbal.

A análise dos dados referentes ao primeiro padrão demonstrou que a predicação não-verbal apresenta mais frequentemente SN pleno (81,5% = 31/38), não específico e definido (84,2% = 32/38), inanimado (68,4% = 26/38), codificando indivíduo (97,3% = 37/38) portador de informação dada (57,8% = 22/38). A predicação não-verbal, com argumento sujeito tópico relevante (78,9% = 30/38), se encontra inserida em sequência discursiva descritiva (73,6% = 28/38).

Esses resultados mostram que a expressão do argumento sujeito por meio de SN pleno, codificador de indivíduo, informação dada e relevância tópica é coerente com a forma reduzida da predicação não-verbal simples, pois esses fatores revelam maior integração da construção não-verbal à oração matriz. Do mesmo modo, o tipo de referente do sujeito e sua referência mantêm-se, como já identificado na sincronia anterior, no entanto, em frequência maior. Contata-se que essa tendência do sujeito ser inanimado com referência menos específica consiste em um ponto intermediário do processo de expansão desse argumento que, no século XXI, apresenta apenas referentes inanimados de referência genérica nos casos de predicacões não-verbais simples reduzidas.

O predomínio de ocorrências em sequências descritivas justifica-se pelo de fato de que a maior parte dos dados desse século provém dos textos *Notícia do Brasil* e *Tratado da terra da Brasil*, textos predominantemente narrativos, que concentram, porém, grande quantidade de sequências descritivas, pois apresentam também descrição detalhada dos “achados” no Brasil

Os predicados das predicções não-verbais encaixadas pertencem, em grande parte dos casos, à classe dos adjetivos qualificativos (86,8% = 33/38) que, em quase 74% (28/38) das ocorrências, está posposto ao sujeito. Quanto ao verbo *achar*, este aparece conjugado com maior frequência na 3ª pessoa do singular (26,3% = 10/38) e do plural (63,1% = 24/38) no presente (44,7% = 17/38) ou pretérito perfeito do indicativo (21% = 8/38). A 1ª pessoa do singular, como já anunciado, apesar de apresentar frequência baixa (7,8% = 3/38), consiste em uma evidência significativa, conforme se verá na discussão acerca dos séculos posteriores. As ocorrências em (123) e (124) ilustram esse padrão em que o argumento nominal sujeito codifica indivíduo e estado-de-coisas, respectivamente.

- (123) Destas cobras são os índios muito amigos e tomam-nas em umas armadilhas que chamam mondéus e se **o macho acha ali a fêmea presa e morta**, espera ali o armador com que se cinge e não o larga até que o mata e torna a esperar ali até que venha outra pessoa a quem morde somente e com esta vingança se vai daquele lugar. (16, NB, p. 123)
- (124) a este rio chama o gentio o Pará, o qual é mui nomeado entre todas as nações das quais foi sempre mui povoado e tiveram umas com outras sobre os sítios grandes guerras por ser a terra muito fértil pelas suas ribeiras e por **acharem nele grandes pescarias**. (16, NB, p. 16)<sup>35</sup>

Representativas do segundo padrão verificado neste século (*achar avaliativo*) são as ocorrências dadas a seguir, representativas de quatro *subtypes*: dois de construção encaixada não verbal simples reduzida, diferenciados pelo tipo de entidade representada pelo argumento sujeito ((125) e (126)) e outros dois de predicção não-verbal finita, diferenciados pelo tipo de

---

<sup>35</sup> Trata-se de um uso ambíguo entre sintagma nominal e predicção não-verbal e, por esse motivo, optou-se por manter a leitura de predicção não-verbal.

entidade representada pelo argumento sujeito e pela sua codificação morfossintática ((127) e (128)).

- (125) desta maneira foram dar num ribeiro que pelo pé duma delas descia, no qual acharam entre a areia uns grãos miúdos amarelos, os quais alguns homens apalparam com os dentes e **acharam-nos brandos**, mas não se desfaziam. (16, TTB, p. 76)
- (126) E, quando Joseph esto vio, foi mui ledó. E entao soube bem que ele era Deos verdadeiro e **nom se achou mal do serviço** que lhe fizera, antes houve tam gram prazer que nom teve em nada a prisao, pois que tinha companhia e conforto de seu salvador. (16, LJA, p. 12)
- (127) Como Tomé de Sousa acabou de desembarcar a gente da armada e a assentou na Vila Velha, mandou descobrir a Baía e que lhe buscassem mais para dentro alguma abrigada melhor que a em que estava a armada para a tirarem daquele porto da Vila Velha onde não estava segura por ser muito desabrigado; e por se achar logo o porto e ancoradouro que agora está defronte da cidade, mandou passar a frota para lá por ser muito limpo e abrigado e como teve a armada segura mandou descobrir a terra bem e **achou que** defronte do mesmo porto **era o melhor sítio** que por ali havia para edificar a cidade (16, NB, p. 56)
- (128) vos digo que vos envio o capitolo da maneira do juizo que se avia de ter nas cartas da marca, que se ao diante pedisem enmendado da maneira ~e que pareça que devia ser; e porque depois o mandey veer por letrados pelos quaes **se achou que era muy grande inconveni~ete asentarse tal capitolo** (16, CJ, p. 52)  
(= se achou que era inconveniente muito grande assentar-se tal capítulo)

Em (125) e (126), nas predicções não-verbais simples reduzidas o argumento sujeito corresponde a indivíduo e a estado-de-coisas, nesta ordem. Já (127) é ocorrência de construções não-verbal simples finita, cujo argumento nominal sujeito corresponde a indivíduo, *subtype* já identificado na sincronia anterior, enquanto, em (128), o argumento é uma oração infinitiva representativa de estado-de-coisas, o que torna a construção encaixada não-verbal finita mais complexa do que a mostrada em (127).<sup>36</sup>

Importantíssimo destacar é que esse *subtype* de *achar avaliativo* com oração infinitiva na posição argumental de sujeito da construção encaixada torna o século XVI a sincronia de emergência da expansão estrutural da entidade codificada como estado-de-coisa, que, nas

<sup>36</sup> Convém não confundir a estrutura do *argumento* da predicção não-verbal com toda a estrutura da predicção não-verbal em si.

sincronias anteriores, manifestava-se apenas na forma de argumento nominal (ou SN ou pronome).

A predicação não-verbal simples reduzida apresenta como argumento sujeito ou SN pleno (40% = 2/5) ou pronome pessoal (60% = 3/5), correspondentes, na maior parte dos casos, a indivíduo (80% = 4/5), inanimado (80% = 4/5), portador de informação dada (100% = 5/5) e de referência específica e definida (60% = 3/5).

O predicado não-verbal da construção encaixada pode ser expresso por adjetivos qualificativos (60% = 3/5) ou avaliativos (40% = 2/5), o que revela um equilíbrio entre esses dois tipos de predicado e indica que, gradualmente, adjetivos avaliativos vão exercendo a função de predicados nas predicações não-verbais, mudança resultante do sentido mais abstrato do predicado matriz em que essas construções estão encaixadas.

Ainda no segundo *subtype* (*achar avaliativo*), *achar* aparece mais frequentemente conjugado na 3ª pessoa (singular (40% = 2/5) ou plural (60% = 3/5)) e no pretérito perfeito do indicativo (60% = 3/5). Em todas as ocorrências desse padrão, o argumento sujeito é relevante para o tópico discursivo desenvolvido, porém, com relação ao tipo de sequência discursiva, as orações integram ou narrativas (40% = 2/5) ou descrições (60% = 3/5).

Esse segundo padrão de *achar avaliativo* tem maior destaque nessa sincronia porque encaixa predicações não-verbais finitas, simples e complexa, que correspondem a duas ocorrências estruturadas em torno do complementizador e da cópula, como já apresentado em (128) e (129). Em ambas as ocorrências, o predicado não-verbal é expresso por adjetivo avaliativo anteposto ao argumento sujeito. Já o verbo *achar* está conjugado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito. Toda a predicação não-verbal constitui informação relevante e integra sequência narrativa. A ocorrência dada em (129) mantém características semelhantes à anterior, porém, diferencia-se de (128) na medida em que o argumento sujeito corresponde a um estado-de-coisas que, codificado oracionalmente, integra uma sequência argumentativa.

A identificação de predicções não-verbais simples *finitas* associadas ao segundo padrão não é aleatória, pois, de acordo com a hipótese 2 defendida neste trabalho, a abstratização do sentido de *achar* influencia também a predicção não-verbal que apresenta uma expansão estrutural e semântica. Essa expansão é constatada nas duas ocorrências de predicções não-verbais finitas (simples e complexa) que apresentam cópula e complementizador, elementos que evidenciam um maior distanciamento entre predicado matriz e predicção não-verbal. A anteposição do adjetivo ao argumento sujeito nas construções encaixadas finitas (cf. 128) e (129)) confirma essa hipótese, porque o distanciamento do argumento sujeito em relação à matriz impede-o de ser reanalisado como objeto da matriz e revela, portanto, menor integração. Por fim, embora apenas uma ocorrência participe de sequência argumentativa, essa constatação já é um prenúncio do uso característico desse tipo de construção no século XXI, dada a sua frequência em sequências argumentativas.

O padrão ambíguo (*achar processo/avaliativo*) analisado no século XVI conta apenas com as duas ocorrências de predicções não-verbais simples reduzidas mostradas em (130) e (131).

(130) no rio de Jaguaripe e em outras partes há muita pedra lioz como a de Alcântara com umas veias vermelhas, a qual pedra é muito dura de que se fará toda a obra-prima, quanto mais cal para o que se tem experimentado já, e cozem muito bem e se se não valem dela para fazerem cal, é porque **acham estoutro remédio muito perto e muito fácil** e para as mesmas obras e edifícios que forem necessários. (16, NB, p. 189)

(131) Partindo Mem de Sá para o Rio de Janeiro, foi visitando as capitâneas dos Ilhéus, Porto Seguro e a do Espírito Santo, das quais levou muitos moradores que como aventureiros os foram acompanhando com seus escravos nesta jornada; e como chegou ao Rio de Janeiro viu que lhe havia de custar mais do que cuidava, como lhe aconteceu, porque **achou-o fortificado dos franceses** na terra firme onde tinham feito cercas muito grandes e fortes de madeira com seus baluartes e artilharias que lhe deixaram umas naus que ali foram carregar de pau com muitas espingardas. (16, NB, p. 42)

Nesse padrão ambíguo, o argumento sujeito da predicção não-verbal encaixada é expresso por SN pleno ou pronome pessoal, que codifica indivíduo, inanimado, evocado, cuja



referência é [-*específica*, +*definida*] ou [+*específica*, +*definida*]. O predicado não-verbal é da classe dos adjetivos qualificativos e ocorrem pospostos ao sujeito. As predicções ocorrem em sequências narrativas e descritivas e seus argumentos sujeitos consistem em informação topicamente relevante. Esses traços coadunam-se ao esperado para uma predicção não-verbal simples reduzida e são reveladores de maior integração justificada pelo fato de haver ainda uma identificação com a estrutura argumental de *achar processo*, apesar de a leitura ambígua com *achar avaliativo* ser indicativa do processo de gramaticalização por que passa esse verbo.

No que se refere aos predicados não-verbais empregados nesta sincronia, o quadro 10 apresenta as regularidades encontradas.

Padrões	Tipos de predicados		
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo	
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. apercebido 2. armado (2) 3. carregado 4. cerrado 5. comprido 6. cru 7. desacostumado 8. descuidoso 9. desimpedido 10. doce 11. enfarinhado 12. feito 13. finíssimo 14. fraco	15. grande (3) 16. grosso (3) 17. lavrado 18. limpo 19. maior 20. maciço (2) 21. pequeno 22. preso 23. rebentado 24. sesudo 25. limpo (3) 26. verde 27. vivo	1. bom 2. cômodo 3. fácil
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	28. brando 29. grande 30. possante 31. rico		4. ruim 5. melhor 6. saboroso,
3. <i>ACHAR</i> [processo/avaliativo]	32. fortificado		7. fácil
3 <i>types</i>	32 <i>types</i>		7 <i>types</i>

**Quadro 10** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVI)

Como se observa, ainda se nota o predomínio de predicados do tipo qualificativo, porém, apesar da baixa frequência, adjetivos avaliativos também podem integrar os predicados das orações com destaque para o segundo padrão em que esse tipo de adjetivo ocorre em quase metade das ocorrências.

### 4.3.5. Século XVII

Os resultados referentes aos padrões observados no século XVII estão dispostos na tabela a seguir.

**Tabela 6** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVII)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		
	Freq. token	Freq. type		Total de tokens
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	15	3	[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	72,7% (8/11)
			[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	27,2% (3/11)
			Subtotal	73,3% (11/15)
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	66,6% (2/3)	
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	33,3% (1/3)	
		Subtotal	20% (3/15)	
		[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL] ENCX.RED.]	100% (1/1)	
		Subtotal	6,6% (1/15)	
		Total de <i>subtypes</i> : 5	15	

Nesta sincronia, foram encontrados apenas 15 *tokens* do padrão genérico da construção complexa com verbo *achar* na matriz, os quais instanciam três *types* (e 5 *subtypes*), com concentração de ocorrências no padrão *achar processo* (73,3% = 11/15) em oposição aos demais padrões em que *achar* é *avaliativo* (20% = 3/15) e ambíguo entre *achar processo* e *achar avaliativo* (6,6% = 1/15). Embora se observe uma redução no número de *tokens*, os *types* identificados nas sincronias passadas se mantêm, o que mostra o alcance de estabilidade desses padrões construcionais.

No padrão *achar processo*, tipo ainda mais frequente, a predicção não-verbal encaixada assume a forma de predicção simples reduzida, como exemplifica a ocorrência em (132).

- (132) Assi arguís com muyta razão; & eu tambem assi o digo. Mas pergunto. E se esse **semeador Euangelico**, quando sahio, **achasse o campo tomado**: e se armassem contra elle os espinhos: e se leuantassem contra elle as pedras, & se lhe fechassem os caminhos; que hauia de fazer? (17, SS, p. 2)

Nesse padrão mais concreto, o sujeito da predicação não-verbal é expresso mais frequentemente por SN pleno (81,8% = 9/11), representativo de indivíduo (72,7% = 8/11), portador de informação evocada (63,6% = 7/11), de referência inanimada (54,5% = 6/11) ou humana (45,4% = 5/11) e referencialidade genérica (63,6% = 7/11). O predicado não-verbal integra a classe dos adjetivos qualificativo (90,9% = 10/11) e pode ocorrer posposto (63,6% = 7/11) ou anteposto (36,3% = 4/11) ao sujeito.

Com relação à posição do predicado não-verbal ao sujeito da predicação encaixada, vale neste ponto observar que se identificam casos de anteposição do adjetivo nos séculos anteriores em uma frequência muito baixa em virtude da preferência em pospor o predicado adjetival ao argumento sujeito. Neste século, porém, a frequência de ocorrência em que o adjetivo está anteposto ao sujeito aparece, em números absolutos, mais próxima da posposição o que é um prenúncio da estrutura assumida pelas predicções não-verbais complexas já observadas no século XXI, nas quais o adjetivo sempre está anteposto ao sujeito. Além disso, a anteposição revela maior distanciamento entre o argumento sujeito da predicação não-verbal e a oração matriz, o que reduz a possibilidade de ser interpretado como objeto do predicado matriz e, conseqüentemente, indica menor integração.

Essa constatação se torna ainda mais relevante quando se coteja a posição do predicado não-verbal com o tipo de entidade expressa pelo argumento. Mais precisamente, no século XVII, visualiza-se uma relação entre a posição do adjetivo e o tipo de entidade codificada pelo sujeito, pois, nos três casos em que o argumento sujeito corresponde a estado-de-coisas, o adjetivo está anteposto ao sujeito. A ocorrência (133), apresentada abaixo, é representativa desses casos.

- (133) E notae a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razaõ, alli **achou mayor aggrauo**. as pedras seccaraõno, os espinhos affogaraõno, as aues comeraõno, & os homes? Pizaraõno: Conculcatum e\_t. Ab hominibus (17, SS, p. 2)

Relativamente ao predicado matriz, o verbo *achar* emprega-se com igual frequência na 1ª ou 3ª pessoas do singular ou do plural e no pretérito perfeito ou no futuro (27,2% = 3/11) do Indicativo. O argumento sujeito da predicação não-verbal é relevante para o tópico discursivo em quase 91% dos dados (= 10/11), e as sequências discursivas predominantes são argumentativas (72,7% = 8/11) e narrativas (27,2% = 3/11).

Esses resultados mostram que, paulatinamente, as mudanças observadas no padrão de *achar avaliativo* têm início no padrão de *achar processo*, como se verifica no uso equilibrado de *achar* na 1ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e do plural. Conforme já se apontou, nas sincronias mais recentes, o emprego de *achar avaliativo* na 1ª pessoa do singular apresenta alta frequência. Nesse sentido, a mudança de *achar processo* para *avaliativo* ocorre em virtude da especialização deste último tipo de *achar* na 1ª pessoa do singular (GALVÃO, 1999; GONÇALVES, 2003).

As predicções não-verbais encaixadas pertencentes ao segundo padrão (*achar avaliativo*) exibem como argumento sujeito SN pleno (33,3% = 1/3) ou pronome pessoal (66,6% = 2/3), codificando indivíduo (66,6% = 2/3), humano (33,3% = 1/3) ou inanimado (33,3% = 1/3), ou estado-de-coisas (3,3% = 1/3). O argumento é portador de informação dada (66,6% = 2/3) ou inferível (33,3% = 1/3) e, em todas as ocorrências, a referência é específica e o predicado adjetival corresponde a adjetivo qualificativo, que pode estar posposto (66,6% = 2/3) ou anteposto (33,3% = 1/3) ao sujeito. O verbo *achar* está conjugado na 1ª pessoa ou 2ª pessoa do singular do presente ou futuro do indicativo. As ocorrências apresentadas abaixo ilustram as características descritas.

- (134) Castinheiro esteve preso em Basto até pagar antão dezia que vós que lhe fizestes uma assinado em casa do Chapéu Pardo de lhe dares mil réis agora já não fala nisso nem ele não sei aonde anda sempre que nunca o vejo a vosso compadre tendes muita obrigação porque em todas as [...] quando vos partistes e outro dia trazia-vos não sei quantos tostões quando vos não achou ficou morto por vós enquanto [...] **o acho muito certo** ele vos manda muitos recados e minha mãe os mesmos a vossa filha um abraço muito arroxado (17, MMI, p. 25)

- (135) Porem não entendo que ouue nesta prizão os encarecimentos referidos por nossos historiadores, de se pòr a Rainhaem ferros & amaldiçoar seu filho, pois he contra todo o bom discurso, & se conuence de falsidade emvermos a Rainha breuemente reconciliada cô elle, & até o mesmo Conde Dom Fernando, ainda que se passou a Castella **acho reduzido a amizade do Infante Dõ Afonso**, & confirmando nas doações deste Principe, de que adiante se proporão exemplos, pello que tenho por sospeitoso turdo o que nisto se funda em articular, o caso do Bispo negro de Coimbra, como adiante mostrarei. (17, HA, p. 20)  
(= acho reduzida a amizade do Infante Dom Afonso).

Em (134) tem-se uma ocorrência representativa dos casos em que o argumento sujeito (o) codifica indivíduo, humano, informação dada e referência específica, enquanto *achar* está na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Na ocorrência (135), o argumento sujeito (*amizade do Infante Dõ Afonso*) corresponde a um estado-de-coisas, portador de informação inferível e de referência específica. Também nessa ocorrência, o predicado matriz está na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. A ocorrência em (134) demonstra que ainda há integração maior entre as construções matriz e encaixada decorrente das características do argumento sujeito que determinam sua posição na predicação não-verbal. Em (135), constata-se, no entanto, uma relação entre o tipo de entidade codificada pelo sujeito e sua posição na predicação não-verbal, pois, quando o sujeito codifica estado-de-coisas o predicado não-verbal antepõe-se a ele, reduzindo, assim, a proximidade entre matriz e predicação não-verbal.

Na comparação com os resultados da sincronia anterior, verifica-se também um uso do verbo *achar* na 1ª pessoa do singular com destaque, neste século, para o emprego dessa pessoa associado ao tempo presente do indicativo. Além disso, nota-se que essa tendência, nesta sincronia, manifesta-se no padrão de *achar avaliativo*, o que não ocorreu no século XVI. De modo contrário ao observado nas sincronias anteriores em que, nesse padrão, *achar* era expresso da 3ª pessoa do singular/plural do pretérito perfeito/imperfeito do indicativo, contexto em que indicava a atitude subjetiva do sujeito, verifica-se, neste século, uma mudança no significado expresso por *achar* rumo a um sentido mais abstrato na medida em que, de acordo com Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), o emprego de *achar* na 1ª pessoa do singular e no tempo presente assinala não mais simples atitude subjetiva do falante,

mas modalidade epistêmica e evidencialidade, pois expressa a opinião do falante que se coloca como fonte da informação. Outro resultado importante diz respeito ao aumento do emprego das orações desse padrão em sequências argumentativas, visto que, nas sincronias anteriores, predominava a narração.

O terceiro padrão verificado neste século consiste no uso ambíguo do verbo *achar* *processo/ avaliativo*, como mostra a ocorrência em (136).

- (136) Passados alguns dias se juntaraõ en Camara todos estes doze, e feita declaração entre elles do modo q se auia de ter no votar, e en effeito Votando, **se achou** [= encontrou ou considerou] **regulados os Votos que outo delles conuinhaõ no donatiuo**. e os quatro mais, En q se não desse Nada, eraõ os oito todos nobres; seis da Camara, E dous q de nouo se ellegeraõ, E quatro gente plebea (17, LPG, p. 35)  
(= se achou regulados os votos no donativo que convinham a outros deles)

Ao se analisar especificamente os adjetivos que integram as predicções não-verbais (cf. quadro 11), contemplam-se as mesmas regularidades encontradas na sincronia anterior. Ainda prevalece o emprego de adjetivos qualificativos, mas adjetivos do tipo avaliativo também podem constituir parte das predicções não-verbais estudadas.

Padrões	Tipos de predicados	
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. degenerado 2. maior (2) 3. assentado 4. começado 5. tomado 6. alto 7. homem 8. pedra 9. tronco <sup>37</sup>	1. bom
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	10. reduzido 11. cheio	2. certo
3. <i>ACHAR</i> [processo/avaliativo]	12. regulado	-.-
3 <i>types</i>	12 <i>types</i>	2 <i>types</i>

**Quadro 11** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVII)

<sup>37</sup> Incluem-se os substantivos “homem”, “pedra” e “tronco” como predicados porque, no texto do Sermão da Sexagésima, exercem a função de adjetivo podendo ser parafraseados por “humano”, “duro” e “firme”, características partilhadas pelos adjetivos do tipo qualificativo cuja função é atribuir propriedades de natureza física, social ou psicológica.

### 4.3.6. Século XVIII

Na tabela 7, expõem-se as frequências *token* e *type* das predicções não-verbais examinadas no século XVIII.

**Tabela 7** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVIII)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		
	Freq. <i>token</i>	Freq. <i>type</i>		Total de <i>tokens</i>
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	29	5	[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (7/7)
			Subtotal	24,1% (7/29)
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	62,5% (5/8)	
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	12,5% (1/8)	
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] ORAÇÃO]	25% (2/8)	
		Subtotal	27,5% (8/29)	
		[[ARG] ACHAR <sub>estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	90% (9/10)	
		[[ARG] ACHAR <sub>estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	10% (1/10)	
		Subtotal	34,4% (10/29)	
		[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (1/1)	
		Subtotal	3,4% (1/29)	
		[[ARG] ACHAR <sub>processo/estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (3/3)	
		Subtotal	10,3% (3/29)	
		Total de <i>subtypes</i> : 8	29	

Relativamente ao século XVII, neste século, há aumento da frequência *token* para 29 ocorrências do padrão genérico da construção em análise. De certo modo, os dados distribuem-se frequencialmente em números equilibrados de *tokens* para os três principais *types*: *achar processo* (24,1% = 7/29), *achar avaliativo* (27,5% = 8/29) e *achar estativo* (34,4% = 10/29). Dois *types* ambíguos ainda se manifestam, com baixa frequência: *achar processo/avaliativo* (3,4% = 1/29) e *achar processo/estativo* (10,3% = 3/29). Destaca-se que é neste século que *achar processo* não é, pela primeira vez, o *type* com maior número de ocorrências, posição assumida por *achar estativo*, seguida de *achar avaliativo*, índices reveladores da gradualidade do processo de abstratização de sentido e da própria

gramaticalização do verbo, que assume a seguinte trajetória: *achar processo* > *achar estativo* > *achar avaliativo*, podendo os dois últimos estágios desse processo sobrepor-se ao primeiro.

Destaca-se, nesta sincronia, a manutenção dos padrões verificados nos séculos passados, com retorno do padrão formado por *achar estativo*, já identificado no século XIV, o que denota que, desde esse período, esse *type* é parte do sistema. Surge outro padrão ambíguo entre *achar processo* e *achar estativo*.

Relativamente ao padrão de *achar processo*, a predicação não-verbal encaixada preserva a mesma estrutura simples reduzida já observada nas sincronias precedentes, o que indica ainda forte relação entre construções matriz e encaixada. Nessas predicções, o argumento sujeito é preferencialmente expresso por SN pleno (85,7% = 6/7), categoricamente representa entidade do tipo indivíduo, inanimado (57,1% = 4/7), portador de informação nova e referencialidade [*-específica, +definida*]. Um exemplo representativo desse padrão é mostrado em (137).

- (137) Ilustrissimo Excellentissimo Senhor |  
PartiCipo aVossa ExCelenCia que Com | huã muito felix viagem por már, che-|guei a este Rio de Contas no dia da data | d'esta, e **achei Com efeito o Mastro de Fragata alinhádo**, e inteiriço (18, CBS, p. 211)

Como em (137), nesse padrão, o predicado não-verbal é adjetivo qualificativo e ocorre posposto ao argumento sujeito na maior parte das vezes (86% = 6/7). O predicado *achar*, por sua vez, está conjugado na 1ª (28,5 = 2/7) ou 3ª pessoa (42,8 = 3/7) do singular ou do plural (28,5 = 2/7) com mais frequência no presente ou pretérito perfeito do indicativo. O referente do sujeito é tópico relevante (71,4% = 5/7) e narração continua a ser a sequência discursiva em que predominam as construções estudadas. Com relação ao segundo padrão, o verbo *achar avaliativo* ainda apresenta predicação não-verbal simples reduzida, mas, nesta



sincronia, o argumento sujeito também pode ser expresso por oração não-finita, conforme ocorrências em (138).

- (138) Avista disto, e do mais, de que tenho sido testemunha, (a) **acho ser de nenhuma vantagem, e inútil aldear-se semelhante gente**, porque he o mesmo que conservalla no mesmo estado, quedantes, e he por isso que (b) **acho razoavel ser tida em o numero do mais Povo**, que fórma o Corpo das Ordenanças, ficando à inspeção do Capitão-mor respectivo ocuidar de seu milhoramento, sem distinção de suas qualidades. (18, COP, p. 107)  
 (a = acho ser de nenhuma vantagem e inútil aldear-se semelhante gente)  
 (b = acho razoável (essa gente) ser considerada no número dos demais povos)

Como se constata, o trecho em (138) apresenta duas ocorrências de predicação não-verbal complexa reduzida encaixada no verbo *achar*, conforme destaque: em (138a), *[[ser de nenhuma vantagem e inútil]<sub>PRED</sub> [aldear-se semelhante gente]<sub>ORAÇÃO NÃO-FIN</sub>ENCX.RED.]* e, em (138b), *[[razoável]<sub>PRED</sub> [ser tida em o número dos mais povos]<sub>ORAÇÃO NÃO-FIN</sub>ENCX.RED.]*. Ambas as predicções não-verbais encaixadas prescindem de complementizador *que* e apresentam argumento sujeito realizado por meio de orações infinitivas, com a diferença de que (138a) apresenta cópula no infinitivo *e*, em (138b), a cópula é reduzida.<sup>38</sup>

Diferentemente do previsto na hipótese geral deste trabalho, predicação não-verbal encaixada (simples ou complexa) com cópula infinitiva na estrutura predicativa (p. ex., *acho* *[[ser PRED] [ARG]]*) não é padrão usual no português hodierno, razão pela qual previu-se que o cline de dessentencialização de orações subordinadas proposto por Lehmann (*finita > não-finita > nominalização*) não explicaria casos de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*. No entanto, como se observa no século em análise, a inserção de cópula infinitiva parece ter sido recurso possível em algum momento da história do português, constituindo fenômeno variável somente quando se trata de predicação não-verbal complexa encaixada no verbo *achar avaliativo*, visto que sua ausência não implicaria alteração de

<sup>38</sup> Convém não confundir a estrutura do *argumento* da predicação não-verbal com toda a estrutura da predicação não-verbal em si.

significado contextual (cf.: [*acho* [[*(ser)* de nenhuma vantagem e inútil]<sub>PRED</sub> [*aldear-se semelhante gente*]<sub>ORAÇÃO NÃO-FIN</sub>]<sub>ENCX.RED.</sub>] e [*acho* ([[*(ser)* razoável]<sub>PRED</sub> [*ser considerada no número dos demais povos*]<sub>ORAÇÃO NÃO-FIN</sub>]<sub>ENCX.RED.</sub>]). Não se constata essa mesma alternância em nenhum dos demais padrões investigados.

Chama atenção o fato de que, no século XVIII, de modo oposto ao esperado e observado no século XXI, a redução da predicação não-verbal não se dá por meio do total apagamento da cópula, pois se verifica que ela perde finitude (traços de Tempo e Modo), em vez de ser suprimida, como é regra categórica nos dados do PB contemporâneo. Se o papel da inserção de cópula em predicções não-verbais é justamente o de sinalizar relações gramaticais (Tempo, Modo/Modalidade, Aspecto) não suportadas por predicados não-verbais, sua simples redução a expressão infinitiva, como em (138), parece uma idiossincrasia do português resultante de analogia com processos de redução de finitude aplicáveis a predicados verbais em construções encaixadas. Isso significa dizer que a presença de cópula infinitiva em predicções não-verbais encaixadas tem função meramente expletiva (ou seja, não recebe interpretação nem sintática nem semântica), o que justificaria, no PB, seu complemento apagamento, a exemplo de posições de expletivos pronominais que, também em PB, não são preenchidas.<sup>39</sup> De qualquer modo, a presença dessa nova forma de estruturação da predicação não-verbal encaixada confirma a segunda trajetória idealizada para essas construções, segundo a qual o modo de organização da predicação não-verbal encaixada acompanharia a abstratização do verbo *achar* e, por esse motivo, em vez de integração, ocorreria uma

---

<sup>39</sup> Esse raciocínio, feito em paralelo ao de expletivo pronominal, deve ser considerado apenas esboço de explicação da presença de cópula infinitiva em predicções não-verbais encaixadas, carente de investigação teórica e empírica, inclusive na consideração de outras línguas. A ideia aqui seria a do estabelecimento da seguinte relação: línguas de preenchimento obrigatório da posição de sujeito por meio de expletivo, como o inglês, não admitem (ou admitem com menor frequência) apagamento de cópula em predicções não-verbais encaixadas; línguas de preenchimento facultativo da posição de sujeito, sem recurso a expletivo, como o português, admitem apagamento de cópula em predicções não-verbais encaixadas. No entanto, essa relação parece contraintuitiva em face de inúmeros estudos que mostram que o PB está se tornando língua de preenchimento obrigatório da posição de sujeito (embora não por expletivo), o que, então, levaria a ter de considerar que, nas sincronias mais atuais, cópula infinitiva em predicções não-verbais pudesse ser encontrada, o que não se verifica.

expansão da estruturação semântica e estrutural do argumento sujeito dessas construções, de indivíduos, codificados nominalmente, a estado-de-coisas ou proposição, codificados por orações.

Constatou-se também uma mudança na classe semântica do predicado da predicação não-verbal encaixada, o qual pode ser expresso por, além de adjetivos qualificativo (50% = 4/8) e avaliativo (37,5% = 3/8), também por adjetivo modal deôntico (12,5% = 1/8), com predomínio em posição anteposta ao argumento sujeito (62,5% = 5/8). O aumento gradual do emprego de adjetivos avaliativos e a expansão da classe para os modais denotam avaliações mais subjetivas por parte do usuário da língua, o que constitui mais uma evidência de que o processo de abstratização por que passa o verbo *achar*, por analogia, também atinge as predicções não-verbais. A ocorrência em que o predicado não-verbal corresponde a um modal é dada a seguir.

- (139) Entre os moradores do Distrito da quella comandan=cia, **acho *capais* para ocupar o lugar de Comandante Joaquim Francisco Cavalcante**. Hé oque tenho para informar a Vossas. Excelências que'man=daraõ oqueforem servidos. (18, CP, p. 70)  
(= acho Joaquim Francisco Cavalcante capaz para ocupar o lugar de comandante)

Não só a mudança no tipo de predicado é significativa, mas a anteposição do adjetivo ao argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada, seja ele oracional ou não, configura-se como um resultado relevante. De acordo com Raposo et al. (2013, p. 1451), a anteposição do adjetivo realça as propriedades denotadas por ele, conferindo uma carga afetiva ou avaliativa. Assim, a posição do predicado contribui para a expressão da avaliação e, conseqüentemente, do aumento da subjetividade do falante. Corroboram essas afirmações o emprego de predicções não-verbais encaixadas em contextos argumentativos (50% = 4/8) e o aumento da frequência do verbo *achar* no presente do indicativo (75% = 6/8) nesse padrão, cujo funcionamento como modal epistêmico, de acordo com Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), assinala que a avaliação do sujeito corresponde ao momento da enunciação.

O terceiro padrão, *type* de *achar estativo*, exibe frequência *token* sutilmente alta nesse século (32,2% = 10/29), quando comparada à frequência nas sincronias anteriores. As predicções não-verbais encaixadas que configuram esse padrão se caracterizam por apresentar um SN pleno (70% = 7/10) enquadrado na classe *indivíduo* (90% = 9/10), portador de informação evocada (80% = 8/10) e de referência inanimada (60% = 6/10) e totalmente específica (70% = 7/10). O predicado não-verbal corresponde a adjetivo qualificativo (100% = 10/10), que pode estar posposto (50% = 5/10) ou anteposto (50% = 5/10) ao sujeito. Com relação ao verbo *achar*, este aparece conjugado na 3ª pessoa (singular ou plural) (40% = 4/10) e no presente do indicativo (60% = 6/10). Em todos os contextos, os argumentos da predicação não-verbal encaixada são tópicos discursivos relevantes e integram sequências narrativas. A ocorrência em (140) é um exemplo desse padrão.

- (140) Hé costume veterádo nesta villa nafalta deprovido | nos officios deque retrata servirem os Juizes ordinarios os | de Destribuidor, inquiridor, econtador, e nomeárem avalia- | dor, e partidor quando os não sã, como no prezente tempo emque | héfalecido oprovido que era Alferes João Soares daSylva, | eporisso **se achão vágos os taes officios**. (18, CBS, p. 53)  
(= se acham vagos os tais cargos)

Esse terceiro *type* demonstra maior integração entre encaixada e matriz, pois a predicação não-verbal simples é sempre reduzida, estruturação que mantém relação com a estrutura argumental de *achar processo*. Também a forma de expressão do argumento sujeito como SN pleno, indivíduo de referência específica e informação dada, justifica maior integração entre as construções. A frequência relativamente alta de presente do indicativo associa-se ao próprio significado do predicado matriz, que ao expressar estado, decalca seu tempo presente ao momento da enunciação no estado codificado pela predicação não-verbal encaixada.

Os dois últimos padrões, mostrados em (141) e (142), consistem em *types* ambíguos do verbo *achar*, que variam entre *achar processo* e *achar avaliativo* ou *achar processo* e *achar estativo*.

- (141) Espero que Vossa Senhoria me remeta com a mayor brevidade outro tanto numero de Recrutas, como me mandou, porquanto conheço a grande honra comque Vossa Senhoria Se distingue no Real Serviço, oque não sucede a mayor parte dos Capitaens Mores desta Capitania, pois **tenho achado** [= encontrado ou considerado] **muytos sem honra**, e sem verdae por me terem remetido muytos mulatos, e Negros de Carapinha fechada, Só afim de poderem servir osSeus afi lhados, esquecendo-se do principal objeto de humhome que tem a honra de ocupar o posto de capitão Mor. (18, CP, p. 19)  
(= tenho achado muitos sem honra)
- (142) Nesta Junta da Real Fazenda representou o Doutor Provedor dessa Capitania; em como **se achava** [= encontrava ou estava] **o Aquartelamento dos Soldados do Cabedelo necessitado de concerto**, por se acharem todos a ruínados. (18, CP, p. 31)  
(= se achava o aquartelamento dos soldados necessitado de concerto]

Da comparação dos predicados não-verbais, conforme exposto no quadro 12, ainda predomina o uso de adjetivos qualificativos, porém, como discutido anteriormente, o aumento de adjetivos do tipo avaliativo ou modal, sobretudo nas construções do segundo padrão (*achar avaliativo*), constitui forte evidência de que tanto o verbo *achar* quanto a predicação não-verbal encaixada passam por processo de gramaticalização rumo à expressão de significados mais abstratos e, portanto, mais atrelados à subjetividade do falante/escrevente.

Padrões	Tipos de predicados		
	Qualificativo	Avaliativo subjetivo	Modal
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. arranchado 2. alinhado 3. compreendido 4. declarado	5. novo 6. pardo 7. pronto	--
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	8. acabado 9. acomodado 10. assistente 11. determinante		1. inútil (2) 2. razoável
3. <i>ACHAR</i> [estar]	12. destacado 13. empregado 14. escandaloso 15. findo	16. hostilizado 17. pronto (2) 18. vago (3),	--
4. <i>ACHAR</i> [processo/avaliativo]	19. sem honra (= desonrado)		--
5. <i>ACHAR</i> [avaliativo/estativo]	20. arruinado 21. embaraçado		--
5 <i>types</i>	22 <i>types</i>	2 <i>types</i>	1 <i>type</i>

**Quadro 12** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XVIII)

### 4.3.7. Século XIX

Na tabela 8 estão expostas as frequências *token* e *type* de ocorrências das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* pertencentes à sincronia do século XIX.

**Tabela 8** – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XIX)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos		Total de tokens			
	Freq. token	Freq. type					
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG] ENCAIXADA	92	5	[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub> [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL] ENCX.RED.]	100% (1/2)			
			Subtotal	1% (1/92)			
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	28% (14/50)			
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	10% (5/50)			
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG PROP] NOMINAL]	4% (2/50)			
			[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] ORAÇÃO]	58% (29/50)			
			Subtotal	54,3% (50/92)			
			[[ARG] ACHAR <sub>estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	91,6% (33/36)			
			[[ARG] ACHAR <sub>estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	8,3% (3/36)			
			Subtotal	39,1% (36/92)			
			[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	50% (1/2)			
			[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	50% (1/2)			
			Subtotal	2,1% (2/92)			
			[[ARG] ACHAR <sub>processo/estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (3/3)			
			Subtotal	3,2% (3/92)			
			Total de subtypes: 10				92

No século XIX, em comparação ao século anterior, ocorre um aumento significativo da frequência *token*. Foram levantadas 92 ocorrências do padrão genérico da construção com verbo *achar* na matriz que instanciam cinco *types* e 10 *subtypes*. O primeiro *type*, *achar processo*, predominante até o século XVII, apresenta redução drástica de *tokens*, enquanto os *types* de *achar avaliativo* e *estativo* crescem em suas respectivas frequências *tokens*, somando juntos a quase totalidade dos dados. Identificam-se, ainda que escassamente, *tokens* de

padrões ambíguos (*achar processo/avaliativo* ou *achar processo /achar estativo*), assim como constatado nas sincronias passadas.

Relativamente à predicação não-verbal encaixada, o primeiro padrão, *achar processo*, continua admitindo argumento sujeito expreso por um SN. Destaca-se que, enquanto nos séculos anteriormente analisados, esse sentido constituía o padrão mais frequente, no século XIX, ele conta com apenas 1% (1/92) do total de ocorrências. Essa redução drástica de frequência pode estar associada ao aumento da frequência de padrões abstratizados de *achar*, que se tornam aplicáveis a um número maior de contextos, dados seus significados *estativo* e *avaliativo*, padrões que, juntos, respondem por 93,4% (86/92) dos dados coletados na sincronia em análise. Em (143) apresenta-se a única ocorrência desse primeiro padrão em que o argumento da construção encaixada expressa, indivíduo.

- (143) Ordenou Senr Pte Senrs Socios Joaqm de Santa Anna e Bento Ignacio, q focem Se entender Com a comicaõ de Contas para desedirem l// engano q punha em duvida a dicta Comicaõ e por ser a Conta dos Senes haxo bom q vom dar a esplicacão ientao sendo esplicado adita Conta **achavas duas parcelas iguaes** (19, AB, p. 69)  
(= então, sendo explicada a referida, achavas duas parcelas iguais)

Nos dados investigados, o verbo *achar estativo* comporta-se quase categoricamente como verbo pronominal (97,2% = 35/36), encaixando argumento sujeito expreso por um SN pleno sobre o qual predica adjetivo do tipo qualificador, em posição anteposto ao sujeito. O verbo *achar* aparece conjugado na 3ª pessoa (singular (52,7% = 19/36) ou plural (47,2% = 17/36)) e no pretérito imperfeito do indicativo (50% = 18/36). O SN codifica quase sempre (91,6% = 33/36) entidade indivíduo, portadora de informação nova, de referência [-específica, + definida] (88,8% = 32/36). Em predicções não-verbais desse padrão, o argumento sujeito é [+ humano] (86,1% = 31/36) e não apresenta relevância tópica na maior parte dos dados (80,5% = 29/36). Com relação às sequências discursivas, esse padrão foi

identificado com maior frequência em narrativas (86,1% = 31/36). A ocorrência abaixo é representativa desse padrão.

- (144) Escrito por Antônio José Bracete em 22 de maio de 1864.  
Acta da Seicão do dia 22 de Maio de 1864//  
Prisidencia do Senr Socio Manoel Leornado Fernandes abrio a Seicão o dicto Senr ao meio dia feita a chamada na forma do Custume **achavom se prezente 16// Senr Socios** lida acta antre ou foi aprovada leuce tambem O requerimento do Candidato Jozé Bras da Sa q ficou a diado (19, AB, p. 46)  
(= achavam-se presentes os senhores sócios)

Outro padrão com frequência expressiva nos dados analisados corresponde ao uso do *type achar avaliativo*. Em relação aos séculos XIII, XIV, XV, XVI e XVII, no qual esse verbo mais frequentemente encaixava mais SN pleno do que orações, no século XIX, constata-se, para esse padrão, a consolidação de orações em posição de sujeito argumental da predicação não-verbal encaixada, correspondente a 31,5% (29/92) do total de ocorrências do padrão genérico das construções e a 59% (29/49) do *type* específico. Assim, quando o verbo *achar* expressa avaliação, a posição de sujeito da predicação não-verbal encaixada pode ser ocupada tanto por argumento nominal (SN plenos, pronomes pessoais e demonstrativos, juntos equivalentes a 41% (= 20/49) do padrão construcional específico) quanto por orações finitas (44,8% = 22/49) e não-finitas (14,2% = 7/49), do tipo das exemplificadas em (145) e (146), respectivamente.

- (145) e o q eu queria Saber, pedio palavra O Socio Joaõ Perreira dos Stos Godinho **acho bom que Vossa Senhoria mande Chamar este Socio** para vim responder Sobre Suas iputecas (19, AB, p. 14)
- (146) de pois de lido Sr Prizidente levo- u ocuisimentoda Sembreira um riqui- rimento do Sr Manoel Leonardo. Depois de lido o dito riquirimento Sr Prizidente dissé está idiscuçãõ. Pidioaparavra idis- Socio Andre xhavier idisse enquanto amim **eu axho bom sifazer ascaneiras** (19, AB, p. 169)  
(quanto a mim, eu acho bom se fazerem as canaletas)

Em (145) e (146), acima, as predicções não-verbais complexas encaixadas são reduzidas, por serem estruturadas sem recurso a cópula e a complementizador (cf. [*acho* [**bom**] [...]]<sub>ENCX. RED.</sub> *versus* [*acho que* [**é bom**] [...]]<sub>ENCX. RED.</sub>). Entretanto, deve-se ter



claro, como já dito, que a oração em posição de sujeito argumental pode assumir forma finita, como em (145) ([... [[*bom*] [*que Vossa Senhoria mande chamar este sócio*]]]), ou infinitiva, como em (146) ([... [[*bom*] [*se fizerem as canieiras*]]]), o que não deve levar à confusão entre a estrutura interna da predicação não-verbal encaixada no verbo *achar*, alvo primeiro da descrição assumida nesta tese, e a estrutura da oração completiva do predicado adjetival da predicação não-verbal em análise, caso típico de recursividade permitida pela língua, em que uma estrutura encaixada complexa mais externa permite o encaixamento de outra estrutura complexa em seu interior.

Quando se analisa o predicado das predicções não-verbais encaixadas do *type avaliativo*, observa-se que a grande maioria deles (74% = 37/50) correspondem a adjetivo avaliativo, e, em menor proporção, a adjetivo qualificativo (20% = 10/50) e a adjetivo modal (6% = 3/50). Esses adjetivos ocorrem quase sempre antepostos ao argumento sujeito (74% = 37/50), sobretudo quando o argumento é do tipo oracional. Nesse *type* ainda, predicções não-verbais cujo argumento é expresso por oração (58 % = 29/50) tem como predicado incidente adjetivo avaliativo e, mais raramente (6% = 3/50), adjetivo pertence à classe dos modais deônticos, como se verifica em (147).

- (147) Si liga interesse pr estachapa, **acho conveniente q se dirija aos amos d' aqui**, ps elles, ou alguns d' elles estão convocando o eleitorado pa uma reunião (19, CCDM, p. 190)

Outra regularidade encontrada no *type* de *achar avaliativo* está na pessoa e no tempo em que o verbo *achar* aparece conjugado, visto que mais frequentemente ocorre na 1ª pessoa do singular (76% = 38/50) e no presente do indicativo (66% = 33/50). No *subtype* que apresenta oração como argumento sujeito, *achar* ocorre conjugado com frequência acentuada na 1ª pessoa (86,2% = 25/29) e no presente do indicativo (79,3% = 23/29), fato que começa a concorrer para que a oração matriz se torne uma construção que, aos poucos, vai se

rotinizando e ganhando em esquematicidade, dada a redução da variabilidade de marcas de pessoa e tempo.

Com relação à categoria semântica do argumento sujeito, ainda se observa a avaliação de indivíduos (28% = 14/50), mas estado-de-coisas (68% = 34/50) e proposições (4% = 2/50) são entidade mais sujeitas à avaliação nas construções encaixadas em *achar avaliativo*. As ocorrências em (107), (108) e (109), dadas anteriormente, ilustram casos de argumento oracional do tipo estado-de-coisas (59,1% = 29/49) e, as dadas em (148) e (149), casos em que o argumento nominal codifica indivíduo e proposição, respectivamente.

- (148) pedio palavrao Socio Manoel Francisco e disse dizendo enquanto a mim **não achó bom o 3º Artigo** porque proíbe ao Socio q tiver huma parte de Seus Capital não puder pedir, enquanto naõ tenha duas partes de Seus Capital, porem os mais estaõ bom (19, AB, p. 42)
- (149) Peço-lhe, Senhor Redactor, a inserção | destas verdades, e se **as achar tocadas de | alguma acrimonia**, (que muito se deve- | ria apartar de papeis publicos) servirão | de purificar estomagos nauseados, e ver- | mos se assim, só vomitam realidades (19, CL, p. 12)  
(= se o senhor redator achar as verdades tocadas de alguma acrimônia)

Diferentemente do padrão discutido anteriormente de *achar estativo*, nos casos em que o verbo matriz expressa avaliação, o argumento sujeito, quando codificado nominalmente,<sup>40</sup> sempre é portador de informação dada (50% = 25/50) ou inferível (34% = 17/50). No que respeita à referência do argumento nominal da predicação não-verbal encaixada, ele é específico e definido para falante e ouvinte (26% = 13/50) ou não específico para o ouvinte, mas definido para o falante (14% = 7/50). A investigação da relevância tópica do argumento sujeito demonstra que a maior parte das predicções não-verbais desse padrão (92% = 46/50) apresenta argumentos sujeitos que desempenham papel importante para o desenvolvimento do

---

<sup>40</sup> Vale lembrar, neste ponto, que se analisaram somente os casos em que o argumento da construção não-verbal realizava-se como um SN, pois, quando esse argumento é expresso por meio de uma oração, não consideramos adequado verificar o fluxo informacional, dado que, além de a proposta de Prince (1981) prever apenas a classificação de constituintes realizados como SN, a complexidade da oração encaixada é que influencia a sua ordenação após o predicado não-verbal.

tópico discursivo. Constata-se também que narrativas compreendem ao tipo de sequência discursiva predominante nesse padrão (82% = 41/50) em oposição à sequência argumentativa (18% = 9/50).

Os últimos dois padrões identificados nas análises dos dados do século XIX representam casos em que não é possível atribuir uma única leitura aos contextos de ocorrência do verbo *achar*. Nota-se que, em determinados usos, os sentidos desse verbo variavam entre *achar processo* e *achar estativo* (cf. (150)) e, em outros, entre *achar processo* e *achar avaliativo* (cf. (151)).

(150) O Collector nomiado entrou em exercicio e mora distante desta villa duas leguas na fazenda de seu pae, prejudicando assim as partes por **se achar** [=encontrar ou estar] **summariamente fechada a repartição** (19, CCDM, p. 175)

(151) Estanto todos Corpos da Devoção, Reonidos Aprovamos prunanamine Vondades oprez ente Comprimento da nossa Devocaõ, da Santiçicima Verginal Senhora da Sollidade dos Devalid- os prentecente Chiolos Liver de Cores pretas Naçidos no Inperio do Barzelio Ereta na Capella de Nossa Senhora do Ruzario do 15 Misterio Fergezia do Santo Antonio Alem do Carmo e por **Achamos** [= encontramos ou consideramos] **todos Corformes** pretammos Nossa Fremeza de o bresevar e Faze obrecervar Nesta Valedoza Sidade da Ba-hia de todos o Santos Eu que Fis e Cobrequer Como Sracretario Manoel Victo Serra (19, CS, p. 47)  
(= por acharmos todos conformes (de acordo) firmamos ... o que eu fiz e subscrevi como secretário )

De todas as ocorrências do verbo *achar* analisadas, destaca-se o aumento da frequência *token* desse verbo quando ele expressa avaliação (*type*). Constata-se que o emprego desse padrão, já identificado em sincronias pretéritas, ganha força no século XIX em detrimento da redução, neste século, do padrão mais frequentemente observado no século XIII. Essa constitui uma evidência importante para o processo de mudança sofrido por esse verbo, visto que, conforme comprovam Galvão (1999) e Gonçalves (2003), esse uso de *achar* estabiliza-se no século XIX. Mais importante do que confirmar os resultados encontrados pelos autores, os dados revelam uma mudança também na forma e no significado da predicação não-verbal encaixada, aspecto não focalizado por eles.

Observa-se que, em relação aos períodos anteriores, nos quais a predicação não-verbal encaixada em *achar* estrutura-se em torno de um predicado não-verbal que estabelece relação de predicação simples com um argumento sujeito, no século XIX, predicações não-verbais mais complexas mostram que a relação de predicação instaurada nos limites da predicação não-verbal encaixada passa a envolver um predicado não-verbal e um argumento oracional na posição de sujeito, mostrando assim ter ocorrido uma clara expansão estrutural.

Essa nova organização interna se reflete no tipo de entidade representada pelo argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada, que, além de indivíduos, admite também estado-de-coisas e proposição.<sup>41</sup> Há, portanto, uma abstratização do sentido do verbo matriz *achar*, que se reflete no modo de construção da predicação não-verbal encaixada, pois ocorre a passagem de contexto de indivíduos localizáveis em algum lugar no mundo e em certo estado para contextos em que eventos e ideias localizados no mundo real ou mental do falante são por ele avaliados.

Além de aspectos de forma e significado do argumento sujeito da construção encaixada, também a natureza do próprio predicado adjetival confirma a consolidação do sentido avaliativo no século XIX. Embora ainda nesse século predicados do tipo qualificativo sejam os mais frequentes, conforme se depreende dos dados descritos anteriormente, quando se observa apenas os casos de argumento sujeito expresso por oração, constata-se que em quase sua totalidade os adjetivos são avaliativos, isto é, denotam uma qualificação do falante pautada em sua subjetividade. O quadro seguinte apresenta os predicados identificados nesse século.

---

<sup>41</sup> Lembre-se que, nas sincronias pretéritas, o argumento sujeito da construção não-verbal já admitia estado-de-coisas e proposições, mas não com a frequência no formato observado no século XIX.

Padrões	Tipos de predicados			
	Qualificativo		Avaliativo subjetivo	Modal
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. igual		--	--
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	2. abatido 3. acrimônia (indelicado) 4. alterado 5. desanimado 6. desconfiado	7. engolfado 8. indeciso 9. isento 10. propenso 11. salutar 12. verídico	1. bom (31) 2. caro 3. demasiado 4. difícil 5. justo 6. próprio,	1. conveniente (3)
3. <i>ACHAR</i> [estativo]	13. adiado 14. adiantado 15. concluído 16. desligado 17. encarregado	18. extinto 19. fendido 20. presente (28) 21. preso	--	--
4. <i>ACHAR</i> [processo/avaliativo]	22. conforme		7. adequado	--
5. <i>ACHAR</i> [processo/estativo]	23. adiantado, curado, fechado		--	--
5 <i>types</i>	23 <i>types</i>		7 <i>types</i>	1 <i>type</i>

**Quadro 13** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XIX)

O confronto desses resultados com a hipótese inicial dessa pesquisa demonstra que é possível atestar que, já nesta sincronia, começa a se esboçar com nitidez uma trajetória de mudança das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* oposta à trajetória *finita* > *não-finita* > *nominalização*, proposta por Lehmann (1988). A comparação dos dados das sincronias até esse momento descreveu que, no século XIII, a oração encaixada é estruturada em torno de uma predicção não-verbal simples reduzida, determinada pelo significado do verbo *achar*, que previa uma estrutura argumental do tipo *ACHAR* [[ARGUMENTO]<sub>NOMINAL</sub>] [PREDICADO]<sub>ENCAIXADA REDUZIDA</sub>] como padrão não-marcado naquele período. Com o passar do tempo, a mudança do significado de *achar*, em direção ao sentido mais abstrato de avaliação, levou à ampliação das possibilidades de codificação do argumento sujeito da construção encaixada também por orações finitas e não-finitas com funções semânticas correspondentes, resultado propiciado por processo de analogização.

Com base na argumentação desenvolvida em torno das duas hipóteses desta tese, não se verifica, diacronicamente, integração entre construção matriz com *achar* e encaixada não-verbal (hipótese 1), mas expansão estrutural e de significado (hipótese 2), aqui explicados por meio de processo analógico, semelhante aos mobilizados por Bybee (2010), para explicação

de vários tipos de mudanças construcionais do inglês e de outras línguas apresentados no primeiro capítulo desta tese.<sup>42</sup>

A exemplo dos estudos de Bybee (2010), os resultados alcançados na presente pesquisa mostram a validade da atuação da analogia como processo cognitivo explicativo de mudanças atestadas diacronicamente. Esses resultados sugerem que a mudança identificada nas predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* decorre da alteração de sentido por que passou esse verbo. Nas palavras da autora, casos em que se identifica a expansão do significado não somente a forma deve ser convencionalizada, mas o significado também é importante para a incorporação de um novo padrão (BYBEE, 2010, p. 157).

Não se pode deixar de ressaltar a importância do papel da frequência *token* e *type* na incorporação de novos padrões construcionais, pois, como destaca Bybee (2010), a repetição de uma determinada construção faz com que ela se torne mais acessível aos falantes, o que fortalece os exemplares de um padrão específico e enfraquece aqueles cuja frequência é baixa. A repetição constitui, portanto, um fator relevante nesse processo de implantação da mudança.

#### 4.3.8. Século XX

Como é possível depreender da tabela 9 apresentada a seguir, no século XX, identificam-se praticamente os mesmos padrões observados no século anterior, com exceção do *type* ambíguo *achar processo/avaliativo* não ocorrente nesta sincronia.

---

<sup>42</sup> Lembre-se, por exemplo, neste ponto, que, segundo Bybee (2010), na convencionalização dos diferentes usos de *can* e *can't* relacionados a verbos principais, *can* deixa de ter significado de “conhecer” e passar a assumir diferentes sentidos e encaixar complementos de estruturas distintas a depender do verbo cognitivo que o acompanha. Processo de expansão de forma e de significado semelhante também explica mudanças em construções com *quedar(se)*, do espanhol: a classe dos adjetivos empregados junto a esse verbo é expandida, por analogia a construção inicial com *solo*, para contextos descritivos de perda de membro da família (*quedar(-se) huerfano*) e depois de privações físicas (*quedar(-se) sin armas*) até se chegar a classes mais abstratas.

Tabela 9 – Padrões construcionais de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XX)

Padrão genérico		Padrões construcionais específicos	
	Freq. token	Freq. type	Total de tokens
[[ARG] ACHAR [[PRED] [ARG]] ENCAIXADA	14	[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	58,3% (7/12)
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] ORAÇÃO]	33,3% (4/12)
		[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] ORAÇÃO ENCX.FIN.]	8,3% (1/12)
		Subtotal	85,7% (12/14)
		[[ARG] ACHAR <sub>estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG EsCo] NOMINAL]	100% (1/1)
		Subtotal	7,1% (1/14)
		[[ARG] ACHAR <sub>processo/estativo</sub> ENCX.RED.] [[PRED] [ARG INDV] NOMINAL]	100% (1/1)
		Subtotal	7,1% (1/14)
		Total de subtypes: 5	14

No século XX, foram levantadas apenas 14 ocorrências do padrão genérico da construção com verbo *achar* na matriz, as quais estão distribuídas em três *types*, que, com exceção de *achar processo*, já foram verificados nas sincronias passadas: *achar avaliativo* (85,7% = 12/14), *achar estativo* (7,1% = 1/14) e *achar processo/estativo* (7,1% = 1/14). Em comparação ao século anterior, chama atenção, no século XX, a redução da frequência *token*, fato explicável pelos textos que compuserem a subamostra referente a esta sincronia: anúncios, cartas pessoais e mensagem apresentada ao Congresso Nacional, gêneros que não se mostraram produtivos para a ocorrência das construções em análise.

Apesar da baixa frequência *token* (14 ocorrências), o padrão *achar avaliativo* é o que apresenta frequência mais alta (85,7% = 12/14) em relação aos demais padrões, os quais apresentam baixa frequência de uso, variando de 7,1% (= 1/14) a 7,1% (1/14). Quando *achar* é *avaliativo* ocorrem, nesta sincronia, predicções não-verbais com argumento oracional, caracterizadas, neste caso, como construções complexas finitas (8,3 = 1/12) e complexas reduzidas (33% = 4/12), como mostram as ocorrências em (152) e (153), respectivamente.

- (152) Oh, Murilo, já estou com muita saudade e muito inquieto por não ter notícia de você. É certo estive no Rio, perguntei por você, ninguém sabia e **achei que não era conveniente insistir**. Também aqui tenho procurado descobrir seu endereço novo mas não havia meios. Por mim não sabia. As duas vezes que fui na sua casa fui

de auto, com você mesmo, sem me preocupar da direção. (20, CMA, p. 30)

- (153) Esta carta já virou testamento de tão fúnebre, e será que está bem clara? Leal está. Vocês, si quiserem me atacar, me ataquem de frente. Será mais bonito pra vocês, mais digno pra todos nós, e juro que não brigarei por isso. **Si acharem inútil me atacar**, façam a campanha do silêncio que, pela experiência que tenho dela, é a mais mortífera. (20, CMA, p. 26)

O argumento sujeito dessas predicções não-verbais encaixadas pode ainda ser expresso por SN pleno (25% = 3/12) ou pronomes pessoais (33,3% = 4/12). Os referentes do sujeito correspondem a indivíduos (58,3% = 7/12) ou estado-de-coisas (41,6% = 5/12) e, quando nominais, codificam, na maior parte dos casos, informação dada, referentes inanimados e totalmente específicos (41,6% = 5/12). Quanto ao predicado não-verbal, este pode pertencer à classe dos qualificativos (33,3% = 4/12), avaliativos (58,3% = 7/12) ou deônticos (8,3 = 1/12). Com relação ao predicado *achar*, predomina o emprego da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (41,6% = 5/12). Na maior parte dos dados (75% = 9/12), os argumentos nominais da predicação encaixada apresentam relevância tópica e ocorrem em sequências narrativas (50% = 6/12) e argumentativas (41,6% = 5/12).

Conforme se verifica na descrição acima, ainda que a frequência *token* seja menor nessa sincronia, mantém-se um equilíbrio na forma de expressão de sujeito na predicação não-verbal, que admite argumentos nominais e oracionais, como identificado no século anterior. Essa constatação confirma, mais uma vez, a hipótese de expansão estrutural da predicação não-verbal encaixada, processo que atinge também a classe de predicados das construções. Como mostrado em (165) e (166), adjetivos do tipo avaliativo, como *inútil*, e deôntico, como *inconveniente*, que têm uma função mais subjetiva e, portanto, mais abstrata, são indicativos de que a mudança no predicado matriz *achar* se estende aos demais constituintes da predicação não-verbal por meio de um processo analógico.

O emprego mais frequente do pretérito perfeito nesse século em oposição ao tempo presente na sincronia anterior justifica-se pelo fato de a maior parte das ocorrências desse segundo padrão ser proveniente de cartas pessoais, em contextos nos quais o autor relata



algum acontecimento passado. Prevalece ainda o emprego da 1ª pessoa do singular, que assinala avaliação subjetiva e atribui ao escrevente a responsabilidade e comprometimento com essa avaliação.

O terceiro padrão também apresenta frequência *token* baixíssima se comparada à observada no século XIX. A predicação não-verbal estrutura-se em torno de argumento sujeito expresso por SN pleno que codifica estado-de-coisas, informação nova, com referência específica e definida. O referente sujeito é entidade inanimada e tópico discursivo relevante. O predicado não-verbal desse padrão é adjetivo do tipo qualificativo e ocorre anteposto ao sujeito. Já o verbo *achar* é empregado na 3ª pessoa do presente do indicativo. A única ocorrência desse padrão, mostrada em (154), integra sequência discursiva descritiva.

- (154) A Secretaria do Colégio San-|tanópolis e da Escola de Co-|mercio avisa a todos os inte|ressados que **se acham abertas| as inscrições para os exames| de admissão á 1.ª Série gina-|sial – diurna e noturna e do| Curso Basico** – os quais se rea-|lizarão nos dias 23 e 24 de Fe-|vereiro proximo vindouro. (20, ANFN, p. 21)

O último padrão consiste em uso ambíguo do predicado matriz em que *achar* varia entre *processo* e *estativo*. A ocorrência, mostrada em (155), ilustra esse *type*.

- (155) **Não se achando ainda instalado o Departamento da Justiça**, esse importante ramo da administração militar continúa a funcionar sob os antigos moldes, tendo o Governo submettido o assumpto á consideração do Congresso Nacional. (20, MCN, p. 18)

Na esteira da discussão do século XIX, os dados analisados no século XX indicam que a tendência observada anteriormente é mantida e a mudança na forma de estruturação das predicções não-verbais reforça a tese de que essas construções não estão envolvidas em processo de dessentencialização, conforme previa a hipótese 2. Confirmam essas constatações não só a presença de orações ocupando o lugar de argumento sujeito, mas também o predicado adjetival que rege essas construções (cf. quadro 14).

Padrões	Tipos de predicados					
	Qualificativo			Avaliativo		Modal
1. <i>ACHAR</i> [processo]	1. lírico 2. perdido				--	--
2. <i>ACHAR</i> [avaliativo]	3. frio 4. demasiado	5. restabelecido 6. tristonho		1. cacete 2. difícil, 3. excelente	4. inútil 5. melhor 6. ótimo (2),	1. conveniente
3. <i>ACHAR</i> [estativo]	7. aberto				--	--
		--			--	--
4. <i>ACHAR</i> [processo/estativo]	8. instalado				--	--
4 <i>types</i>	8 <i>types</i>			6 <i>types</i>		1 <i>type</i>

**Quadro 14** – Predicados adjetivais das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* (século XX)

Em comparação com as sincronias pretéritas, paulatinamente, adjetivos do tipo avaliativo e modais representam expansão da classe dos predicados não-verbais, o que corrobora a segunda hipótese de que as predicções estudadas passam por um processo de abstratização que atinge não só sua forma, mas também seu significado. Sobre os tipos semânticos de adjetivos, é importante notar que, entre os modais, ocorrem, desde o século XVII, apenas os deônticos, o que se explicaria pelo fato de o verbo *achar*, nesses casos, assumir leitura epistêmica, respeitando-se, assim, a hierarquia entre as formas de expressão da modalidade num viés tanto sincrônico quanto diacrônico. Conforme aponta Dik (1989), sincronicamente formas de expressão de modalidade epistêmica, por serem de escopo mais amplo dentre os tipos modais, podem incidir sobre formas que codificam ou o mesmo tipo modal (epistêmico) ou tipo inferior (deôntico). Bybee et al. (1995) mostram que certos recursos de expressão de modalidade epistêmica são historicamente posteriores aos mesmos recursos de expressão deôntica. Sob tais previsões, é de se esperar que adjetivos epistêmicos também possam ocorrer na posição de predicado da predicção não-verbal encaixada, como já identificado no século XXI.

## CAPÍTULO V

### EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS PREDICAÇÕES NÃO-VERBAIS ENCAIXADAS NO VERBO *ACHAR*

Diante das constatações apresentadas no capítulo anterior, é possível concluir que as predicções não-verbais simples e complexas não podem ser analisadas sem se levar em consideração a sua integração ao predicado *achar*, pois, como se procurou defender, o processo de gramaticalização atinge todas as partes dessa construção. Assim, constata-se que não só a estrutura, mas o significado assumido pelas predicções não-verbais nas sincronias mais recentes é resultado de um processo analógico. Esse resultado vai ao encontro da proposta de Bybee (2010), segundo a qual a mudança linguística não atinge itens isoladamente, mas antes atua sobre todas as partes da construção, o que se reflete em uma alteração não só da forma como também do significado.

Neste último capítulo, apresenta-se a evolução diacrônica das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, sob duas perspectivas: uma perspectiva panorâmica que considera os *types* definidos pelo significado assumido por *achar* ao longo das diferentes sincronias, agrupadas em três diferentes fases da história da língua portuguesa (arcaica, média e moderna), para tornar mais evidentes mudanças em aspectos de forma e significado das construções; a segunda perspectiva é um detalhamento da primeira e procura mostrar que a mudança que atinge as predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* só é apreensível na consideração da interação entre aspectos de forma e de significado envolvidos no complexo oracional como um todo; nesse detalhamento, foca-se o olhar para as nove sincronias investigadas. Frente às discussões dos resultados da evolução diacrônica das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, a segunda e última seção do capítulo é destinada à retomada da hipótese que norteou a pesquisa.

### 5.1. A evolução diacrônica das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*

Já nas análises do capítulo anterior foi possível constatar a existência de interação entre as mudanças observadas na forma e no significado dos constituintes argumentais das predicções não-verbais, o que confirma os postulados de Bybee (2010), para quem as mudanças atingem não só a forma, mas o significado da construção como um todo. Assim, a mudança semântica sofrida pelo predicado matriz *achar* rumo a um sentido mais abstrato de avaliação acompanha alterações de forma e de sentido dos constituintes da predicção não-verbal encaixada.

Para início da discussão da evolução diacrônica das construções em análise, recorre-se, primeiramente, à sintetização dos *types* apurados nas nove sincronias investigadas nesta tese (séculos XIII a XXI), agora agrupadas pela periodização clássica da história da língua portuguesa em três fases. Esse agrupamento das sincronias é feito com o objetivo de visualizar melhor as mudanças enfocadas.

Sobre a periodização da história da língua portuguesa, não há divisão consensual entre filólogos e linguistas históricos, conforme declaram Ilari e Basso (2006, p. 18) no trecho transcrito a seguir.

Muitos estudiosos já propuseram periodizações da língua portuguesa, e entre essas propostas não há uma coincidência perfeita. Há acordo quanto a reconhecer na história da língua uma fase arcaica, uma fase clássica e uma fase moderna ou contemporânea. Todos concordariam em classificar na última a língua de Machado de Assis e de Eça de Queiroz, na primeira as Cantigas dos Trovadores e na fase clássica a língua de *Os Lusíadas*. Mas as divergências começam quando se buscam datas e denominações mais ou menos exatas para os vários períodos. [...] usamos várias vezes as expressões “português arcaico”, “português clássico” e “português moderno”: as informações dadas por esses rótulos são úteis, mas é importante não esperar deles nenhum tipo de precisão.

Com base nessa citação dos autores, adota-se aqui a clássica periodização, que reconhece, para a história da língua portuguesa, as fases *arcaica* (e arcaica média, que vai do século XIII ao início do XVI), *média* ou *clássica* (do início do século XVI ao final do XVII) e

*contemporânea* (do século XVIII em diante). Como já houve referência ao século XXI como PB contemporâneo, para não haver confusão, renomeia-se aqui a fase denominada *contemporânea* como *moderna*, seguindo terminologia sugerida por Ilari e Basso (2006).

No quadro 15, a seguir, foca-se, inicialmente, o comportamento diacrônico dos diferentes sentidos de *achar*, sem, no entanto, considerar a frequência com cada sentido é empregado. A ideia, com este quadro, é a de simplesmente constatar a emergência de usos, sob a consideração de que, se um determinado padrão de uso ocorre em uma dada sincronia, ele é parte do sistema, independentemente de sua frequência.

Types	Subtypes	Arcaica			Médio ou Clássico		Moderno			
		13	14	15	16	17	18	19	20	21
[[ARG] ACHAR <sub>processo</sub>	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	X	X	X	X	X	X	X		
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]		X	X	X	X			X	
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]								X	
[[ARG] ACHAR <sub>avaliativo</sub>	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]	X	X		X	X	X	X	X	X
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]			X	X	X	X	X		X
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]							X		X
	[[PRED] [ARG <sub>EP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]									X
	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]				X					X
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]									X
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]		X							X
	[[PRED] [ARG <sub>EP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.FIN.]									X
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.RED.]						X	X	X	X
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.RED.]									X
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.FIN.]				X					X
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] ORAÇÃO ] ENCX.FIN.]									X
[[ARG] ACHAR <sub>restativo</sub>	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]		X				X	X		
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]						X	X	X	
[[ARG] ACHAR <sub>processo/avaliativo</sub>	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]		X		X	X	X	X		
	[[PRED] [ARG <sub>ESCo</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]							X		
	[[PRED] [ARG <sub>PROP</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]			X						
[[ARG] ACHAR <sub>processo/estativo</sub>	[[PRED] [ARG <sub>INDV</sub> ] NOMINAL ] ENCX.RED.]						X	X	X	
Total de subtypes por fase*		2	5 (6)	3 (4)	6 (7)	4 (5)	6 (8)	7 (10)	6 (7)	12
			6 (8)		6 (7)			17 (20)		

\* A totalização entre parênteses inclui a contagem dos *types* ambíguos.

**Quadro 15** – Síntese dos padrões construcionais apurados nas diferentes sincronias do português.

Da fase arcaica para a moderna, é notório o aumento de *subtypes* de predicções não-verbais encaixadas nos diferentes padrões de *achar*. Desconsiderando padrões ambíguos, os *subtypes* de *achar* se ampliam de 6, na fase arcaica, para 17 na fase moderna, ampliação que encontra sua principal motivação na diversidade de padrões de *achar avaliativo*, sobretudo

quando se chega na fase moderna. Enquanto *achar processo* e *achar estativo* chegam à fase moderna tendo associados a seus significados, no máximo, três *subtypes*, *achar avaliativo* apresenta, nesse mesmo período 12 *subtypes*.

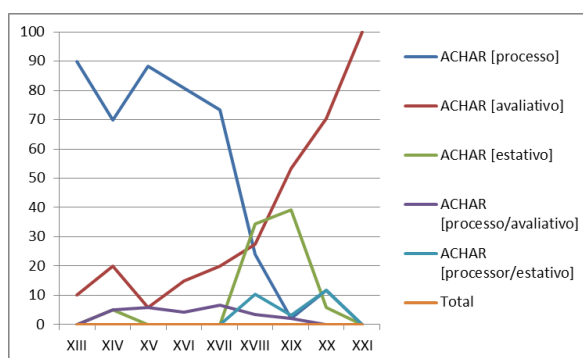
Com base ainda nas informações do quadro 15, dos três *types* de *achar* de sentidos inequívocos (*processo*, *avaliativo* e *estativo*): (i) *achar processo* e *achar avaliativo* claramente experimentam certa estabilidade semântica ao longo das sincronias investigadas, mas não estabilidade estrutural, como veremos mais adiante, no detalhamento dos *subtypes* de cada *type*; *achar processo* só não se faz presente no último século do período moderno, por razões de gênero discursivo representado no *corpus* deste século; (ii) *achar estativo*, datado da fase arcaica (século XIV), desaparece em toda a fase média e se fixa na fase moderna, comportamento oscilante impeditivo de afirmações seguras sobre emergência e desaparecimento; o mais sensato, por razões de *corpora*, seria admitir que também esse *type* é estável em todas as sincronias investigadas. Não se pode ignorar, nesse passo, o papel que contextos ambíguos desempenham no processo de estabilidade semântica dos três *types* principais: (i) usos de *achar* com leitura de *processo/avaliativo* perpassam as três sincronias (do século XIV ao XIX) e contribuem exatamente para a consolidação dos *types* individuais *achar processo* e *achar avaliativo*; (ii) a mesma contribuição se verifica nos usos ambíguos de *achar processo/estativo*, sobretudo na fase moderna, em direção à consolidação de *achar estativo*, cujo uso oscila entre as fases arcaica e média, mas se fixa na fase moderna.

Na consideração dos *subtypes* representados no quadro 15, destaca-se que mudanças estruturais envolvendo predicacões não-verbais encaixadas são relevantes para o padrão de *achar avaliativo*, único *type* que experimentará expansão da estrutura de encaixamento. Como se observa, predicacão não-verbal encaixada reduzida com argumento da predicacão estruturado por expressão nominal combina-se com qualquer dos *types* (*processo*, *avaliativo* e *estativo*, incluindo os ambíguos) nas sincronias em que eles se fazem presentes. A

possibilidade do mesmo tipo de predicção não-verbal encaixada (com argumento nominal) ocorrer sob forma finita se verifica somente com o padrão avaliativo, sobretudo na fase moderna, embora nas duas fases anteriores se verifique um ou outro *subtype*, diferenciados apenas pela entidade semântica representada pelo argumento da predicção encaixada. É também apenas no padrão *avaliativo* da fase moderna que se verifica a alteração da codificação morfossintática do argumento da predicção não-verbal encaixada, que, de nominal, passa a admitir ser codificado também por oração, revelando, assim, a expansão estrutural por que passa o complexo oracional com o verbo *achar* na história do português.

Esse panorama inicial da evolução diacrônica de padrões de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, por evidenciar mais claramente aspectos gerais das mudanças, diz pouco e, por isso, requer que se considere a frequência de uso de *types* particulares, definidos por parâmetros de forma e de significado, como recurso metodológico para justificar mais e melhor a evolução diacrônica dessas construções.

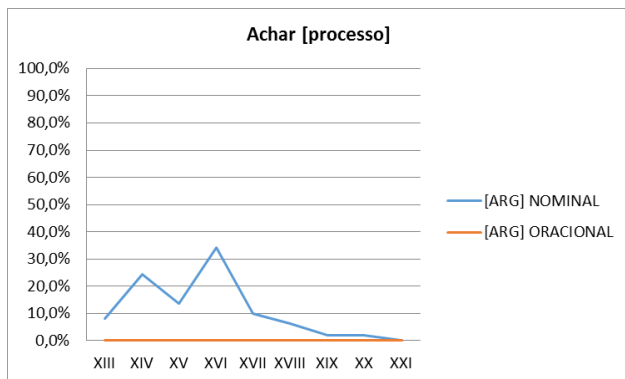
Inicia-se o detalhamento da evolução diacrônica das construções com o verbo *achar* pelas informações sintetizadas no Gráfico 1.



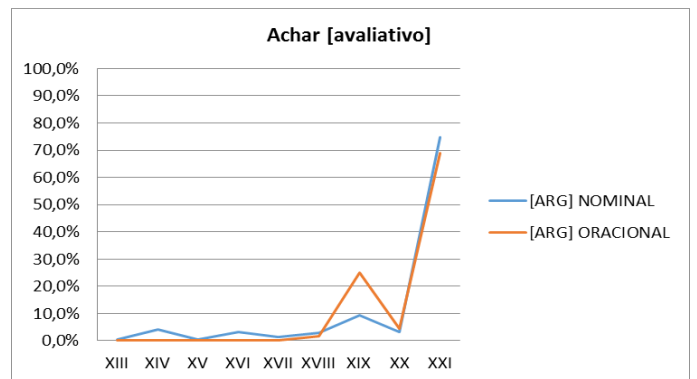
**Gráfico 1** – Comparativo dos padrões de *achar* encontrados do século XIII ao XXI

Por meio do gráfico 1, fica evidente, ao longo dos séculos investigados, o aumento das predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar avaliativo*, em detrimento da redução desse mesmo tipo de encaixamento quando *achar* expressa o processo ou estado. Quando se

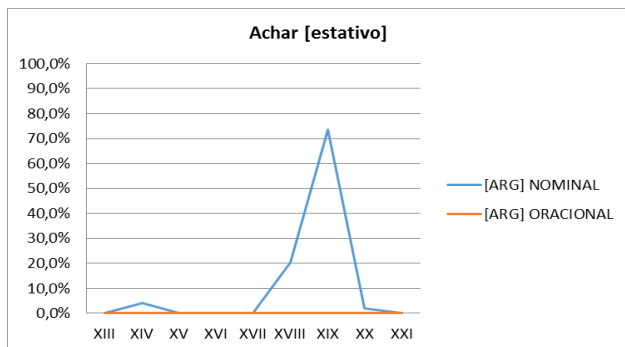
analisa as predicções não-verbais com mais detalhes, verifica-se, ao longo dos séculos, expansão da forma assumida pelo argumento sobre o qual recai o predicado, que, de nominal, passa a oracional. Os gráficos de 2 a 6, apresentadas a seguir, ilustram essas transformações.



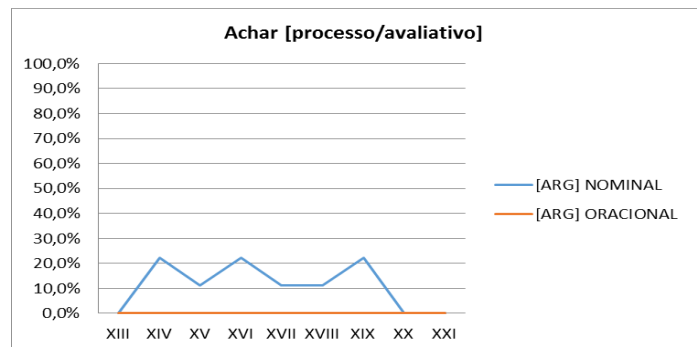
**Gráfico 2** – Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo]



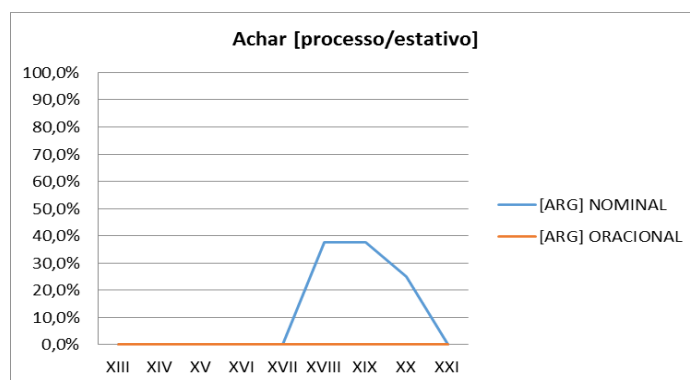
**Gráfico 3** – Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [avaliativo]



**Gráfico 4** – Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [estativo]



**Gráfico 5** – Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/avaliativo]



**Gráfico 6** – Forma do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/estativo]

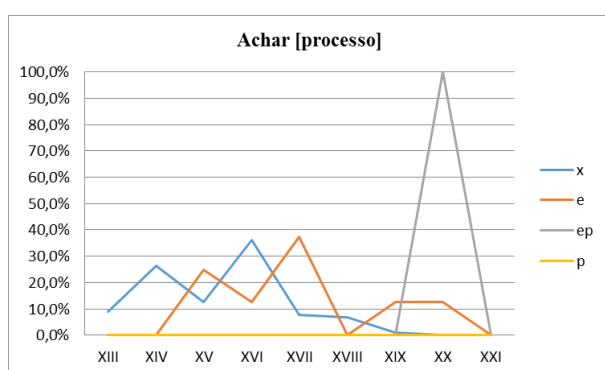
Os gráficos evidenciam que a forma de expressão do argumento sujeito está intimamente ligada ao sentido do predicado matriz *achar*. A comparação dos resultados mostrados nos gráficos de 2 a 6 revela que somente quando o predicado matriz *achar* é do



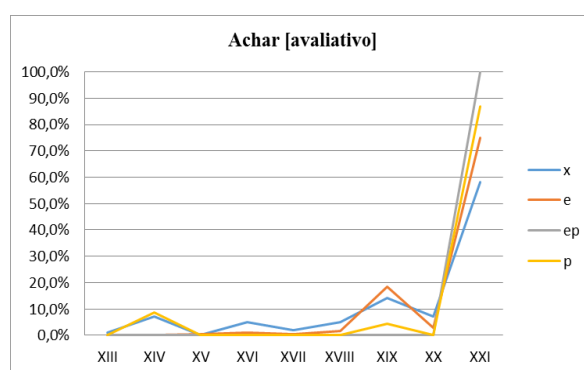
tipo *avaliativo* ocorre o encaixamento de predicções não-verbais que têm como sujeito *orações*. Essa constatação pode ser explicada pela semântica do predicado *achar avaliativo* que, como resultado de deslizamento de sentido de *achar processo*, possibilita a avaliação de estado-de-coisas e proposições, entidades codificadas, na maior parte dos dados, por meio de *orações*.

Os demais tipos de predicados matrizes admitem como argumento sujeito da predicção não-verbal apenas expressões nominais. Esse resultado se justifica pelo sentido pressuposto por cada tipo de predicado matriz que está atrelado à origem do verbo *achar* no português, o verbo latino *afflare*, que tem como sentido básico a procura/encontro de algum indivíduo em algum estado. Conforme já mencionado em seções anteriores, esse sentido preserva a estrutura argumental do verbo latino *afflare*, que exige objeto direto que tem como núcleo um referente nominal.

Esses resultados relacionam-se diretamente à semântica do argumento sujeito da predicção não-verbal, como demonstram os gráficos de 7 a 11.<sup>43</sup>

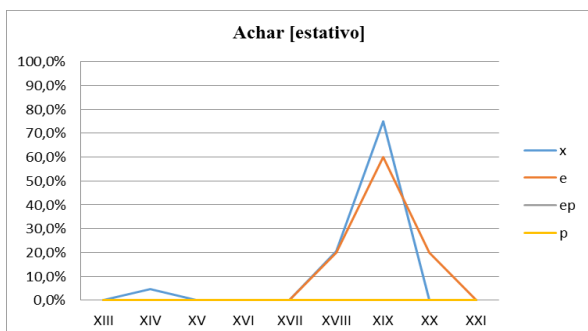


**Gráfico 7** – Tipo semântico do argumento sujeito da predicção não-verbal encaixada em *achar* [processo]

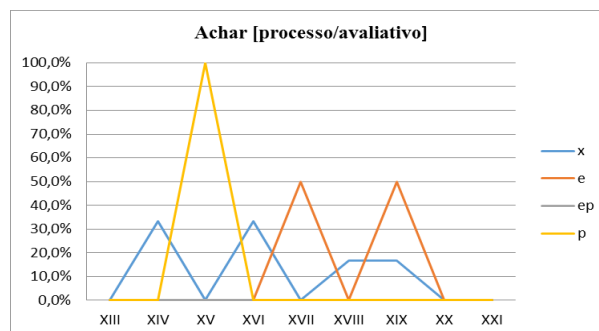


**Gráfico 8** – Tipo semântico do argumento sujeito da predicção não-verbal encaixada em *achar* [avaliativo]

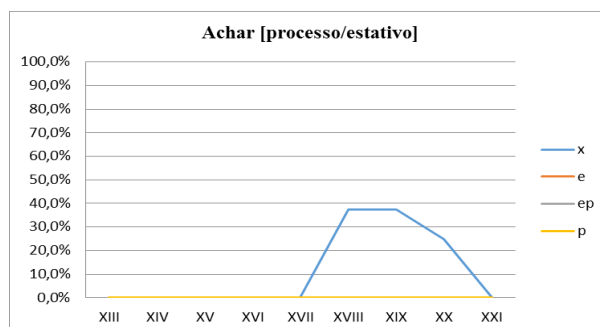
<sup>43</sup> Nas legendas das figuras de 7 a 11, x = indivíduo, e = estado-de-coisas, ep = episódio e p = proposição.



**Gráfico 9** – Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [estativo]



**Gráfico 10** – Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/avaliativo]



**Gráfico 11** – Tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/estativo]

As projeções dadas permitem comprovar que a expansão da construção encaixada não é apenas estrutural, mas atinge também a semântica do argumento sujeito da predicação não-verbal. Consta-se que a mudança no tipo semântico do argumento sujeito tem início ainda quando o predicado matriz corresponde a *achar processo* (Gráf. 7), que, até o século XIV, encaixa predicação não-verbal que tem argumento sujeito expresso apenas por indivíduo (x) e, no século XV, passa a admitir também estado-de-coisas (e), culminando, no século XX, na maior frequência de episódio (ep) e estado-de-coisas (e).

Paralelamente a essa mudança, verifica-se que *achar avaliativo* (Gráf. 8), no século XIX, encaixa predicação não-verbal com sujeito que codifica estado-de-coisas (e) com frequência relativamente maior que *achar processo* nesse mesmo período (cf. Gráf. 7). Essa tendência se consolida no século XXI, quando o padrão de *achar avaliativo* passa a encaixar com maior frequência episódios (ep), proposição (p) e estado-de-coisas (e), visto que, nesse século, os demais padrões não são produtivos para o encaixamento de predicções não-verbais (cf. Gráf. 7, 9, 10 e 11). Os resultados do padrão *achar avaliativo* revelam que, ao longo dos

séculos, o tipo semântico do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada apresenta uma expansão em direção às categorias mais altas da escala de hierarquia semântica proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), o que denota que a abstratização do argumento ocorre em paralelo à abstratização de *achar*.

Dentre os padrões ambíguos, o padrão de *achar processo/avaliativo* (Gráf. 10) é representativo do período de transição entre *achar processo* e *achar avaliativo*, conforme se verifica nos picos em que o argumento sujeito codifica estado-de-coisas (e) (séculos XVII e XIX), picos que coincidem com a maior frequência desse tipo de entidade quando constituía argumento sujeito de predicação não-verbal encaixada nos predicados matrizes *achar processo* (Gráf. 7) e *avaliativo* (Gráf. 8), respectivamente.

O predicado matriz *achar estativo* (Gráf. 9) concentra, no século XIX, maior frequência de construções encaixadas com argumentos indivíduos (x) e estado-de-coisas (e), ao passo que *achar processo/estativo* (Gráf. 11) apresenta argumentos sujeitos correspondentes a indivíduos (x) apenas. Não se observa, nesses usos, uma interação com os demais padrões que permita explicar uma influência no processo de mudança das predicções não-verbais assim como o verificado para os padrões de *achar processo* e *avaliativo*. Talvez por esse motivo esses padrões não se mostrem produtivos para o encaixamento de predicções não-verbais.

Além das mudanças observadas no argumento sujeito da predicação não-verbal, o predicado dessa construção também apresenta alterações na sua forma de expressão, como mostram os gráficos de 12 a 16.

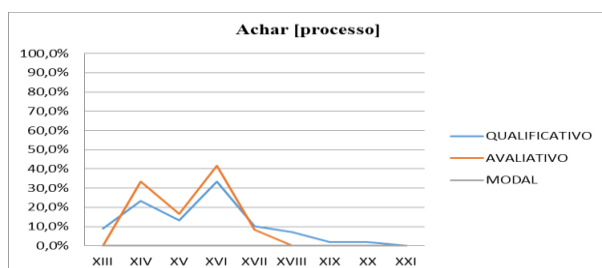


Gráfico 12 – Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo]

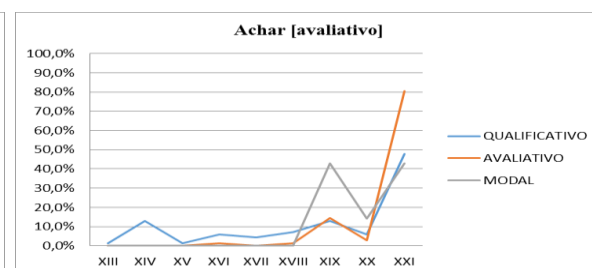


Gráfico 13 – Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em *achar* [avaliativo]

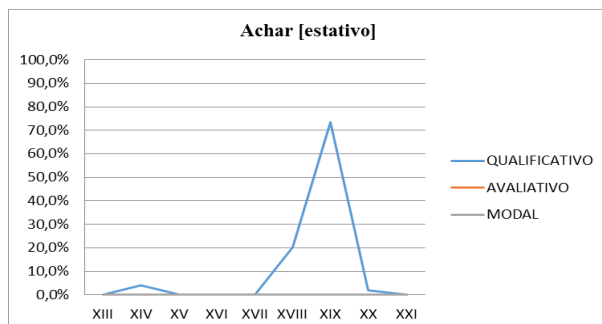


Gráfico 14 – Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em *achar* [estativo]

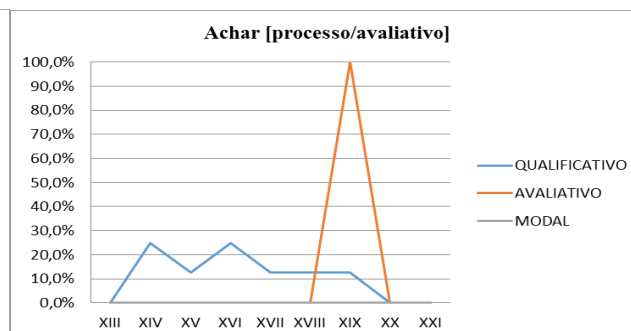


Gráfico 15 – Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/avaliativo]

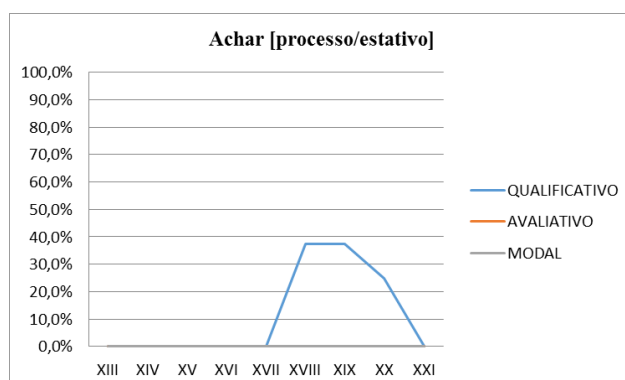


Gráfico 16 – Tipo de predicado da predicação não-verbal encaixada em *achar* [processo/estativo]

Como mostram os gráficos de 12 a 16, o processo de expansão identificado na forma e tipo semântico do argumento sujeito também atinge o predicado da predicação não-verbal. Conforme se depreende do gráfico 12, o padrão de *achar processo* apresenta uso equilibrado de predicados qualificativos e avaliativos até o século XVII, porém, a partir do século XVIII, prevalece o emprego de predicados qualificativos para esse tipo de predicado matriz. Esse resultado está alinhado à própria semântica de *achar processo*, que tem sentido mais concreto e, por esse motivo, encaixa predicações não-verbais estruturadas por predicados qualificativos, já que esse tipo de predicado expressa qualidades restritas a aspectos materiais, psicológicos e sociais, típicos de experiências mais concretas, como já foi demonstrado em seções anteriores.

O predicado avaliativo, por sua vez, tem frequência maior de ocorrência quando ocorre encaixado ao predicado matriz *achar avaliativo* (Gráf. 13), a partir do século XX,

período em que se dá o aumento desse padrão. Destacam-se, nos usos do século XXI, emprego equilibrado de predicados do tipo qualificativo e modal. Também a semântica desse padrão exerce forte influência no índice maior de predicados do tipo avaliativo, pois o sentido mais abstrato de *achar* que envolve não mais processo de busca, mas julgamento de entidades pressupõe emprego, na construção encaixada, de predicado não-verbal compatível a essa função. A existência de predicados não-verbais do tipo modal no século XXI, em frequência relativamente alta, ainda que equilibrada com o tipo qualificativo, aponta para a função exercida pelas predicções não-verbais, nessa sincronia, de atribuir ao falante a avaliação veiculada nessas construções.

As predicções não-verbais encaixadas no padrão de *achar processo/avaliativo* (Gráf. 15) apresentam emprego equilibrado de predicado qualificativo ao longo dos séculos analisados, mas, no século XIX, identifica-se uso mais frequente de predicado avaliativo, possivelmente, motivado pela ascensão do padrão *achar avaliativo*. Já os padrões de *achar estativo* (Gráf. 14) e *achar processo/avaliativo* (Gráf. 16) encaixam predicções não-verbais estruturadas por predicados qualificativos apenas.

Os gráficos de evolução apresentados nesta seção permitem visualizar as mudanças estruturais e semânticas observadas nas predicções não-verbais e confirmam a trajetória delineada no quadro 15. Destaca-se, nesse percurso, o processo de expansão estrutural da predicção não-verbal que, conforme já mencionado, ocorre apenas com o padrão de *achar avaliativo*. Todos os *types* (*processo, avaliativo e estativo*, incluindo os ambíguos) mostraram-se produtivos para o encaixamento de predicção não-verbal simples reduzida, mas somente *achar avaliativo* combina-se com predicções não-verbais complexas.<sup>44</sup>

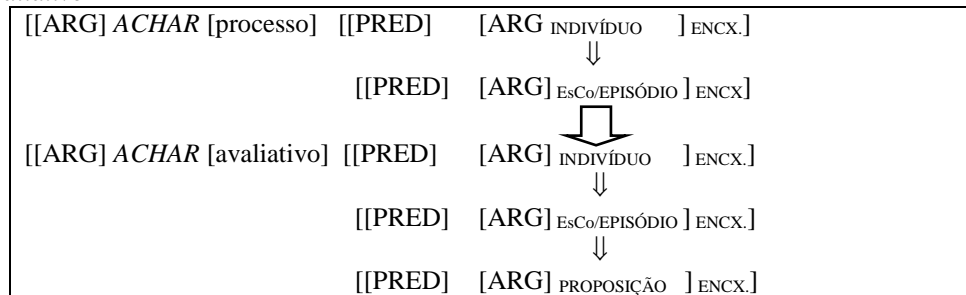
---

<sup>44</sup> As alterações no *tipo de encaixada* (reduzida ou finita) observadas nas predicções não-verbais encaixadas no *achar avaliativo* não foram apresentadas em gráficos porque são relevantes apenas para mudanças envolvendo esse *type* isoladamente. O objetivo desta seção consiste em apresentar apenas os fatores que se mostraram importantes para a explicação da trajetória das predicções não-verbais em todos os *types* analisados.

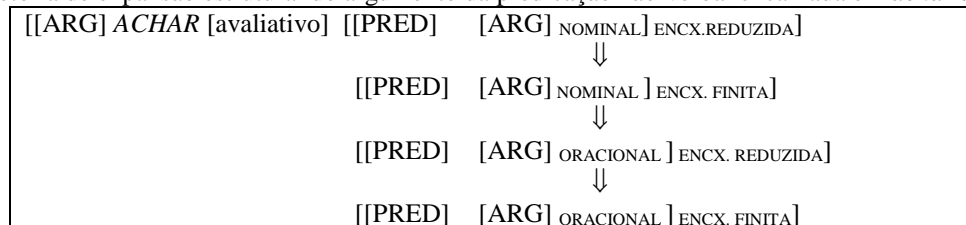
## 5.2. Rumo à verificação das hipóteses

Com base nos dados obtidos para *achar processo* e *achar avaliativo*,<sup>45</sup> é possível propor as seguintes trajetórias de mudança: (i) em (157), a trajetória de mudança semântica do argumento sujeito da predicação não-verbal encaixada, relevantes para *achar processo* e *avaliativo*; (ii) em (158), a trajetória de expansão estrutural do argumento da predicação não-verbal encaixada, relevante somente para *achar avaliativo*, e, (iii) em (159), a trajetória de expansão de classes semântica do predicado não-verbal, relevante apenas para *achar processo* e *avaliativo*.<sup>46</sup>

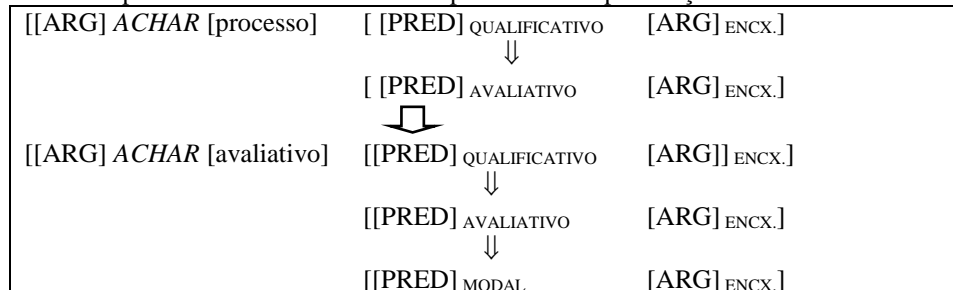
(157) Trajetória de mudança do tipo semântico do argumento da predicação não-verbal encaixada em *achar processo* e *avaliativo*



(158) Trajetória de expansão estrutural do argumento da predicação não-verbal encaixada em *achar avaliativo*



(159) Trajetória de expansão da classe semântica de predicados da predicação não-verbal encaixada em *achar*



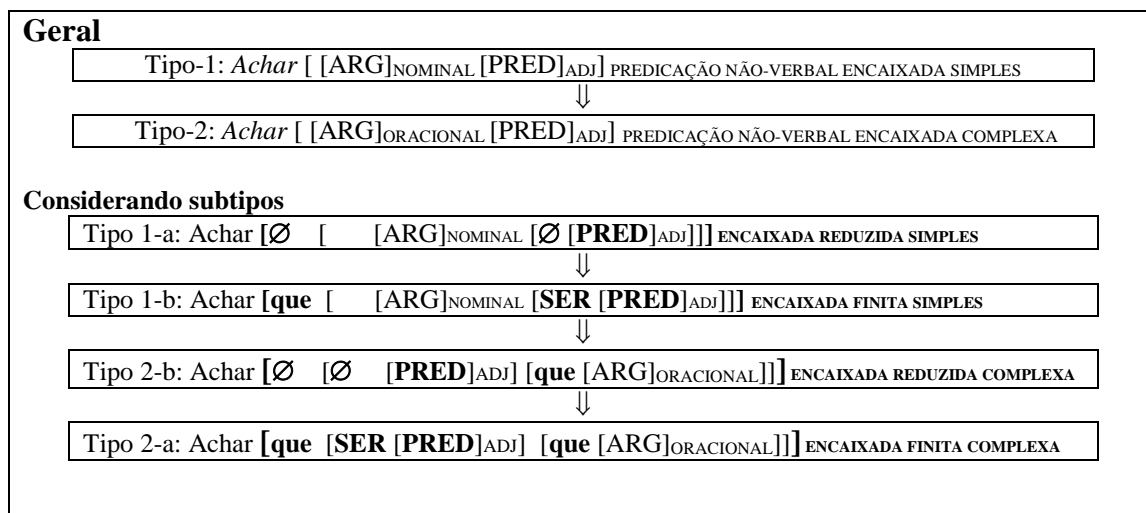
<sup>45</sup> Consideraram-se apenas esses dois padrões porque, conforme pode ser identificado nos gráficos, a interação entre eles permite visualizar mais evidentemente a trajetória prevista na hipótese 2.

<sup>46</sup> Essa trajetória toma como referência apenas os padrões de *achar processo* e *achar avaliativo* em virtude da interação observada entre eles para a comprovação da segunda hipótese defendida neste trabalho.

No cotejo das trajetórias de mudança acima propostas, as alterações verificadas ao longo dos séculos tratam-se de um processo de mudança que tem como causa motivadora a abstratização de sentido do verbo *achar*, pois, esse verbo, quando expressa processo (sentido de busca), exige como argumento sujeito da construção encaixada referente nominal, objeto da procura, e adjetivo, que codifica o estado em que se encontra ou se espera encontrar esse objeto. Desse modo, esse sentido mais concreto dá origem, por extensão metafórica, via analogia, a um sentido mais abstrato, na medida em que se pode qualificar não apenas objetos concretos, localizando-os no espaço ou identificando suas propriedades perceptuais, mas também estado-de-coisas e proposições. Como consequência dessa mudança, a construção encaixada passa a permitir, na posição de sujeito, argumentos de complexidade semântica e estrutural cada vez mais crescente, como orações finitas e não-finitas, codificando estado-de-coisas e proposições, o que demanda a presença de predicados não só qualificativos, mas também avaliativos e modais.

Com base nessa constatação, observa-se como a interação entre forma e sentido é determinante para a configuração assumida pelas predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar* entre os séculos XIII e XXI. Contrariamente à hipótese 1 lançada no início da pesquisa, a análise dos dados revelou que não há integração de orações, mas expansão de significado, acompanhada de expansão estrutural, conforme previa a hipótese 2.

O esquema do quadro 16, já apresentado na introdução deste trabalho, permite visualizar esse percurso.



**Quadro 16** - Segunda hipótese de desenvolvimento diacrônico de predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*

Como se depreende do quadro 16, a hipótese geral 2 previa uma expansão na forma de expressão do argumento sujeito da predicção não-verbal, de constituinte nominal a constituinte oracional, acompanhada da mudança semântica desse argumento, que passaria a codificar não só indivíduos, mas estado-de-coisas e proposição. Essa expectativa foi confirmada pelos resultados obtidos e, além dos fatores *forma* e *semântica do argumento sujeito da predicção não-verbal*, o *tipo de predicado não-verbal* também se mostrou determinante nesse processo, pois sofreu alterações, na medida em que, nos séculos mais pretéritos, integrava mais frequentemente a classe dos qualificativos, a qual, com o passar do tempo, se expande para classe dos avaliativos, incluindo, hodiernamente, adjetivos modais.

O fato de o processo de extensão observado nas predicções não-verbais encaixadas dar-se sob uma perspectiva *paradigmática*, conforme procurou-se demonstrar no quadro acima referente à segunda hipótese e nas trajetórias de (157) a (159), constitui evidência para a defesa da *analogia* como mecanismo motivador da mudança sofrida pelas predicções não-verbais ao longo dos séculos (cf. HOPPER E TRAUGOTT, 2003, p. 68). Assim, de modo oposto à proposta de Lehmann (1988), que prevê um percurso de mudança unidirecional de dessentencialização para as predicções verbais, que passam de um polo finito a não-finito até



vir a constituir uma nominalização, os resultados alcançados na presente pesquisa atestam uma trajetória contrária. Resultados semelhantes são discutidos por Traugott (1998), para quem a expansão de escopo constitui um critério produtivo na identificação do fenômeno da gramaticalização.

Essa trajetória, portanto, permite visualizar que configurações mais genéricas, por exemplo, relação entre sujeito e predicado, podem dar origem a outros padrões. Conforme destaca Bybee (2010), essa é uma estratégia cognitiva da língua muito produtiva para a constante renovação do sistema linguístico.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo investigar um tipo de construção em que, no predicado avaliativo *achar*, se encaixa uma predicação não-verbal simples (tipo 1) ou complexa (tipo 2), estruturada por um predicador adjetival com e sem recurso à cópula.

A hipótese inicial que guiou este trabalho é de que as predicções não-verbais reduzidas constituem um complexo oracional fortemente integrado do ponto de vista sintático, semântico e pragmático, quando se contrasta esse tipo de predicação a sua contraparte desenvolvida (PARREIRA, 2014).

Baseado nos pressupostos teóricos da gramaticalização, especificamente, da gramaticalização de orações complexas (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), este trabalho procurou verificar primeiramente se essa hipótese defendida em Parreira (2014) poderia ser mapeada diacronicamente, o que permitiria, sem desconsiderar a trajetória de gramaticalização proposta por Lehmann (1988) para predicções verbais encaixadas, verificar se essa trajetória se aplicaria às predicções não-verbais encaixadas no predicado *achar*.

Com a revisão de literatura, aventou-se uma segunda hipótese, já que a escala proposta por Lehmann (1988), que serviu de inspiração à presente pesquisa, está assentada em critérios essencialmente morfossintáticos, razão que levou a suspeitar que sua trajetória dificilmente seria mapeada diacronicamente se se considerasse a interação de aspectos semântico-pragmáticos e aspectos estruturais envolvidos nas construções em análise. Assim, ao levar em conta fatores de ordem semântica e pragmática, chegou-se à formulação da segunda hipótese da pesquisa, que conduziu à investigação de um percurso de mudança exatamente contrário ao previsto pela hipótese 1, pois, se se considera que o sentido mais concreto do verbo *achar* é a fonte para o desenvolvimento do sentido mais abstrato (epistêmico), a complexidade semântico-cognitiva e estrutural do argumento da predicação não-verbal encaixada acompanharia o processo de abstratização do verbo matriz.

Com base em dados de pesquisa oriundos de *corpora* diacrônicos da língua portuguesa, os resultados encontrados na investigação de sincronias dos séculos XIII ao XXI revelaram um percurso oposto ao idealizado na primeira hipótese e congruente com o previsto na segunda hipótese. Verificou-se, nas sincronias mais pretéritas, a existência de predicções não-verbais simples reduzidas que se encaixam no padrão em que o verbo *achar* expressa processo com a acepção de “encontrar”. Conforme se argumentou, esse padrão, caracterizado por manter na construção encaixada relação entre um predicado adjetival e um argumento nominal, é a fonte a partir da qual emergem padrões mais abstratos recorrentes na fase moderna do português, sobretudo na sincronia do século XXI, período em que predicções não-verbais complexas finitas ocorrem com acentuada frequência em contextos nos quais *achar* expressa avaliação.

Justifica essa mudança a atuação do processo cognitivo de domínio geral conhecido como *analogia*, na medida em que a abstratização de sentido sofrida pelo predicado *achar* atinge toda a predicção não-verbal nele encaixada. Assim, a abstratização leva à alteração semântica do argumento sujeito da predicção não-verbal encaixada, o qual passa a codificar entidades mais abstratas, do tipo estado-de-coisas e proposição, e também do tipo de predicado não-verbal que se aplica aos argumentos encaixados, que expande a classe semântica e os tipos de cada classe, passando a incluir adjetivos avaliativos e modais.

Essas constatações corroboram a proposta de Bybee (2010) que apresenta uma nova forma de compreensão do processo de mudança linguística, visto que, de acordo com a autora, sob a nova conceituação de gramaticalização em um modelo baseado no uso, a mudança atinge forma e significado da construção em sua totalidade, e não apenas parte dela. Pautada nessa perspectiva, a presente pesquisa permitiu comprovar como a gramática das línguas pode refletir a relação do homem com a linguagem, visto que experiências mais concretas com a realidade (“achar um objeto em algum estado”) possibilitam a organização de experiências

mais abstratas (“achar/avaliar ideias”) a partir de estruturas pré-existentes na língua, como a relação de predicação entre argumento e predicado em predicação não-verbal encaixada.

Tendo em vista a trajetória de expansão estrutural e semântica comprovada nesta pesquisa para as predicções não-verbais encaixadas no verbo *achar*, faz-se necessária, em uma investigação futura, a realização de um estudo que verifique se esse percurso pode ser validado também para outros predicados da mesma classe semântica de *achar* que também funcionam como encaixadores de predicções não-verbais, tais como *considerar*, *julgar* e *parecer*.

## REFERÊNCIAS

- BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. In: \_\_\_\_\_. **Usage base models of language**. Standford: CSLI Publications, 2000.
- BORBA, F. S. (Org.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 1990.
- BRAGA, M. L. **As sentenças complexas no dialeto carioca**. Relatório CNPq, 1999.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602–623.
- \_\_\_\_\_; FLEISCHMAN, S. (Ed.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português Falado: vol. II. 3. ed.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p. 213-260.
- CEZARIO, M. M. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- \_\_\_\_\_. Complex and derived constructions. In: \_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- FORTILLI, S. C. **As predicções não-verbais no português falado no interior do Estado de São Paulo**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- FREITAG, R. M. K. et al. Controle do gênero textual/seqüências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. **Odisseia**, Natal, n. 3, p. 1-23, 2009.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 00, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244501999000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000100004&lng=en&nrm=iso) >. Acesso em: 26 jan. 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013. p. 13-39.

GALVÃO, V. C. C. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. 1999. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. The binding hierarchy and the typology of complements. **Studies in Language**, Philadelphia, v. 1, n. 4, p.333-377, 1980.

\_\_\_\_\_. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-222.

\_\_\_\_\_. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**. V. II. Amsterdam: Benjamins, 1990. v. 2.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: Chicago of University Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. [Coord.]. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. São José do Rio Preto: GPGF, Instituto de Biociências e Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista: [2007]. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: 20 set. 2017.

GONÇALVES, S.C.L. et al. **Introdução à gramaticalização**. Princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_; SOUSA, G. C; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016. v. 5, p. 69-121.

\_\_\_\_\_. Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita. **Revista da ABRALIN**, v. 10, p. 87-111, 2011.

\_\_\_\_\_. Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português. In: SOUZA, E.R.F. (Org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, v. 2, 2012. p. 93-118.

\_\_\_\_\_; SOUSA, G. C. Orações substantivas em função de sujeito e de objeto nas fases arcaica e moderna do português. **Revista Linguística: revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 9, n. 2, p. 46-61, dez. 2013.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University Chicago Press, 1991.

\_\_\_\_\_. From cognition to grammar: evidence from african language. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 149-187.

HENGEVELD, K. **Non-verbal predication: theory, typology, diachrony**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

\_\_\_\_\_; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: \_\_\_\_\_.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: – construção do texto falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 89-132.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar. I: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In.: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS E SILVA, R. V. **Programa para a história da língua portuguesa: PROHPOR**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1992.

\_\_\_\_\_. Teorias da mudança linguística e sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, v. 3, p. 39-53, 2008.

NEVES, M. H. M. **A gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 6, p. 163-200.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description: complex constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 43-140.

PARREIRA, A. C. L. **Gramaticalização de orações avaliativas completivas do verbo achar**. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

PRINCE, H. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

RAPOSO, E. B. P. et al. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença: Instituto Nacional do Livro, 1992.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se**. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 16, n. 2., p. 19-35, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-2.pdf>>. Acesso: 8 jun. 2017.

THOMPSON, S. A.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenthetical in English. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 314-329.

TORRINHA, F. **Dicionário português-latino**. 2. ed. Porto: [s. n.], [1939?].

TRAUGOTT, E. C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Ed.). **The Limits of Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 229-272.

TRAVAGLIA, L.C. **Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos**. Estudos Linguísticos, v. 30, 2001, p.1-6. (revista publicada em CD-room: Artigo 200). Disponível em: <[http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/artigo\\_da\\_distincao\\_entre\\_tipos\\_generos\\_subtipos\\_de\\_textos.pdf](http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/artigo_da_distincao_entre_tipos_generos_subtipos_de_textos.pdf)>. Acesso em: 2 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista do GELNE**, v. 4. n. 1/2, p. 29-34, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9112>>. Acesso em: 2 set. 2017.

\_\_\_\_\_. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 39-79, 2007. Disponível em: <<seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1426/1127>>. Acesso: 02 set. 2017.



VOGT, C.; FIGUEIRA, R. A. Dois verbos achar em português? In: VOGT, C. **Linguagem pragmática e ideologia**. São Paulo: HUCITEC, 1989. p. 165-210.

VOTRE, S. J. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: \_\_\_\_\_; CEZARIO, M. M.; MARTELORTTA, M. E. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. p. 11-49.

WERNER, H.; KAPLAN, B. **Symbol-formation**: an organismic developmental approach to language and the expression of thought. New York: Wiley, 1963.

## TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do autor